



P. a. hisp. 745 (1)

Figueiredo



D. A. do Siquira 1.º P. da C. e Corte de S. A. R. o P. Reg. ine.

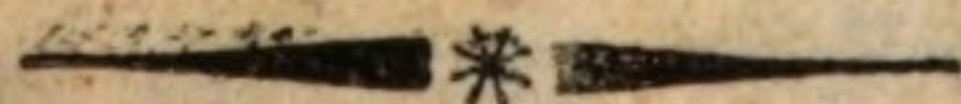
G. F. de Quirós sculp. 1805.

Didicit patriae quid debeat.

OBRAS POSTHUMAS
DE
MANOEL DE FIGUEIREDO,
OFFICIAL DA SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGOCIOS
ESTRANGEIROS, E DA GUERRA,
ENTRE OS ARCADES DE LISBOA
LYCIDAS CYNTHIO.

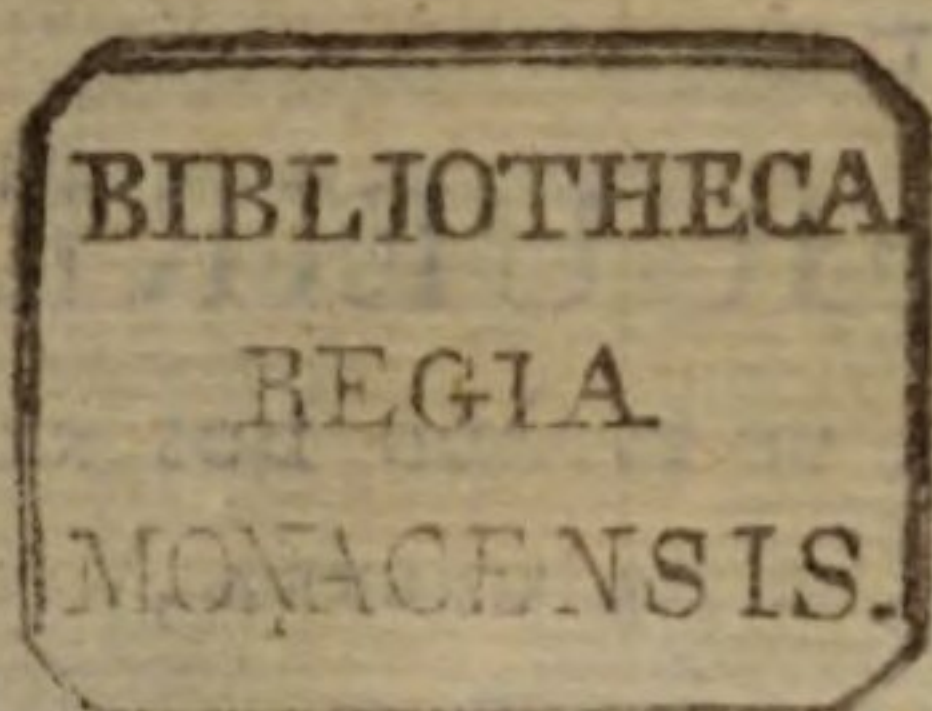


LISBOA
NA IMPRESSÃO REGIA



M. DCCC. IV.

Por Ordem Superior.



A ELREI NOSSO SENHOR
D. JOSÉ O I.

S E N H O R

A NDOU sempre tão unida a Felicidade do Governo com o Exercicio das Artes, que lhes não distingue as épocas a Historia; refere-nos com menos assombro a destruição de Thebas pelo grande Alexandre, do que o respeito, que elle teve á casa de Pindaro. A restituição, que Augusto fez em contemplação de Virgilio, lhe foi mais gloriosa do que a conquista de Mantua. Devo Grecia aos Tragicos a moderação das paixões, e destruiu Moliere os costumes ridiculos em França.

*Taes considerações me animão a offere-
cer prostrado aos pés do Throno estes Exem-
plares, se não dignos de que VOSSA MA-
GESTADE lhes ponha os olhos pela falta
de espirito, com que são escritos, fiéis teste-
munhas da prosperidade dos seus Vassallos,
infallivel prova dos meus virtuosos desejos:
o que não deixará de merecer-lhes na Au-
gusta Benignidade aquella estimação, que
servio de estímulo aos acertos da Eneida;
pois nem os juizos dos homens são indepen-
dentes da protecção do Principe.*

VOSSA Magestade confirmou a
graça, que seu Grande Pai me havia confe-
rido no seu serviço, honrando aquella acção,
e dando-me o desvanecimento de lograr nesta
segunda mercê o titulo de creatura de VOS-
SA Magestade. Satisfaço as obriga-
ções de Criado com o prestimo que permite
o ministerio, em que me collocou a Fortuna,
e como Vassallo restituo a VOSSA MA-
GESTADE aquelle tempo, que ellas me
deixão livre nestas applicações, que julgo
vantajosas á minha Patria, e de que uni-

camente me satisfarei, se com estes venturo-
sos ensaios fortificar o espirito de sorte, que
possa dignamente emprehender o sublime Can-
to das Heroicas Virtudes de VOSSA MA-
GESTADE, cuja Vida prospere o Ceo pa-
ra exemplo de Principes, e felicidade destes
Reinos.

Manoel de Figueiredo.

A O L E I T O R.

O Respeito , com que os Sabios trazarão o Público , buscando sempre modestas desculpas para a impressão dos seus Escritos , ainda certos da utilidade delles , he hum argumento tão forte contra a minha temeridade , quando pretendo dar á estampa estes primeiros esboços das minhas Poeticas fadigas , que nenhum juizo prudente deixará de estranhar o atrevimento ; mas se reflectir no quanto me seria facil encontrar algum pretexto para illudir a idéa , de que a ridicula paixão de ser Autor foi a que me conduzio , facilmente se persuadirá o Pú-

blico , quando lhe nego as satisfações , de que o sincero motivo de imprimir as minhas Obras , foi unicamente o desejo de conhecer o merecimento dellas.

A paixão , que os homens tem pelas produções do seu juizo , lhes deixa imperceptiveis os maiores defeitos. O conhecimento desta fraqueza da humanidade obriga aquelles , a quem se confia a correccão , a lisonjear o sincero Autor. A amizade he hum Juiz inculpavelmente subornado , e a differença do gosto faz que se não acordem muitas vezes os pareceres , ainda tendo as Obras a felicidade de encontrar hum candido , prudente , e agudo Censor.

Nestas difficuldades insupportaveis , a quem deseja a perfeição , e a quem conhece o quanto ella he precisa para dar merecimento á Poesia , julguei indispensavel commetter ao Público o juizo de semelhantes Obras ; assim como nas Praças de Athenas expunhão os Pintores os seus Quadros para emendalhes os defeitos. Espero que elle me não seja ingrato , deixando de empregar com zelo dos progressos desta Divina Sciencia a sua delicada Crítica nos meus Escritos , que unicamente se dirigem , guiados pelos primeiros Mestres , a desterrar abusos , animar os applicados , e a introduzir no nosso Reino a verdadeira Poesia , que mais do que a falta de genio , o desprezo das re-

gras , e o falso gosto forão insensivelmente conduzindo a hum estado tão lamentavel , que o juizo , que os Estrangeiros fazem dos nossos antigos Poetas , he que tornará a pôr nas mãos dos Portuguezes os Ferreiras , os Bernardes , os Mirandas , e os Rodrigues.



O D E I.

RObusta Mocidade, que comprehendendo
A subida escabrosa do Parnaso,
Não temes precipícios:

Que impressa no juizo tens a Carta,
Que Aristoteles fez sobre as memorias
Dos mesmos habitantes:

Daquelles, que subião, que baixavão
Por diversos caminhos, e veredas,
Sem fadiga, e sem pejo:

Lê gostosa os meus Versos, porque nelles
Hum companheiro mais vês ao teu lado
Nas raizes do Monte.

Grandes Genios, Espiritos Divinos,
Que lynces penetrais da Natureza
Os escondidos seios,

Que desfructais das Musas lá no cume
As graças com pureza, o que a tão poucos
Permitte o Deos zeloso:

O Deos, que por mil Sabios invocado,
Nem sempre lhes responde, e chamão nescios
Com tanto atrevimento:

Lêde os meus Versos: nelles imitados
Vos vereis, que o permite a debil genio
Longo tempo de estudo.

Filosofo, que empregas sabiamente
O juizo profundo, e as Leis de Apollo
Nos dictas mais correctas:

Que repartes o louro do Parnaso
Sem paixão, sem inveja, e sem desejo.
De ornar com elle a fronte:

A quem Poetas loucos sempre negão
Aquella autoridade, com que sempre
Falla o desinteresse:

Corrige, sim, corrige estes meus Versos:
Os que melhor souberão da minha Arte,
Nunca forão Poetas.

Longe, longe profanos, longe, longe
Duros troncos, madraços, e pedantes,
Que presumis de Sabios:

Que apenas viste Cicero nas Classes,
Que o Filosofo só pelos Elenchos
No Pateo conheceste.

Longe, longe Viveiro inextinguivel,
Que das vozes do Oraculo pendente
Jurastes a ignorancia:

Cameleões humanos, que do vento
Vos sustentais, mudando de juizos
Como aquelles de cores.

Fugi de mim, Satyricos, os cornos,
O quadril gadelhudo, o pé de cabra,
Faz desmaiar a Musa.

O D E II.

Ó Pastores do Ménalo, subamos,

Subamos ao Parnaso :

Deixai o canto, armemos sem demora

Os valentes rafeiros ;

Vós os destros na funda, escolhei pedras,

Não percamos instante.

Os ferrados bordões tomemos todos,

Subamos ao Parnaso :

Os Satyros , os Faunos , e as Harpyas

Precipitão do Monte

Os seus antigos sabios habitantes ;

Não me engano , Pastores :

Senti c'os infernaes ardentes fachos

Estalar os loureiros :

Eu vi das brancas azas do Pegáso

Subir a labareda ,

E despenhar-se o bruto desde o cume

Nas raizes do Monte ;

Dalli Celeno os dentes, e as curvadas
Sanguinolentas unhas
Aferrando no gume do espinhaço,
Como a astuta Cegonha,
Os insectos eleva; semivivo
Arrebata o quadrupede.
Os innocentes Genios, coitadinhos,
Pelos ares chorando
Vão todos juntos, pavidos, e errantes,
Conforme o vento os leva.
Como outras vezes tímidas as Musas
Fugião, perseguidas
Dos Satyros lascivos, assustadas
Da enorme catadura;
Assim vão c'o temor das brutas iras
Buscando estranhas covas.
Em quanto se detem muitos dos Faunos
Escavacando a terra,
Pretendendo arrancar pelas raizes
Os desfolhados troncos,
E dos grossos calabres, que lhes atão,
Pendurados forcejão;
Os Satyros, trepando huns sobre os outros,
Lançarão mão da Lyra;

Da milagrosa Lyra, que os furores
Das chammass respeitárão.
Filosofos, Poetas, Oradores
Em confusa desordem,
Dando as mãos os mais moços aos mais velhos,
Pizão do Monte a falda;
E sobre elles chovendo vem da altura
Desconformes penedos:
Huma espantosa Furia embravecida
C'o tremendo azurrague
Das serpes retrocidas, perseguia
A peregrina Sapho,
Por arrancar-lhe os doces instrumentos,
Com que fuge abraçada.
Parece que ainda escuto os lastimosos,
Desconcertados gritos.
Subamos, sim subamos . . . mas que vejo!
Ah desgraçado Homero!
Voltai caras, Pastores; vede, vede
A misera caterva
Do Grego conduzida; o pobre cego
C'os braços estendidos,
E levantando as plantas desconforme,
Prevenindo os tropeços.

Democrito vem rindo ; que estranheza !

Demosthenes choroso.

Corramos já , corramos , que Poetas

Não seremos , Pastores ,

Se estes Sabios do Ménalo contentes

Se esquecem do Parnaso.



O D E III

Deixa , Menalcas , deixa o grande Mundo
Entretido na gloria
De fazer Corte aos Reis , e dos valídos
Buscando o vil suffragio.

Deixa o espirito baixo , que invejoso
Da brilhante Fortuna ,
Faz da infamia degrãos para alcançalla ,
Vai pizando a Virtude.

Deixa o rendido amante , que se esquece
Do bem da liberdade ,
E funda todo o gosto , toda a gloria
Na fé da bella Ninfa.

Deixa o sordido Avaro , que ditoso
Se vê , quando sepulta
Aquelle ouro , que tem desenterrado
Differente cubiça.

Deixa o rico Morgado, que outras gentes
 Não vê mais que as do Feudo;
E se entre racionaes está, parece
 Mais brutal, do que humano.

Deixa o que fez figura, retirado
 No chavascal indigno,
Porque occulte os projectos bem notorios,
 Com que rio todo o Mundo.

Deixa do Lavrador a vida ingrata,
 Bem que a celebrem tantos,
Porque já para nós tem de penosa
 Quanto tem de innocente.

E vem buscar no Ménalo as doçuras,
 O agradavel descanso,
Que consegue a qualquer Pastor a sábia
 Moral Filosofia.

Alli verás, que longe dos profanos
 Se conhece a Verdade,
Que debaixo de affectos lisongeiros
 Esconde o falso Gosto.

Alli verás da lei da Natureza

A candida innocencia :

Os homens as acções dos outros homens

Regular por si mesmos.

O trágico successo , a Moral santa ,

O effeito da Virtude

Corrigirão paixões , que em nós descobre

A fragil Natureza.

O doce canto , o heroico pensamento ,

A ridicula scena

Te farão esquecer de quanto julgas

Atégora agradável.

Lá verás da Rhetorica os preceitos

Na fonte da Oratoria ,

E das Musas os mais favorecidos

Poetas imitados.

Os modelos de Gregos , e Latinos

Nas mãos de seus Pastores ,

E venerados mais pelo talento ,

Que pela idolatria.

Alli buscando todos o suffragio
Da Crítica precisa,
Não mostram nas repulsas o indiscreto
Amor de seus escritos.

E se tanto interesse não renova
Teus antigos desvélos,
Menalcas, olha ao menos quanto perdes,
Nunca ouvirás Elpino.



O D E IV.

DA-me a dourada Lyra , e mais suave
Respire acorde facil instrumento ;
Levante a debil voz hum tom mais grave,
Aparta o fingimento.

De illustres invenções he bem que animes
Os que queirão cantar de outros a gloria ,
O meu distinto Heróe tem mais sublimes
Ornatos na Memoria,

Não te espantes de ver-me enfurecido ,
O' tu do sacro monte alta Deidade ;
Pois se atégora fui Vate fingido ,
Hoje canto a verdade.

Canta comigo Apollo , e a Deosa alada ;
Cante o illustre Silva , cuja fronte
Vê nas margens do Téjo levantada
O novo Thermodonte ;

O Danubio gelado, o Tybre ameno,
O Sava inda vermelho, o Sena undoso,
O Tamisis florido, o inchado Rheno,
O Bétis caudaloso:

Vê nas margens do Téjo coroada
De brancas palmas, de viçosos louros,
De mil festivos Genios rodeada,
De prósperos agouros.

Do fatal inimigo o sangue ardente
Ennobrece da espada o guine vivo,
E nos escritos mostra a douta mente
Mercurio pensativo.

As veneraveis cans tem requebrado
Das margens do Danubio a forte Egina,
O prudente juizo consultado
De Iberia a sábia Istrina.

O grande Lambertini do alto Solio
Tantas pias virtudes respeitando
A Alma c'os puros bens do Sacro Espolio
Foi santamente ornando.

Longe de espantos de animos pequenos;
Dos Heróes revolvendo a larga Historia,
Hoje vê com semblante, e olhos serenos
Os trabalhos da gloria.

Sempre da céga Deosa o negro vulto
Tantos feitos olhou, porque não seja
De tão clara virtude o estranho culto
Motivo á torpe Inveja.

Vive gloria da Lysia; e se os discretos
Retratos dos Avós nos filhos deixas,
As prateadas cans vejas dos Netos
Nas douradas madeixas.

E tu suspende a rápida torrente
Das divinas porções do humor sagrado,
Se não queres, qual outro Icaro ardente,
Ver-me precipitado.



ODE V.

Nos estupendos Fastos, nas Memorias
Da guerreira, e da sábia antiguidade,
Quem distingue do Tempo, e das victorias,
Não disputa a verdade.

Já nos confirma o Seculo guerreiro
Quanto estava na fé dos Escritores,
Já não teme a razão, que o lisonjeiro
Exalte os vencedores.

De Cesar, de Alexandre os grandes feitos
Nos archivos da Fama sepultados,
Apenas são de tímidos respeitos,
Apenas venerados.

No templo do Valor, com frio susto
Já teme o bronze, os marmores, e os cedros,
Que preservão do Tempo o sacro Busto
Dos Carlos, e dos Pedros.

O grande Frederico penetrando
Os segredos fataes da triste guerra ,
Novos estratagemas praticando ,
Vai assombrando a terra.

Depois de haver dictado a todo o Mundo
Os preceitos de Apollo , as Leis de Marte ,
Justifica no estrago furibundo
As evidencias da Arte.

A mesma Heroicidade já se préza
Dos acasos do cégo atrevimento ;
Tanto póde o terror , que já a defeza
Se tem por vencimento.

As caras volta o Povo mais austero ,
Os famosos Suecos destemidos ,
O bellico Saxonio , o Russo fero ,
Os Francos atrevidos.

De passados successos a memoria
Estragou já de sorte a confiança ,
Que respira nos pasmos da Victoria
O temor da vingança.

Eu vejo o Assombro, a Fé constante vejo
Com seus longos pescóços estendidos,
Que precisa a vangloria do desejo
Dos écos repetidos

A tanto Frederico tem chegado,
Pelas palmas trocando os verdes louros,
Já no Templo da Gloria he collocado,
Pizando os máos agouros.

Aqui tens o inimigo, que venceste,
Illustre Daun: contempla em vez da gloria
Aquelle grande Heróe, que sorprendeste,
Duplicando a Victoria.

Mal declaro a Virtude, e o genio altivo,
Que te animão, desculpa generoso,
Não pôde a Musa dar outro mais vivo
Retrato bellicoso.



O D E VI.

Ao Amor.

HA tres lustros, que armado
Da setta penetrante,
E d'este arco dourado,
Seguindo as Leis de amante,
As maximas peritas,
Que tu me déste escritas:

Conquistei da Belleza,
As mais divinas graças,
Não temi a dureza,
Firme o peito ás desgraças,
Enchi de vaidade
A juvenil idade:

Pendentes nesse Templo
Vês os troféos amantes,
Que hoje servem de exemplo,
De estimulos constantes
A tantos nainorados
Firmes, e desgraçados:

Permitte que prostrado
A fina setta de ouro,
Este arco celebrado
Te entregue sem desdouro,
Pois temo que a innocencia
Lhe deslustre a violencia.

Ou junta áquelle escrito,
(Já que por Lesbia choro,
Por Lesbia morro afflicto)
A maxima, que ignoro,
Com que possa inda amante
Soffrer huma ignorante.



O D E VII.

DE dous peitos constantes,
Dignas acções de gloria
Cuvireis hoje, amantes,
Sem que péze á memoria
Conservallas por credito da Historia.

Não já de extremo ingrato
Ou de ímpia fineza,
Com que Amor faz seu trato
No excesso da firmeza
Horroroso, e fatal á natureza.

Não já de molle effeito,
Com que céga a vontade,
Faz vangloria o defeito,
Julgando heroicidade
Sacrificar á Amor a liberdade.

Mas sim de affecto nobre,
Aonde Amor violento,
Que mal o zelo encobre;
Conserva entendimento
A fazer sempre illustre o sentimento.

Mas sim de extremo fino,
Que salvando a apparencia,
Assegura o destino,
Sem que chegue a violencia
A ultrajar nos excessos a decencia

Vio nos olhos de Almeno
Huma Nynfa constante;
Amor casto, e sereno;
E Almeno a víra amante,
Se ella como as demais fora inconstante;

Porém já de outro objecto,
De outra paixão rendida,
Deixou gemer o affecto,
Até que a fé perdida,
Sem ser mudavel, foi compadecida.

Por troféos da Victoria,
Prevenindo as contendas
Do zelo ; com vangloria
Faz das antigas prendas
Ao novo amante candidas offrendas.

Elle de amor ferido,
Bem que a fineza estima;
Da gloria combatido,
Alenta, e desanima,
Mas a fallar á Bella assim se anima:

„ Quanta gloria contemplo
„ Nesse effeito extremoso,
„ Venho a perder no exemplo
„ Póde ser-te horroroso
„ O que huma vez fizeste venturoso!

„ Se chega aquelle agrado
„ A combater o puro
„ Affecto desgraçado,
„ Que em mim viste seguro,
„ Facil te mostras, quando elle he perjuro.

„ Mostras-me em tal fineza ,
„ Quando a paixão me esconde
„ Defeitos na belleza ,
„ O caminho , por onde
„ Aos affectos a injúria corresponde.

„ Que hum peito generoso ,
„ Como o he , Nynfa , o teu peito ,
„ Se está de amor queixoso ;
„ De amor no duro effeito ,
„ Sempre mostra lembranças do respeito.

„ Sente constante a offensa ,
„ Mas a vingança occulta
„ Na illustre differença ;
„ Bem que o desprezo avulta ,
„ Estranha a ingratição , mas nunca insulta.

Mas a Nynfa constante ,
Que o não vê satisfeito
Daquelle excesso amante ,
Lhe diz : „ Por teu respeito
„ Pouco importa que em mim veja hum defeito.

Foi logo a Cloris dando
Do inconstante Filinto
As reliquias ; mostrando
No amante labyrintho
Sem horrores do exemplo o amor extinto.



O D E VIII.

S Abes que sempre
Neste meu peito
Viveo sujeito
O Deos do Amor:
Pois já tyranno
Contra o motivo,
Feroz, e altivo,
Diz que he senhor.
Vio a Amizade,
Conio a tu viste,
Zomba do triste
Competidor.

Quando te chóro
Fero, e distante,
Põe-me diante
Belleza, e fé.

Por convencer-me,
Pasma-se a gente,
Até prudente
O Amor se vê!
Eu ás disputas
Não respondia.
Eu bem queria,
Não tinha que.

Mas a Amizade
Cala o desgosto,
Quando no rosto
Vê que o temi.
Encobre o susto,
Move a contenda,
Tira-lhe a venda,
Que cousas vi?
Diz que as encubra
Sempre aos amantes;
Mas como d'antes
Do Amor me ri.



O D E IX.

Que estranhas cousas vejo!

E como de repente

Se encrespa o manso Téjo,

E vai contra a corrente

As lagrimas levando atrás da gente!

E como o vento leve,

Que em delicados gyros

Espalha a branca neve,

Se vai destes retiros,

Levando-te soluços, e suspiros

Lá vem a nevoa fria

Cubrindo os horizontes,

Nem vê já no alto dia

O caminhante as pontes,

Nem branquejar a Aldeia sobre os montes.

As alegres Napéas
Que tão contentes via
Sobre as finas arêas,
Passão a noite, e o dia
Na triste escuridão da cova fria.

As invejosas Nynfas,
Que forão mascaradas
Escandalo das lynfas,
Estão sempre encovadas
Do Satyro lascivo acompanhadas.

Geme a triste donzella,
Que está de Amor ferida,
Na rigida cautela,
Pois antes da partida
A Mãi a tinha menos opprimida.

Estão contando as horas,
Puxando o crespo fio,
As miseras Pastoras,
E lembrão-lhe o desvio
Os amores do cão, do touro o cio.

Vejo murchas , e tortas
As ervas , que plantava
O mesmo Deos das Hortas ,
Tanto se namorava
Dos Hymnos , que seu dono lhe cantava.

Não fez estrella errante
Movimento apressado
No Globo azul de Atlante ,
Que não tenha o cuidado
Do solitario C contemplado.

Porta não póde achar-se
No Templo de Cupido ,
A que por alegrar-se ,
Ou louco , ou pervertido
Não tenha o triste L batido.

Movei-vos aos clamores :
Vinde , vinde apressados
Lograr vossos amores ,
Ausentes namorados ,
Dando á antiga paixão novos cuidados.

O D E X.

E Sta minha cabeça anda ha dous dias
Como a de qualquer Dama,
Estudando ridiculas posturas:
Servindo-lhe de espelho
Huma dôrzinha tal, que nem socego,
Nem somno me permite:
Se alguma vez espirro, toda a casa
Se aturde c'os meus gritos.
Bem que os nojentos moncos se despenhão,
Como huma criancinha
Ou muito rabujenta, ou mal criada,
Eu me assusto do lenço.
Deixei de ler as Satyras de Horacio,
Unico refrigerio,
Porque os froxos de riso me levavão
O casco pelos ares.
Se me quero sentar, ou me levanto,
He sempre com mais tento

Do que os déstros Navarros, quando fazem
Diffíceis equilíbrios;
Mas, Corydon, não julgues que abatido
Me tem tão fortes dores.
Se Estoico não sou para estimallas,
Christãmente as supporto:
Em lugar dos Arvellos, dos Soares,
Escrafetons Guilhermes,
Quem tal presumiria! Só me lembro
Do José da ama Paula.



O D E XI.

SE acaso as grandes cheias não levárão
As choças, e as cabanas:
Se no Ménalo acaso algum loureiro
Escapou da tormenta:
Se os Pastores se vão já consolando
Das perdas, que tiverão:
E se os doces acordes instrumentos
São por entre os ramos
Dos alamos, que vi com tanto gosto
No teu verde cerrado:
Por tua vida, Corydon, não deixes
De dizer-me com tempo,
Quando poderei ver na nossa Arcadia,
Supposto que sem gado,
Os Pegureiros juntos: não presumas,
Que já para entretellos
C'o mordaz arripia da çanfona:
Saltou-lhe o cavallete
Com estas humidades, ha tres dias:
Hoje mandei por ella,

E respondeo-me o Mestre, que grudallo
He trabalho perdido,
Em quanto se não muda o bom do vento :
Eu não sei de que parte
Elle se deve pôr, para não ser-nos
Sempre em tudo contrario.
Lá me perdi: tocando nestes pontos,
De todo me confundo.
Quero dizer, que para consolar-me
Daquella companhia,
Necessito, meu Corydon, da tua
Atégora tão certa,
Ao recolher do gado; em meu desgosto,
Já não valem costumes:
Se eu soubera cantar, como tu cantas,
Como Camões, e Homero,
Gostoso descontára os infortunios
C'os encantos da Lyra.
Mas oh fatal estrella dos Poetas!
Que coino a dos Capados,
Choramos igualmente as mesmas faltas,
Giziellis, e Bimbos.

O D E XII.

N ão te espantes de ver-me retirado
No canto desta choça ,
Embrulhado em baetas , com dous dedos
De barba ruça , e falta :
Alegres dias passo , e longas noites
Nesta mesma postura.
A'quella porta só , só por engano
Apparece viva alma.
Já não como na meza dos amigos
A delicada sopa ,
Os frescos rabioles sazoados
C'o queijo Parmazano ,
Nem meus dentes se atolão já no tenro
Pedaco de Rostbiffe :
Huma pobre panella me sustenta
C'o perrexil da fome.
Nos Concertos , nos Bailes , e nos Jogos
Por milagre sou visto.

Já não busco o zeloso, que se nega,
Quando me vê de longe;
Comprimentos não faço a pais trombudos,
Que tem bonitas filhas:
Nem na sala do Grande, ou do Ministro
Me faço impertinente.
Contemplo a Natureza, estudo os Homens
Nestes quatro Alfarrabios:
E com tão triste vida ainda não posso
Tapar a boca ao Mundo!



O D E XIII.

EU me abraço : detém , Virgem Maria ,
Tanto divino lume , com que inflammas
Este espirito debil.

Percipitas no auxilio , ó Virgem pura ,
O vão entendimento , não conheces
A fragil Natureza ?

Comigo falla o Papa , quando teme ,
Que a ardente devoção d'alma devota
Profane o Alto Mysterio.

Senhora , és Mãi de Deos , Filha da Graça ,
Do Firmamento Estrella , entre as mulheres ,
Assombro á Natureza.

E's quanto vio João no Apocalypse ,
Quanto diz a Escritura , e tudo quanto
Ensina , e canta a Igreja.

Quanto dizem os Santos , quanto os Homens
Confissão piamente , e revelaste
Aos Bemaventurados.

Basta , basta , Senhora , elles o dizem :
Quem tiver a virtude , que elles tinhão ,
Fallará dignamente.

Nas súplicas sómente os teus louvores
A minha fé celebre. O' deste Reino ,
Venerada Patrona !

Dos Reis , que vês no Throno , a vida augusta
Olha como principio dos bens todos ,
Que espera o fiel Povo.

Por aquella Família virtuosa
Estende as mãos , as mãos , que a Deos levantas
Pelos mãos peccadores

Faze que conheçamos , que a Virtude
Não só nos leva á Gloria , mas ao Mundo
Nos traz os bens da terra.

Protectora da Arcadia , ó Virgem sábia !
Permitte que conheção seus Alumnos
O summo bem do estudo.

Que os aborreça a Esfynga , quando veja
Queimadas as pestanas , que se enoje
Dos macilentos rostos.

Que Filósofos olhem com desprezo
Os enganos do Mundo , que frequentem
Os livros mais que os homens.

Dêem aquelles a Sciencia , estes moderem
A fereza dos Sabios , nos costumes
Se lhes veja a innocencia.

E se por ti serão , Mãi pura e sábia ,
Senhores desses bens , que outra Mãi nescia
Tirou aos pobres filhos.

Por ti , ó Virgem pura , sejam puros :
Por ti , ó Virgem sábia , sejam sábios :
Por ti sejam Poetas.

E G L O G A. I.

NA agradavel campina dilatada,
Que fica desta banda sobranceira
Ao nosso Téjo, donde vai perdendo,
Pela entrada das aguas do Oceano,
A sua natural, mansa corrente:
Depois de procurar pelas cabanas
Dos mais Pastores, Corydon a Anfryso,
Que lhe faz á fogueira companhia
Já desde longo tempo, sem faltar-lhe
Huma só noite; afflicto, e descontente,
Pois d'elle não tem novas, nem mandado,
Vai petiscando fogo; e pouco a pouco
Principia a juntar-lhe huns garavatos;
Porque aquelle cuidado, com que estava
De conservar o lume, lhe parece
Que impede a fantasia, que discorre
Sempre as cousas peiores nestes casos:
Como aquelle que morre de tristeza

D

Ou pela ingratidão dos seus Amores,
Ou por occultas causas do Destino
Perde a imaginação dos seus cuidados,
Em quanto c'o cajado quer na areia
Assinalar hum círculo perfeito.

Lembrão-lhe quantos casos lastimosos
Alli tem succedido a outros Pastores;
A morte de Marcello, porque afouto
Quiz passar o ribeiro; a de Narciso,
Que ficou c'os miólos machucados,
Correndo atrás do lobo carniceiro,
Que nos dentes levava a cordeirinha,
Filha da ovelha negra; a agua do monte,
Que esta Lua tem sido avantajada,
Lhe deixa crer tambem, que alguma cheia
Descuidado o levou: seus proccderes,
Seu pacífico genio, indifferente
Aos brandos attractivos das Pastoras,
Lhe impedem que acredite outras suspeitas,
Que seriam verdade em quaesquer outros;
Ou no jogo das lutas agastados,
Ou porque algum lhe planta o pé diante
No violento exercicio da carreira,
Ou já porque a Pastora se namora

Do que levanta a perna mais asinha,
Quando faz a floreta; ou porque gosta
Que lhe acompanhe as xácaras a flauta
Suave de Micenio, e não de Ambrosio
O rabel destemperado: em taes pezares,
Grande parte da noite era passada;
E vendo que já vai fugindo a Lua,
Perde toda a esperança, toma a infusa
Para o fogo apagar; neste comenos
Eis-que Anfryso apparece, salta nelle
Como louco aos abraços; de alegria
Lhe sahirão as lagrimas dos olhos,
Com que o rosto molhou do caro amigo.
Fazem de cedro estreme hum fogueira,
E Corydon sentado no seu tanho,
Depois de referir-lhe os máos agouros,
Que tivera na falta desusada,
Nunca até então sentida na Floresta,
Lhe pede que lhe conte, se o merece,
Da longa ausencia a causa; e já sentado
Sobre a tosca raiz de hum piteira,
Saca Anfryso do peito pouco a pouco
Estas fallas, que aqui te vou dizendo.
Oh que pejo que tenho de contar-te,

Amado Corydon, minha mofina,
Que mágoa que me faz haver-te dado
Tão má noite, por causa tão minguada.
Se andára atrás de hum lobo, por dizer-me
O que furta os cabritos; que o seu gado
Fora delle mordido; se buscasse
A cabra, que empestou todo o rebanho;
Se esperasse hum coelho; se estivesse
Posto á chuva, ao sereno toda a noite,
Fiado na palavra mentirosa
De huma Pastora feia, não tivera
Receio de dizello; a muitos outros
Estas cousas succedem, somos homens,
Poucos sabem livrar-se da primeira.
Mas se hei de precisar de teu conselho,
Em vão quero encobrilho, mas não posso
Dizello sem vergonha; já to digo,
Não te espantes: eu fui ... fui ver Jerolma.

Pões as mãos na cabeça? Não to disse?
E morres por dizer-me, ver Jerolma!
Pois tu não és aquelle que fizeste
Suspender a corrente desse rio,
Por ouvir teu lamento? O que ensinaste
A' rola namorada o triste canto?

O que encheste de mágoa toda a terra.
A que póde abranger o éco sentido,
Que davão da tua queixa tantos valles?
Não és ainda aquelle, que abismado
Tens com teu desengano as mesmas gentes;
Que os teus males ouvirão, descobrindo
O modo de livrar-te de taes dores?
Mal, que até então julgámos não ter cura?
Aquelle, que disseste que primeiro
Te morresse de ronha a ovelha branca;
Se cobrisse o rebanho de gafeira;
Que máo dente de lobo o cão mordesse,
Do que ella te appareça? O que juraste
De não fallar mais nella, não compores
Sobre os seus bellos olhos hum só verso?
Deixar, só por não vèlla, de ir á feira,
E perder toda a rez, toda a cabeça,
Que desgarrada for do teu rebanho,
Misturar-se huma vez co' as cabras della?

Esse, Corydon, sou; tanto protesto,
E tanto juramento vês desfeito;
E cuidarás talvez, que fez quebrar-mos
Saber, que achava menos meus affectos,
Que chorava por mim, que interessava

A amizade de Almeno, ou de Isidora:
Pois nada menos que isso; duas letras,
Que me escreveo sem firma, em que me ordena
Com termos insolentes, que lhe falle,
Sem acceitar desculpas, logo, logo.
Que te parece, Corydon? Não julgues
Que me levasse lá o dizer das gentes,
Porque bastava ser mulher Jerolma,
Para executar logo seus mandados?
Fui por amor sómente, e tão soberbo
Fiquei c'o seu papel, como contente,
Quando lá n'outro tempo ás escondidas,
Nas cartas de Bentinha pela sésta,
A's suas letras via, e interpretava
A meu favor alguns de seus conceitos.

Embora vá, Pastor, minha fraqueza;
Embora meus estudos, pavonadas
Logrei nesta visita, que parece
Que são minhas tristezas devedoras
As minhas alegrias: ouve attento
Desde a primeira cousa, porque ás vezes
Os olhos dos Pastores namorados,
São como aquelle vidro do Estrangeiro,
Que faz de huma carraça huma santóla.

Logo que chego ao monte, vai Maricas;
Que com outras andava a colher flores,
Correndo como louca a dar noticia,
De que estava na terra; porque teme,
Que alguma antes lá chegue, já compeça
A gritar desde longe, Anfryso, Anfryso,
Como (quando a Pastora saudosa
O seu querido espera a todo o instante;
E porque a mãe não quer que saia fóra
Se não logo depois que a róca espie,
Aos irmãozinhos diz, que andão jogando
A's nozes lá no cimo da ladeira,
Que aquelle que primeiro dér noticia
Do Pastor esperado, ganha hum favo)
A' posta vão correndo, quando o bispão,
Sem dar tino do jogo, nem das vozes
Do Pastor igualmente saudoso.

Compeça-me o rafeiro a fazer festa,
Logo que chego á porta; e quando quero
Chamar, já lá de dentro me respondem,
Anfryso póde entrar: pouco te digo,
Das graças de Leonor mãe de Jerolma,
Pastora em todo o Mundo celebrada,
Sem affirmar, que nella me parece

Que estava vendo a filha ; muitas queixas
De carinho me fez com taes palavras ,
Com taes modos , que eu disse : Sou mofino ;
Sem saber responder-lhe huma desculpa
Das que fui pela estrada imaginando.
Chamou Jerolma logo , aqui está Anfryso ;
Ella responde á prèssa , eu vou , Senhora ;
Aos écos de taes vozes foi no peito
O coração pulando : e quando a vejo ,
Dentro nelle senti tamanhos baques ,
Que para não viver cuidei que fossem.
Cortejou-me sincera , mas alegre ,
E promptamente a Mãi lhe vai mostrando
O currão descozido : eu lhe respondo ,
Sinaes de quem não vive namorado.
Jerolma conhecendo as suas pontadas ,
E que aquelles cordões os mesmos erão ,
Que ella lhe tinha posto , outros procura ,
E Leonor me mandou que fosse vèllos ;
Por conhecer talvez , que o seu respeito
Me detinha os precisos desafigos ,
Que permite a decencia áquellas almas ,
Que sabem de paixão fazer virtude.
Já na mimosa pèlle da cordeira

As tisourinhas de aço luzidio
Embutidas no rico metal louro
Da déstra mão guiadas, vão cortando
Estas folhas, que vês; outra Pastora,
Que longe de Jerolma fora bella,
Aquelles pedacinhos vai dispondo
Com tal manha, e tal arte, que as malhinhos
Em coração ficárão; no alto dia
Tu não dirás senão que são pintadas.
Admiro que me falle pelo nome,
Sendo a primeira vez que ella me via,
E logo huma para outra se sorrirão,
Como fazem aquelles, que se achárão
Em algum caso célebre, quando outro
Lho vem contar por grande maravilha.
E tirando de dentro de hum cabaço,
Dos que Mendo fazia pintadinho
De minio, e de violeta aquelle tópe,
Que eisscutra me apanhou agora o anno
No dia das apostas; vai dizendo:
Tambem sei cujo foi; logo de parte
Me contou cousas certas só sabidas
Da boca de Jerolma, e só lembradas,
Quando amor deixa na alma suas imagens

Em lugar dos cordões as maravalhas ,
Que nelle vês , me poz Jerolma , agora
Saberás o motivo , por que muitas
Vezes , se reparaste , as beijo alegre.
Aqui neste lugar , porque deixasse
Iguaes as pontas , puxa o nó c'os dentes.

Chega então Melibeo que inda lembrado
Do seu antigo estado , bem que tenha
Mudado de exercicio , e de fortuna ,
Inda Pastor parece pelos fatos.
O divertido Aleixo , e vem Menandro
Mais triste do costume ; mas a causa ,
Como amor pouco tempo está encoberto ,
Vi nos olhos da amiga de Jerolma.
De ver-me todos tem contentamento ,
Qualquer gaba o gurrão , mas na monteira
Achão menos o tópe , e entre boninas
Jerolma lho mostrou no seu trançado ;
Grosseiro ornato ás flores , desconcerto ,
Que sómente a meus olhos bem parece.

Tamanha era a alegria , que não ousou
A' memoria trazer cousas passadas ,
Satisfeito de todas minhas queixas ,
Por ver Jerolma tão desvanecida

Do dominio , que logra na minha alma.
Em vão quero dizer-lhe , que outras causas
Por aquelles caminhos me trouxerão ;
Pois na prática longa tantas vezes
Me contradigo , tantas me arrebatô ,
Que fallando verdades , certifico
O mesmo que negava ; e pretendendo
A'quellas distracções buscar remedio ,
A ella mesma lhe digo , tem cuidado ;
Não o saiba Jerolma ; a sua risada
Me fez cahir em mim ; e endoudecêra ,
Se desde quando a vi , qualquer Pastora
Ella me não tivera parecido.

Lá estava outro Pastor, que era de Mantua ,
Tocava elle o rabel galhardamente ,
E a seu som foi Jerolma modulando
Cantigas estrangeiras , de Pastores
Pelo que percebi me parecêrão.
Tem lá certos tremidos , certas falsas ,
Que me tocavão na alma cá por dentro ;
Não digas que a paixão faz destas cousas ,
Que depois de acabar por grande espaço ,
Qualquer fica c'o seu queixo cahido.
Melibeo , que he lagarto , homem daquelles ,

A quem tem já ladrado muito gozo,
Que distingue a verdade da apparencia,
E que os segredos da alma lê nas caras:
Vendo o grande caminho, que havia feito,
E que hei de desfazer lá pela tarde,
Com elle quer que jante; pois se fico,
Na meza de Jerolma outro bocado
Me não sustentaria mais que a vista
Daquellellos bellos olhos, que não basta
Aos Pastores, que tem de andar caminho.
Eu logo o percebi; mas elle astuto,
Me disfarça o motivo co' a lisonja
De alguns certos manjares de meu gosto:
„ Terás sopa de azeda, hum grande tarro
„ De leite ainda fumante, molles qucijos,
„ Huns espargos terás de regadío,
„ E tudo o mais, que á meza dos Pastores
„ Não costuma faltar em todo o anno. „
Eu que tinha em Jerolma os olhos fitos,
Como ella os seus ouvidos nas palavras,
Que Melibeo me diz, no seu semblante
Esperava a resposta, que hei de dar-lhe;
O tal, que me percebe, de outra cousa
Principia a fallar, e por deixarmos

Aquellas, que em taes casos são sabidas,
Ella diz-me que vá, de má vontade,
Já pódes tu julgar se fui de boa.

Logo fóra da porta Antão topámos,
Antão era Pastor, guardava ovelhas;
Mas ha tempos deixou nosso exercicio,
Por ser contratador de bonifrates:
O çurião quer por força que lhe alborque,
Vê tu se o levaria por seus barros,
Quando fora do Téjo o metal louro
Pequeno preço á estima, em que o prézo,
Quando Jerolma não fora diante.

Arremessou-se em fim; mas conhecendo
Que elle a melhor de mim já não tirava,
Lembrado que outras vezes deste modo
Se sahio com a sua (que innocente!)
Vê tu lá que tem alhos com bugalhos.
Apanhou-me o gabão, e foi correndo;
Eu soberbo de amor, e desejando
Dar á bella Pastora maior prova
Do caso, que farei das suas prendas,
Quando elle affirmava, que seguro
Tinha o çurrão, pois nunca me daria
Aquelle fato, sem que lho entregasse:

Com desprezo na estrada vou deixando
Corno, pellico, frauta, e mais cajado,
Como aquelle Pastor, que tem segura
A cordeira mimosa da querida,
Sacrifica do lobo ao voraz dente
O formoso rebanho todo inteiro.
Foi tão galharda acção, que vendo-a Aleixo,
Menandro, e Melibeo, Pastores sabios,
Diz qualquer delles: Eu fizera o mesmo.

Voltamos de jantar, ainda que a chuva
Parece cahe á posta por deter-nos,
E logo no portal vimos Jerolma,
Que pelo que depois fez, bem nos mostra
O motivo; pegando-me do braço,
Me diz: „ Fallemos ora, antes que se encha
„ De insensatos Pastores a cabana.
„ Não presumas, Anfryso, que te chamo,
„ Por mostrar sobre ti tanto dominio;
„ Pois desde que me viste, não tiveste
„ Mais gloria que servir-me, nem mais gosto
„ Do que ver-me; assim he, teus desenganos,
„ Que esquecimento já todos cuidavão,
„ Só me fizeram ver, que tens prudencia,
„ Que me não tens amor, isso he loucura.]

„ Não me digas agora se o conheço ,
„ Que ingrata , que soberba , que vaidosa ,
„ Amada quero ser , sem amar nunca ;
„ O modo de tratar-te sempre o mesmo ,
„ Aquella estimação dos teus agrados ,
„ O mesmo gracioso desengano
„ Bem te mostravão , que naquelle tempo
„ Se te não quiz , foi porque não podia :
„ Se menos te estimára , não disseras
„ Que jámais te paguei tuas finezas ;
„ Pois custando-nos pouco o fingimento ,
„ Te faria dizer que te deixára.
„ Não queiras saber mais , o premio junto
„ Conseguirás agora ; se me foges ,
„ Repara que és ingrato ; quanto tempo
„ Duvidares de crer-me , tanto perdes ; „
E apertando-me a mão , diz que são horas
De recolher o gado , e que me ausente ;
Que quando torne a vèlla , lhe levasse
Posta em versos a scena que passámos.
Beijo-lhe a mão ; tremendo que me engane ,
Huma palavra só lhe não respondo ,
E já da companhia despedido ,
Vim marchando contente , em quanto a vejo

No muro do cerrado debruçada ;
Mas logo que desci do monte ao valle ;
Voltando para trás , que não a vejo ,
Juro-te , Corydon , nem mais hum passo
Pude fazer : repara que loucura.
Subo outra vez ao monte ; mas debalde ,
Até que anoiteceo , lá estive posto ,
Só por ver se outra vez tornava ao muro.
Agora diz-me , tu , que juizo fazes.

Mas Corydon , que o vê louco , e perdido ,
Conhecendo , que então se mallograra
Qualquer conselho , diz que pela sésta
Lhe fará seus avisos : sobre a palha
Vão passar pelo somno , em quanto o dia ,
Que já vem trás dos montes descobrindo
O carreiro aos Pastores cuidadosos ,
Faz gostar a outros gados a frescura
Da relva mais mimosa , antes que os raios
Do Sol torne em vapor o beneficio ,
Com que a Aurora modera seus ardores :
Mas eu , que de de a choça os ouço , e vejo ,
Sem delle ser sentido , deste modo
Espreitando andarei , té que descubra
Em que isto pára ; e logo na soalheira ,

Quando Anfryso estiver do desengano
Dando leis, pondo exemplos em si mesmo;
Apontando c'o dedo para elle,
A todos farei rir, soltando a praça.



E G L O G A II.

ANtes que algum Pastor com máo sentido
Te queira chocalhar minha a!egria,
De inveja de me ver favorecido;

Lê Jerolma estas letras, bem pedia
Que lá fora em pessoa o meu cuidado;
Mas deo o Maioral nesta mania.

Vio que antes do costume encerro o gado,
Ou disse-lho o tinhoso de Callixto;
Pegou-se-me com grude o tal mingoado;

Mas delle certamente não vem isto,
Vem da negra mofina, que parece
Que em minhas cousas só o faz previsto.

Vai Martinho aos saráos, não apparece
O bom do Maioral em toda a noute;
Eu quero ver-te, logo se conhece.

Se outros faltão, tem outro que os acoute;
Porém eu que não sou da companhia,
Para ter culpas, basta que me afoute.

Se o gado interiçasse a neve fria,
Oxalá! se o mordesse a imiga féra,
Morrer á mingoa Anfryso o deixaria.

Eu te juro, que só se lá estivera
Aquelle cabritinho teu malhado,
Por livrallo, da choça os pés movêra.

Desculpa-me, se estou muito agastado;
Não o fui da primeira, nem segunda;
Mas isto he já chover sobre molhado.

Eu torno a começar, não te confunda
Minha alegria, sem que seus motivos
Escutes, até ver no que se funda.

Apparece hoje a Aurora com tão vivos,
Tão risonhos jámais vistos albores,
Que nos deixou a todos pensativos.

Os mais velhos, os mais sabios Pastores,
Das choças vão sahindo estremunhados,
Julgando ser do Sol taes resplendores.

Os Astros já não vêm, que afugentados
Costumão ser sómente, quando Apollo
No Ceo nos mostra os seus crespos dourados.

Qualquer julga, que a Aurora no outro pólo
Seus raios lhe furtou traidoramente,
Quando estava dormindo no seu cóllo.

Eis-senão quando venios lá no Oriente
O grande Astro, Jerolma, pela Aurora
Julgarás como vinha reluzente.

De todo perde o Téjo a voz sonora,
Gelado nos parece pelo manso,
Jámais tão crystallino, como agora.

Sentimos todos n'alma tal descanso,
Que a ninguém lembra o gado, até se esquece
O Pescador de visitar o lanço.

Do Rouxinol o canto nos parece
Mais meloso do que antes, toda a terra
Com seus mimosos pastos reverdece.

Nem pela mãe huin só cabrito berra;
O Zefyro não sopra lá do monte,
Murmura o valle, nem branqueja a serra.

Pede o rapaz ao velho, que lhe conte
A grande causa destas maravilhas,
Elle não tira os olhos do Horizonte.

Dispersos estão todos a quadrilhas
Em grandes pasmatorios, encostados
Huns nos cajados, outros nas forquilhas.

Mais a confusão cresce, quando os gados
Não pégão na ferrá, nem no lentisco,
Que não deixão da relva já abastados.

As ovelhinhas vão buscando o aprisco
De si mesmas : em fim não se conhece
Pastora isenta , nem mancebo arisco.

Qual das Pastoras já grinaldas tece,
Qual ramalhetes faz de varias côres ,
Qual espadana , e junco ás mais offrece.

Manda a Madrasta a Alberta colher flores ,
Que a roca não deixou no proprio dia
Do festejo da Deosa dos Amores.

Ninguém cabe na pelle de alegria ;
Até eu me senti tão demudado ,
Que não podia crer que te não via.

Vem sahindo do bosque o celebrado
Filinto co' a brilhante comitiva
De quantos nesses montes tem seu gado.

A sarabanda nunca foi tão viva ,
Nunca junto se vio tanto instrumento ,
Nunca a alegria foi tão excessiva.

Como hum rapaz pullava o velho Bento ;
O sisudo Tristão , que nunca dança ,
Andava tão ligeiro como o vento.

De cantar , e tanger ninguém se cança ;
Ou nas frautas suaves melodias ,
Ou nas gaitas os ares para a dança.

Hum no salterio soa fantasias,
Outro faz retinnir a castanheta,
Até das pedras sacão harmonias.

Melibeo com a mão desinquieta
O instrumento tocou tão celebrado
Do Pastor, que foi Rei, e foi Profeta.

Alli se vê, Jerolma, o bom cajado,
A monteira melhor, o albernós rico
Por todas as costuras pespontado;

O gurrão debruado, o bom pellico
Das malhadas pellingas dos cordeiros:
Não duvides do que te certifico,

Porque até vinha o bando dos porqueiros,
Que os despreziveis são do nosso trato,
Vestido com seus fatos Domingueiros.

Eu me vi como attonito, e insensato;
E sem saber, Pastora, quem me guia,
Fui á choça também mudar de fato.

Pegou-se-me dos outros a alegria;
E quanto elles fizerão lle acompanho,
Eu não sei por que occulta sympathia.

Longe de ti, jámais prazer tamanho
Eu senti na minha alma; mas agora
Dos Pastores nenhum me arrenda o ganho.

Mas tendo a experiencia por fiadora,
De que forão téqui meus sentimentos
Tão conformes aos teus, bella Pastora;
Não me enganarão, não meus pensamentos,
O coração fiel me está avisando,
Que tu tiveste iguaes contentamentos.

Se assim foi, diz-mo logo, que deixando
Pelos troncos do cedro perduravel
Esculpido o motivo venerando,

O dia... de Abril sempre admiravel
Farei, sem ser aos Sabios espantoso,
Nem a amantes Pastores formidavel,
Nem a nossos vindouros fabuloso.



EGLOGA III.

Julio, velho. Agrario, moço.

Julio.

Que mágoa que me faz ver-vos, Agrario,
Sepultado com tal melancolia
Debaixo desse choço solitario.

A torreia do Sol passando o dia,
Ao sereno da longa noite exposto,
Como quem a algum lobo faz vigia.

De todo já perdida a cor do rosto,
Esguio como hum vime, e tão mingado,
Que nem nas grandes calmas lá do Agosto.

Vejo-vos esse olhar tão espantado,
Como se vós houvera mal mordido
Animal peçonhento, ou cão danado;

E se a causa pergunto, esmorecido
Qualquer Pastor me deixa na verdade,
Pois vejo que a razão tendes perdido.

Eu me vejo tão pobre, e nesta idade;
 Mas ainda que o rebanho, e o cão me déra,
 Não lograra Isabel minha amizade.

Agrario.

Pois eu se neste monte se dissera,
 Que os olhos tinha posto em Damiana,
 De ver as gentes d'elle me corrêra.

Julio.

Sempre a paixão nos cega, e nos engana;
 Mas se vos não tirou de todo o sisão
 Ouvi como a razão vos desengana.

Agraria.

Eu não cativo nunca o meu juízo,
 E temo responder, porque vos juro
 Que me ouvireis em vosso prejuizo.

Julio.

Fallai com liberdade, eu não procuro
Fazer das formosuras argumento;
O meu juizo agora he mais maduro.

Agrario.

Eu teria logrado o vencimento,
Se vós foreis tão nescio, que quizesseis
Comparar huma ovelha c'hum jumento.

Julio.

Porém dizei-me, Agrario, se tivesses
Huma ovelha, que andára sempre a monte,
Sem que o gosto do leite lhe soubesseis;
E porque o vosso gosto mais se affronte,
Levasse o branco vello, a tenra cria
Aos Pastores, que estão d'além da ponte.

O mesmo Januario se riria
De lhe chamares vossa, nem por ella
O seu jumento gafo vos daria.

Agrario.

Mas se eu fizesse caso da amarella,
 Como faz Jeromenho da pintada,
 Ou como o bom Menalcas faz da estrella,
 Que diria de mim gente avisada?
 Vendo que prézo a rês, que geralmente
 Foi dos nossos Pastores desprezada?

Pois se com Damiana estais contente,
 Sabei que de vós fallão nos corrilhos,
 Julgando-vos no caso aqui presente.

Julio.

Nem por isso emmagrecem meus novilhos,
 Nem deixão de parir minhas ovelhas,
 Nem de estarem mais grados os meus milhos.

Sempre acho doce o favo das abelhas,
 Durmo bem descansado, cômô, e bebo,
 Diverte-me qualquer conto de velhas.

Agrario.

A moral desses ditos bem percebo ;
Mas se prudencia foi nos vossos annos ,
He gosto depravado n'hum mancebo ?

O descanso , a ambição dos veteranos
He que fazem não dar-lhes nunca ouvidos ,
Quando querem prégar-nos desenganos.

Por trazer-me esses dous óvos cozidos
Marcellina , e Theotonia esses dous queijos
Deixão de ter os peitos descahidos ?

Serão mais saborosos os seus beijos ,
Porque me trazem natas , e murtinhos
As duas desdentadas lá dos bréjos ?

Por curar-me Nataria os cabritinhos ,
E fazer-me aqui ás vezes companhia ,
Hão-me de namorar os seus lobinhos ?

O nosso bom de Horacio bem queria ,
Que houvesse huma cegueira na amizade ,
Como a que nos amores conhecia :

Porém deixai que tenha a vossa idade ,
Ou por melhor dizer os vossos vicios ,
Que sabio me fará a necessidade.

Julio.

A vida, que levais, fracos indícios
Me dá de que conteis tantos Janeiros.

Agrario.

Olhai para os passados exercicios;
Ha pouco daqui vão dous Pegureiros,
Que pelo que de vós me referirão,
Me fazem desprezar taes agoureiros.

Bofé, Julio, bofé que não mentirão,
Que esse mudar de côr tão de repente
Diz, que menos contarão do que ouvirão.

Julio.

De que se ha de lembrar a louca gente!
Porque Julio fez huma rapazia,
Ha de morrer Agrario mui contente.

Agrario.

Nenhum delles zombou dessa mania,
Antes bem a paixão vos desculpavão
Nas graças peregrinas de Luzia.

Mas de ver-vos agora se espantavão,
E para desculpar-vos taes amores,
Dos feitiços do bolo se lembravão.

Julio.

Nescios devem de ser os taes Pastores;
Ou talvez incitados pela inveja
Se mettem, como Silvio, a falladores.

Na verdade eu não sei que mais deseja
Qualquer do nosso trato se consegue
Huma moça, que amante, e firme seja.
Que importa, que me abraze, e que me cegue
Jerolma com seus olhos engraçados,
Quando esta paixão faz que não socegue?

Depois de tanto tempo de cuidados,
Que tirou della Anfryso, outro teimoso,
Mais que a pena de os ver mal empregados:

Nem por firme hum Pastor , nem por brioso
Poderá reduzir huma inconstante
A mudar o seu genio caprichoso.

Se por huma fortuna mais brilhante
Vencemos a paixão da formosura ,
A vida não he mais interessante?

Juro , que m'atirára á má ventura ,
Se tão prompto não deixo essa Luzia ,
Que tantos tem levado á sepultura.

Eu bem sei , que na Aldeia encontraria
Quem melhor este golpe me curasse ,
E que sem tal lesão me deixaria ;

Porém se logo o sangue não vedasse ,
Póde ser que no meio do caminho ,
Segundo elle corria , me ficasse.

Se tu comes as migas sem toucinho ,
Por trazer o calçado mais bem posto ,
E maiores botões no colleirinho :

O viver neste mundo sem desgosto ,
Não tem maior poder , maior valia
Para mortificares o teu gosto ?

Agrario.

Não tem maior poder ; esta mania
Desde a mais tenra idade me persegue ,
Sem que a razão destrua a sympathia.

Nada , Julio , já mais de mim consegue
Huma bella Pastora , se conheço
Outra qualquer , em quem melhor me empregue ;

Todas as mais desprezo , e as aborreço ,
Bem me podem fazer quantos partidos
Eu não devo esperar , nem appetço.

E tantos impossiveis conseguidos
Me tem dado no amor tal confiança ,
Que conselhos comigo são perdidos.

Julio.

Pois ficai-vos mui pago da esperança ,
Que antes de muitos dias , se viveres ,
Vos lembrareis do amigo , que vos cança.

Agrario.

Lá apparece Isabel , nos seus dizeres
Não poderás negar , que se me inclina.

Julio.

Eu sei melhor que vós quem são mulheres.
Eu me vou por não ver essa mofina ;
Ella vem mais o Noivo.

Agrario.

Que loucura !

Julio.

Não chegue a atravessar essa campina ,
Se honte os banhos não vi na mão do Cura.



E G L O G A IV.

O Pastor que no Tejo suspirava
Pela sua formosa Leonía,
De sorte que os rochedos abrandava,
Em profunda mortal melancolia
Vai passando infeliz, mais saudoso
Nestes campos agora a noite, e o dia.

O seu fado cruel tão rigoroso
Pretende combater sua firmeza,
Que estas vozes repete ao Ceo queixoso:

„ Não te digo, tyranna, que he fineza
„ Deixar por ti cabanas, e Pastores:
„ Merece muito mais tua belleza.

„ Esse rebanho, que era os meus amores,
„ O meu desvélo, e todo o meu cuidado,
„ Lá ficou em poder de guardadores:

- „ Inda que era de todos invejado ,
„ Se a sorte o permittisse , o trocária
„ Por quatro ovelhas , que andão neste prado.
- „ Por quatro ovelhas sim , mais não queria ,
„ Pois dellas te levára o tarro quente
„ Do leite , ainda escumando , a manhã fria.
- „ Eu te fora buscar na sésta ardente
„ A nata saborosa , e tão gelada ,
„ Que a não gostáras sem bater o dente.
- „ Côr de gema dos óvos , fabricada
„ Pela mão do teu Lycidas tiverás
„ Sempre a fresca manteiga , se te agrada.
- „ O delicado queijo , se o quizeras ,
„ Tambem o sei fazer , como o fazião
„ Nossos sabios Pastores de outras éras.
- „ Os recentaes mais gordos não terião
„ Na meza outras Pastoras , nem guizallos
„ Como eu , seus amantes saberião.

- „ Sei curtir-lhe as pellingas, sei tornallos
„ Mais brancos do que arminhos, e das côres,
„ Que vês no arco do Ceo sei matizallos.
- „ Que prazer póde haver, nem que maiores
„ Interesses, que estar continuamente
„ Entretido em servir os seus amores?
- „ A's matas ensinára docemente
„ A repetir o nome de Leonía,
„ Imprimindo-o nos troncos altamente.
- „ Da tua vista nunca apartaria
„ O venturoso gado, elle de ver-te
„ Como o mesmo Pastor se alegraria.
- „ E que posso, tyranna, mais dizer-te?
„ Se me não crês, cruel, abre-me o peito,
„ E não me dês o susto de perder-te.
- „ Não te fies de ti, olha o conceito
„ Em que todos me tem, todos attestão,
„ Que amores nunca víráo de tal geito.

„ O teu féro rigor todos contestão ,
„ Inda as Pastoras mais desvanecidas
„ Minha eterna firmeza te protestão.

„ Que molestas que são , que aborrecidas ,
„ Quantas querem lograr por seus agrados ,
„ Ao menos a suspeita de queridas.

„ Dobra me o desprazer , dá-me cuidados
„ Qualquer Pastor, que intenta como amigo ,
„ Lembrar-me alguns exemplos desgraçados :

„ Mais conselhos não quero , ma's não sigo ,
„ Que os que a minha paixão me está dictando:
„ Mais não acabará ninguém comigo.

„ E tu sempre , tyranna , duvidando ?
„ Tenho minhas promessas desmentido ,
„ Dize-me, deshumana, ou como, ou quando ?

„ Os dias , que o sarão foi mais crescido ,
„ Houve alguém, que me visse andar no monte
„ Com algumas Pastoras divertido ?

„ Dize lá a Dorothéa que te conte
„ As conversas, que eu tinha então com ella
„ Sentado sobre as pedras desta fonte?

„ Volta-me os olhos já, Pastora bella,
„ Aquelles olhos, de que só depende
„ A mudança feliz da minha estrella.

„ Mas não voltes, cruel, que mais me offende
„ O chegares a ver tanta agonia,
„ E dizer-me outra vez, que te não rende.

„ Olha se algum Pastor deixa no dia
„ Dos novilhos, de andar mettido em rancho,
„ Da querida largando a companhia.

„ Viste acaso Martinho, viste Sancho?
„ Bofé que não; mas nem por isso, ingrata,
„ Em seus amores viste algum desmancho.

„ Só eu choro, cruel, só se maltrata
„ Quem louco se entregou á tyrannia,
„ Gostoso de morrer por quem o mata.

- „ Já me ausento, cruel, mas algum dia
„ Conhecerás o que hoje te parece
„ Quimerica illusão da fantasia.
- „ Por excessivo só se desconhece
„ Este affecto, que juro tão constante,
„ Mas sem extremo tal quem te merece?
- „ Não sabes, que suspira o Tejo amante
„ Por ti continuamente, e que te acclama
„ Pela sua Pastora a mais galante?
- „ Se este illustre conceito he quem me inflamma
„ Como pódes temer que outros ardores
„ Apaguem a violencia desta chamma?
- „ Dobra, dobra, cruel, os teus rigores,
„ Que não quero dever nada á ventura,
„ Só por não ultrajar os meus amores.
- „ Por mais féra que sejas, por mais dura,
„ Não vencerás a minha tolerancia,
„ Até me ver cahir na sepultura:

„ Obstinada verás minha constancia,
 „ E se te não vencer tanta porfia,
 nesta distancia
 „ Aqui Lycidas jaz por Leonía.



SATYRA I.

Aos Poetas, e aos Mecenass.

E Rijão-se Academias, faça versos
Quem conseguiu de Apollo o vivo lume:
Supporte-se a loucura, a petulância,
Descontada a mania com a veia:
Seja mordaz Petronio, seja Horacio,
Satyrico, lascivo, e *debochado*, (*)
Não se estraguem porém as lições da Arte
Nesses pequenos genios, que parece
Sómente a vem buscar para desculpa
Do fanatismo. Seja huma Botica
Theatro das Sessões; em vez da flauta,
O grande almofariz vá modulando,
Ao triste som dos golpes repetidos,
A aguda pontuação dos versos duros;
Que estes loucos não são por ser Poetas,

(*) 30 de Abril de 1758. Alludindo á eleição
de sogeitos para Arcades.

Poetas querem ser , porque são loucos.
Metteo-lho na cabeça em Saragoça
Outro doudo que tal seu enfermeiro ;
Fazem lá a promoção destes lugares,
Como vemos aqui a dos Carrascos.
Mas fiquem como d'antes, não he pouco
Efficaz o remedio , que nos deixa
No nosso antigo estado , a travessura
Basta que os preservasse dos açoutes.
Doente das terças quem toma a quina,
Contente ficará , bem que opilado ,
Se das febres se livra. Em vão pretenda
Aquelle , que já foi por doudo atado ,
Que nos femos delle , prezo seja
Segunda vez , se quer mostrar juizo
Pelas atestações de que foi louco.
De verseiros passando a revedores ,
Hontem lião Rengifo ; ás escondidas
Qualquer delles pergunta ao seu gallego
Que cousa em portuguez he *Ditbyrambo* ?
Hoje arrotão Longino á boca cheia.
Cordova que dissera se os ouvira?
Talvez Saint-Evremon fora do voto ,
Que a versão dos Autores mallograda ,

(Trabalho sem mais gloria, e pouca fama)
Em todas as Nações, em todo o tempo,
Fizera mais pedantes do que sabios.
Vá Cicero arengar, ou faça hum verso
Virgilio a seus ouvintes, ainda os doutos,
A'quelles charlatões só costumados,
Lhe havião de fazer, como os rapazes,
Que o Prégador corrêrão, porque o várão
Sentado na cadeira do Herbolario.

Mas vejo que estes taes achão Mecenias
Por elles tão babados, ou babosos,
Que dizem que não lêem mais que os seus versos:
Tem o nosso Camões tantas bellezas,
Mil lugares Lucano inimitaveis,
Todos sabem de cór as suas faltas;
De quem nelles aprende, ou se deleita,
Zombão ás gargalhadas, fazem mófa.
Se lhes mostra qualquer de outro Poeta
Desconhecido versos, lhe pergunta:
São de Sempronio acaso? Outros não leio.
Sempronio, que huma vez fez dous sonetos,
Vós bem o conheceis, sem saber como,
E foi bastante hum parto do capricho
A fazer prodigiosas as mais tróvas?

Os mesmos géstos vês, n'humas, e n'outras
As sobancelhas põe junto aos cabellos,
Arregalando os olhos; e mais fóra
Puxando os beigos, baixão-lhe a cabeça;
Sejão boas, ou más, basta-lhe o nome:
Como o tenro innocente costumado
A tomar pelo barro o chá escaldando,
Bebe a sopros, e sorvos a agoa fria,
Se lha ministrão pelo mesmo vaso.
Muitos destes Mecenas ha no mundo,
E daquelles Poetas não ha poucos,
Meia palavra a bons entendedores,
Não imitemos huns, de outros fujamos.
Bons versos tem Horacio, e mais Virgilio.
Grande Mecenas he Quinctiliano.



S A T Y R A II.

DO pezo da razão geme opprimido
O fanatico Orgulho, horrivel monstro,
Detestavel aborto da Prudencia.
Em vão contas por época a discordia
Desde o primeiro seculo dos Sabios.
Em vão para terror em tanto exemplo
Nos mostras mais poder, que os torpes vicios.
Em vão te jactas da fatal ruina,
Que fazes nos Palacios, e nos Claustros: (*)
Que contra a Arcadia não, não valem forças,
Tanto exemplo fatal, nem vãos terrores.
Nunca rebellarás seus pegureiros
Contra essa eterna Lei, que a natureza,
Que olha sempre o interesse dos humanos,
Aos mais barbaros mostra claramente

(*) 31 de Julho 1758. No dia da abertura de Academia no segundo anno, estando os Arcades em má intelligencia, por lhes não darem toda a attenção, quando lião os seus papeis.

No instinto , com que os liga a sociedade;
Pouco importa a arrogancia do amor proprio ,
As estimações livres do talento ;
A agradavel lisonja dos louvores ;
A culpavel cegueira da amizade ;
As vis paixões , os odios , as *cabalas*.
Sinta o Frade , que as tardes préga em Loures ,
Que lhe torça o focinho o Boticario ,
Porque está dependente do seu voto ,
Ser a porção da esmola mais crescida.
Contente-se o que faz versos a Freiras
De desfrutar o premio em rebuçados ,
Tu finge do louvor do teu partido ,
As coroas do louro do Parnaso.
O Comico se jacte das palmadas ,
Que deo no fim da scena o chocarreiro.
O Tragico seu Drama canonize
Pelos merecimentos dos Actores.
Cante o verso affectando suavidades
Aquelle , que presume , que a harmonia
Consiste no valor da apoiadura ,
E supponha a vehemencia das palavras
No tom desordenado , com que estruge ,
O que gloria fizer de repetillos

A quem tem o juizo nas orelhas.
O Tempo, o Gosto, o Público sómente
Os juizes serão daquellas obras:
Elles mais que os Augustos, e os Mecenas
Nos fazem ler Virgilio, e mais Horacio.
Elles desenterrarão na Bretanha
Os escritos de Milton; elles fazem
Não ter a França mais que huma Epopéa,
Nem mais do que hum Camões ambas Hespanhas.
Irritou-se huma grande personagem
Contra o Pai do Theatro, como em Roma
Aquelle Imperador contra a Farsalia:
Já vês como os Juizes são bem rectos.
Nem Nero deo mais credito a Lucano,
Nem a cabala o tira ao grão Corneille.
Ouves, como lamenta a sábia França
O tempo, que este Autor esteve ocioso?
Que importa que tranquillo então vivesse?
Se vemos que he culpavel o socego,
Que se compra com lagrimas da Patria.
Orgulho, eu não te digo, que os Pastores
Do Menalo se jactem desta gloria,
Mas que a Posteridade he quem sómente
Della decidirá, como do abuso

Dos talentos de Seneca, e de Ovidio.
Desiste pois, desiste. Olha a Velhice,
Que fiada nas brancas, e nas rugas
Queria levantars-e c'os respeitos
Dirigidos á sábia Antiguidade,
Que figura ridicula parece
A' vista da robusta Mocidade?
Olha o maldito agouro já pizado (*)
Pela altiva constancia; olha a discordia,
Que esperança terá quando abandona
A teu debil empenho tanta empreza.
Olha o monstro da Crítica tremendo,
Formidavel papão dos Escritores,
Neste monte mais manso que hum cordeiro.
Mas a féra cruel mais se embravece:
Já tivera arvorado o meu cajado,
Esforçados Pastores, se não víra,
Que inda a maça de Alcides fora inutil
Sem primeiro vencer-nos a nós mesmos.



(*) Todos assentárão, que Arcadia duraria
quatro dias, quando muito.

S A T Y R A III.

Sobre a indifferença da Rima na Poesia.

T Enha o Pintor cobertas as paredes
Com desenhos de Urbino: os Ticianos,
Os Corregios, os Renos, e os Vandiques
Mil vezes copiados, e entendidos,
Vão fazendo que encontre o pensamento
Sem trabalho no lapis o debuxo,
Temperadas as tintas na palheta. (*)
O moderno Escultor aspire á gloria
Dos famosos Parrhasios, e Lysippos,
Os olhos nunca tire dos modélos
Da Grega antiguidade em mil pedaços,
De fragil barro a testa da Medusa
Seja no engaste de ouro conservada.
Os Sofocles, Euripides, e Eschylos,
Do tragico Poeta contemplados
Vão regulando a fabula: os Homeros

G

(*) 31 de Agosto de 1758.

Decidão da belleza dos escritos,
A que tu chamas partos da Epopéa.
Os Demosthenes, Ciceros, e Hortensios
Já decorados, ora traduzidos,
Façam que os Oradores assegurem
Lá dos seus gabinetes o successo
Da duvidosa causa, que horroriza
O pavido onzeneiro escarmentado.
Não mais que o *Manequim* da Natureza,
Verás nos meus *estudos*, nella encontro
Com tanta differença o que te espanta
Nas obras celebradas, se as cotejo,
Quanta faz a corrente de agua viva,
Dos brilhantes vidrilhos da Cascata,
Com que intenta enganar-me sobre a scena
O famoso Bibiana. Nella vejo,
Sem ser nunca offendida a liberdade,
Conservada a belleza da harmonia.
Nescios imitadores, que atrevidos
Não podendo igualar a Natureza,
Pretendeis corrigilla. (*) Frios Chinas,

(*) Que outra cousa he querer, que os homens fallem em troya?

Que intentais reduzir a hum vil trabalho (*)
Os mais nobres talentos do capricho.
Como riria Apelles, se vos vira
Querendo pôr no quadro huma seara,
Contar os grãos de trigo das espigas?
Como has de imitar hum denso bosque,
Se por fazer as arvores copadas
Hum ramo não pões fóra da esquadria?
Entre a correspondencia, e variedade
Sem saber encontrar hum justo meio:
Aquelle Venus pinta esgadelhada,
Iguaes este lhe faz dous carrapitos.
Quem deixará de ver, que são de pedra
Dous leões agarrados de huma Tarja,
Se o sincero Escultor hum só tregeito
Lhe não soube mudar; e quem duvida,
Que não me enganará nunca o Poeta,
Que intente copiar a Natureza
Debaixo de tão timidos preceitos?
Ella he tosca, dirás, e dependente
Das bellezas extrinsecas do ornato.
Mas se tu me carregas a columna
De pezados festões, se a gargantilha

G 2

(*) Que obras mais trabalhadas . e de menos gosto?

Occulta o delicado dos contornos
Do seio, que palpita, se os diamantes
Não deixão ver os dedos, e se as roupas
Toda a força do musculo atropelão:
Não seria melhor sem taes enfeites
Contemplar as estatuas, e as figuras?
Não fallo das estatuas, que levantas
Sobre quatro sarrafos, nem dos quadros,
Que ás carradas envias para as feiras,
Com que enganas mulheres, e saloios,
Ainda quando lhos vendes pela taxa.
Eu sou Pintor acaso, ou sou Poeta?
Mas nem por isso vou fóra do assumpto,
Pois quanto tenho dito da Pintura,
(Seja-me testemunha o grande Horacio)
Oh que bem que me cahe sobre a Poesia,
Defendendo-me a entrada no Parnaso,
O uniforme esquadrão dos Rimadores,
Com que vejo entulhada aquella estrada,
Que se fizerão Gregos, e Latinos;
E por que entrárão tantos celebrados
Pescadores do Tejo, e Mansanares:
Querendo sustentar, que aquelles mesmos
A pezar dos talentos mais sublimes,

Como escravos da rima he que sómente
Lá podem ter lugar. Está mais habil
Para subir ao cume do alto monte
Qualquer dos nossos Mestres de meninos;
Por fazer quatro trovas para o gallo,
Que aquelle que descreve em verso solto
Vivamente as paixões do forte Achilles,
Bem que o sabio Voltér nisso encontrasse
Os primeiros louvores do Trissino.
Nós, que temos ouvidos tão agudos
Para bem perceber hum a toada,
Mais lá dos Pyrinéos desconhecida,
Nós, que sempre enjambamos o romance
Por encontrarmos nisso hum a belleza
Dos versos curtos, versos que tu fazes
Nessa arrastada prosa, em que te explicas.
Nos tornamos tão surdos que a harmonia,
Que todo o mundo achou nos pés do verso,
Quimerica será se o consoante
No fim delles não vem, como estribilho.
Porém de pés te fallo, agora vejo,
Que não sei com quem fallo; o consoante
Da Tragedia tomando o antigo exemplo,
A ser acção passou, desde episodio,

Tudo o mais se desculpa, achada a rima.
São, sem tirar, nem pôr como o meu Bento,
(Bem que vejas que ajuda a tantas Missas)
Não sabe encarrilhar o *Orate Fratres*,
Mas diz que como os mais tem satisfeito,
Com tanto que no fim diga *sue sanctæ*.
As armas, e os varões assinalados,
Que da occidental praia Lusitana,
Por versos não terião, se o Poeta
Immediatamente não dissesse,
Por mares nunca d'antes navegados
Passarão ainda além da Taprobana:
Desgraçado Maffei, pobre Guarini,
Bem que convosco luza Metastasio,
Ha de sempre exceder-vos, porque estima,
Ainda que pouco, mais que vós, a rima.
Ei-los já vão buscando a differença
Nos defeitos da lingua, mas não quero
Fazellos tão Francezes (*), porque os ouço

(*) Estes, que louvãõ todas as Nações por se livrarem do jugo da rima, assentão, que a lingua Franceza he tão prosaica, que não póde sustentar o verso sem consoantes.

Quem conhece o character daquella Nação e o

Dizer para explicar suas bellezas,
Que só nella no Dia do Juizo
He (*) que ha de fallar Deos a todo o mundo.
Que excessivos que sois, meus Patriotas,
Eu não sei se vos vejo, ou se vos ouço.
Vamos, por outra parte já te escuto
Argumentar co' a Logica do tempo.
Com seis mezes de Arcadia, e quatro livros
Depois de mais de hum seculo enterrados, (**)
Já presumes, que tens autoridade,
Já presumes, que tens bastante exemplo
Para te sacudir daquelle jugo?
Repara, temerario, que esse arrojo
Menos força parece, que fraqueza.
Nascem feitos os versos, mas na rima

quanto ella he sábia, pondere se póde haver maior argumento a favor do verso solto.

(*) E quem conhece os Portuguezes, e a sua lingua, discorra se darão a mesma desculpa, supposto que seja a unica.

(**) Não se faz hoje em Portugal juizo das obras pelo merecimento dellas, senão pela idéa, que ha dos Autores, que foi sempre, e que deve ser tirada dos escritos.

He que vejo o trabalho dos Poetas. (*)
Como vamos discordes : eu pretendo
Occultar nos Poemas o artificio ,
Tu prezas a arte mais que a Natureza.
Pois vai ver os bonitos da Batalha ,
Em quanto admiro os Arcos d'Agua-Livres.
Considera o trabalho do Mosaico ,
Que eu cá guardo os desenhos de Vieira.
Pasma da execução do forte Rafe ,
Que mais se satisfazem meus ouvidos ,
Com quatro notas soltas de Gizielli.
Não tem bastantes regras a Poesia , (**)
Mil preceitos não vês em qualquer verso ?
Pois porque te carregas desse fardo ,
Que tantas vezes dá c'o juizo em terra ? (***)
Quem se lembra da rima , quando julga
Do bom merecimento dos Poetas ?
E quem póde soffrella , quando vejo

(*) He toda a razão por que elles considerão ,
que se escreve em verso solto.

(**) Todos os judiciosos criticos gritão contra a
multidão de preceitos que ha sobre a Poesia.

(***) Satyra de Boileau sobre a difficuldade
da rima.

Vir por ella arrastado hum pensamento?
Sepulveda não deixa de ser grande
Por não rimar, ninguém põe nas Oitavas
Esse merecimento, que o Poema
De Camões alcançou junto de Homero.
Para o sublime cume do alto monte,
Huns vão engatinhando, outros de rastos,
Este marcha a compasso, aquelle corre,
Huns vão pela Real, outros de volta,
Tantas estradas vejo, como estilos.
Eu sou mais natural, tu mais brilhante,
Eu pinto com sinopla, tu com laca;
Tu queres parecer mais que perfeito,
Eu antes quero ter ares do campo;
Deixemo-nos de dar regras ao mundo,
Deixemos aos Hebreos os seus Prosélytos.
Cada qual a seu modo vá buscando
O fim da imitação da Natureza:
Tu dando-te mil penas, e fadigas
Por não fazeres brancas as formigas,
Eu, que vou caminhando pelo atalho,
Cá lhe chamarei negras sem trabalho.

SATYRA IV.

ATenda do Thomás, amotinada
Concorreo toda a gente de bom gosto;
Quando soube, por via dos Adellos,
Que de Londres chegará á nossa Corte,
Em caixa de tabaco transformada
A cabeça de hum Dogo. Alvorçou-se
Quando vio que da loja dos Caveiras
Não sahia por menos de moeda
Hum jogo de fivellas de tambaca.
O verniz de Martin fez que de graça
Se encontrasse em Lisboa a qualquer canto
Hum toucador da China. Agora vejo
Tão perdido o appetite destas cousas,
Que rimos de hum Fidalgo de Provincia,
Quando as compra por menos do que valem.

Erão lindas as caixas, e as fivellas,
O verniz do Japão menos lustroso
Que o de París; mas todos começarão

Ora a contrafazello , ora a imitallas ,
Que já a vulgaridade , e já os defeitos
Das cópias a polidos , e a grosseiros
O gosto , e a novidade tem çafado.

Pintou Camões o Cabo Tormentorio
Nessa estupenda imagem do Gigante :
Hum Poeta , que foi á outra banda
Adamastor figura , quando pinta
O pontal de Cacilhas. Deita fóra
Das aguas a cabeça o velho Tejo
Por explicar o excesso d'alegria ,
Por honrar as acções do illustre Gama ,
Quando lhe dão noticia , que na Barra
Se avistára o Baixel nunca esperado.
Tu sem respeito a cãs tão veneraveis
Fazes saltar da Urna , em que descança ,
Como hum velho gaiteiro ao mesmo Tejo ,
Só por ver os Tritões ás cambadellas ,
Com as lascivas Ninfas sobre as aguas.

Quando algum pensativo nos figurás ,
Encostada na mão lhe pões a face ,
Sobpena de não ter melancolia ,
Se a gota , ou qualquer outra enfermidade ,
Os braços lhe deixasse enteriçados

Em qualquer estação pões sobre a meza
Pastoril, a castanha nos ouriços,
O queijo fresco, o pomo está de cana.
O mocho canta sempre da Azinheira;
Nas apostas o copo nunca falta.
Se figuras o caso de Virgilio,
Vem as negras violas sempre á baila.
Não diz algum Pastor que não he feio,
Senão por se ter visto ha pouco tempo
No charcho, em que bebeo. Victor Poeta!
Em Na fé dos bons, ou máos Commentadores,
Ou te vás enganando, ou imaginas,
Que só tu lês Theocrito, e Virgilio:
Este não traduzio tão fielmente
As Eclogas do Grego, mas bem sabes,
Que lhe derão mais credito, se acaso
As imitasse menos. Nenhum outro
Copiou atégora estes Autores
Tão servilmente, e vês os livros cheios
De críticas famosas contra todos
Os Poetas Bucolicos, que atados
A seus sabidos poucos pensamentos,
Satisfeitos estão com repetillos.
Se ouvíras o que disse o nosso Amyntas

Certo dia no Menalo, soubêras,
Que cousa he imitação, que cousa he cópia,
E o muito, que differem nesta parte
Essas duas irmãs tão semelhantes,
Que fizeram que Horacio em muitos casos
Não distingua Pintores de Poetas.

O furtar a Virgilio tanto ás claras,
A Theocrito, a Homero, a Anacreonte,
A Camões, a Bernardes, e a Ferreira,
He furto de ignorancia, ou de preguiça;
Mas furtar a Bieito, ao bom Rodrigo,
A Fernando, a Ribeiro, ao nosso Julio;
Furtar a Autores vivos he consciencia.

Disse Rodrigo hum novo pensamento,
No soneto de Filis, invejoso,
Ou d'elle satisfeito, no outro dia
O encaixas n'uma decima a Belliza:
Ella a mostra ao seu Mestre de viola,
Que tambem diz que faz o seu versinho,
Elle arruga o nariz, e com pretexto
De responder nos mesmos consoantes,
A tal decima agarra, e na Palestra
Por sua mui chorão na mesma noite,
A vai ler como sabe; e o bom Rodrigo,

Que nos mostra depois o seu soneto,
Ou passa pelo furto vergonhoso,
Ou quando menos vê, com que desgosto,
Tão bem equivocado o pensamento.

Não cuides tu que ignoro aquelles casos,
Em que he melhor fazer hum grande furto,
Que explicar froxamente hum bom conceito.
Eu bem sei, que mil vezes transportado
Da força da paixão qualquer Poeta
Presume, que lhe occorre o que lhe lembra;
Porém se queres dar-me estas desculpas,
Mette primeiro a mão na consciencia.



S A T Y R A V.

EM vão te canças, Pope, em vão te canças,
Pois loucos haverá sempre no mundo,
Invejosos em quanto houverem sabios,
Em quanto houver pedantes, máos censores,
E falta de Justiça, em quanto Apollo
Não levanta huma força no Parnaso.

Tu dirás, Se decide hum louco Mydas
A favor do Deos Pan, pelas orelhas
D'asno o conheceremos. Já não nasce
Huma canna, que falle, nem Barbeiros,
Que se espantem de vêllas. Se algum tonto,
Que o seu versinho faz por passar tempo,
Disser que he froxo Homero; quem não julga,
Que elle nunca o tem lido? Mas não sabes,
Que os lacaios são quem no nosso tempo
Nos chrismão de casquilhos, ou de jarras?

Não sabes, não, bem vejo; pois escuta
O pouco fructo, o mal que se entenderão
Os teus sabios dictames cá no mundo.

Tantos inculcadores de Poetas ,
Como adellas de moças hoje temos :
Tantos censores, quantos os conhecem.
Hum delles *ex officio* , ou já peitado
Quiz rever por aquelles Aristarcos ,
O soneto de hum moço seu amigo ;
Poeta novo : o Sabio lhe pergunta
Como se chama ? O tal , que não conhece
A razão do mysterio , diz humilde ,
Não tem nome , Senhor ... hum pobre homem ...
Pobres homens não fazem bons sonetos ,
Tome lá ; sem sequer lhe pôr os olhos ,
Arremessa o papel o bom do Sabio.

Já corrido , e esquentado o requerente ,
Outro censor investe mais maduro ;
E temendo segundo esfusiote ,
Vai declarando o nome do Peccante.
Conheço bellamente , lhe responde ,
Não se moleste , não , porque esse moço
Jámais póde fazer cousa bem feita.
Deixou-lhe o pai hum grande patrimonio ;
E com essas asneiras dos versinhos
Não tem hum pão , que coma ; que Poeta
Se póde esperar delle ? Não duvido ;

Porém veja o soneto, que he bem feito,
Insta o solicitante; e em tom de escarneo
O despede o censor ás risadinhas.

Já pela escada sobe de hum Letrado,
Bom Jurista, bom homem, na verdade,
Que lá pelos seus livros de Direito
Na Poetica falla como Baldo.
O tal adello diz, formaes palavras:
Fez fulano de tal este soneto,
Que intenta dar ao prélo, mas queria
Que dos Sabios primeiro ... Basta, basta,
Lhe torna o circunspecto ... Esse estudante
Não trouxe informações, que bom Poeta
Será o tal sujeito? Máos Letrados
Não podem fazer versos ... tenho dito.

Já por capricho mais que por vontade,
Continúa a penosa diligencia,
O solicitador ... Vem em muletas
Abrir-lhe a porta hum velho impertinente,
Venerado no seculo passado
Por bom compositor de labyrinthos,
E depois dos sabidos cumprimentos,
Que idade tem esse homem? lhe pergunta:
Não tem pêlo de barba, o outro responde.

Não tem pêlo de barba, e já se atreve
A fazer hum soneto? Ah tempos, tempos!
Com lagrimas de punho o triste caso
Lamenta o bom do velho; pelos filhos
A largas vozes chama, que lhe acudão,
Que morre de paixão. Se tão depressa
Não toma a porta o nosso requerente,
O farião saltar pela janella.

Appélla para o Claustro mais vizinho,
Aonde espera Censor, e tem refugio:
Pergunta pelo Mestre destes casos
Ao venerando Irmão, que já calveja,
Dizendo que hum soneto de Fulano
Quer censurado. O Padre não tem tempo
Para olhar essas obras, lhe responde
O sisudo masmarro, se elle fora
Poeta conhecido, já tivera
Pizado estes ladrilhos, como essoutros,
Que nunca sahem da nossa Portaria.
Diga-lhe que não presta, e vá comigo.

Que tal, meu Pope? O caso mais galante
He, que se ouvem fallar no tal soneto,
Qualquer delles attesta que o tem visto,
E jura que não presta para nada.

Mas tu te estás sorrindo , achas-lhe graça ?
 Que te parece o conto ? Pois he certo.
 Censurem-me pedantes , se com elle
 Heraclito não rir , como hum patéta.



SONETO I.

AH como sabes , candida Verdade ,
Que a meu pezar se erige o monumento!
Mas triunfe de si mesmo o Regio alento ,
Ceda , Vassallos , ceda a Magestade.

Outro mundo , outra gente , outra Cidade
Não justifica o meu consentimento ;
Do vasto Plano o fim , o complemento
Só pôde contrastar minha vontade.

Pendem trabalhos ; e se em poucos peitos
Estimula a virtude aquelle occulto
Prazer de haver obrado heroicos feitos :

Levante-se o Padrão , tendes indulto ,
Vindouros , acabai os imperfeitos :
Tereis premios , medalhas , tereis vulto.

(*) 6. de Junho de 1775.

SONETO II.

GRande alma de Catão, que nem Altares,
Nem Templos, nem Estatuas consentias
Que te erigisse Roma, antes querias
Ver sem premio teus feitos singulares;

Não murmures daquella, que hoje aos ares
Tão alta vês subir entre alegrias,
Com que exultão do Tejo as margens frias,
Porque tão outros vêm os Patrios Lares.

Consinto na lisonja da Memoria,
A que tão grato o Povo me convida,
Mais pelo exemplo, mais, que pela gloria,

Não chegaria a vèlla dividida,
A poder toda a empresa ser notoria;
Mas se foi grande o amor, he curta a vida.

(*) 6 de Junho de 1775. (*)

DISCURSO I.

SENHORES.

SEM aquelle temor proprio de dignos Ora-
dores, com que a distincção destes lugares fez,
que principieis vossas Dissertações, satisfarei
a obrigação, em que me poz a cegueira do es-
crutinio, não por que ignore, que a mesma li-
berdade, em que deixais a idéa, seja mais hum
motivo para a minha confusão; mas porque
são differentes as razões, com que os occupa-
mos. Vós subís a elles a decidir com pruden-
tes juizos aquelles pontos mais problematicos,
que se encontrão no delicado assumpto das
Bellas Letras, a refutar as preocupações, em
que inadvertidamente cahirão os amantes da
novidade, a restaurar o bom gosto das scien-
cias, a descobrir novos caminhos á immorta-

(*) 30 de Agosto de 1758.

lidade : assim o mostrais. Eu considero-me aqui unicamente para vos incitar a continuação de lições tão proveitosas; todo o meu trabalho foi buscar-vos hum assumpto proprio, tive a felicidade de encontrallo; não só interessante á gloria da Arcadia, porém o mais util á Sociedade Civil, o de que mais depende a polidez do nosso Reino.

He este a Comedia: sabeis o deploravel estado, em que se acha, sabeis a sua grande utilidade, sabeis a severidade, com que foi bannida, ouvis clamar a Religião contra ella. Escuso de referir-vos factos; já ouvistes neste lugar hum admiravel tratado de erudição sobre o assumpto; direi unicamente algumas reflexões precisas á boa Comedia Portugueza, compativel com a austeridade, e com a Religião, que como ou a propensão do meu genio, ou a virtude dos meus desejos me inclinão a semelhante estudo; ou talvez o desgano de que á vista das obras de alto cothurno, que já admirou o mundo, e eu vos tenho ouvido, me não permite a pouca elevação do meu verso, a vulgaridade da minha

frase; nem ainda aquella mediocridade, que eu esperava da economia dellas: he preciso mostrar-vos o caminho, que intento seguir na composição destes Dramas, para que as vossas observações assegurem util o meu trabalho.

Por não abusar da civilidade, com que me escutais, que eu mereço na attenção com que vos ouço (deixai-me prescindir da differença do interesse) direi unicamente neste primeiro discurso o que me occorreo sobre o assumpto, a fabula, e os caracteres da Comedia. Não temais, que vos repita o que tereis lido mil vezes nas Poeticas.

A Comedia, quanto a mim, he hum Drama, que castiga o vicio pelo ridiculo. Daqui se segue, que o seu primeiro intento he a critica, daqui se conhece, que o vicio, que deve ser o seu assumpto, não he nenhum dos que fazem o objecto das Leis: daqui se vê bem claramente, que o modo de castigallo he o riso; pois querendo hum homem parecer quanto ha de máo no mundo, primeiro que ridiculo, infallivelmente se emendará daquel-

les defeitos , que o fazem tal á vista dos outros homens.

Ora olhai , Senhores , para todos os seculos , para todos os Dramaticos , para todas as Nações , ou para todas as Comedias. Quantas vedes sem moralidade? A maior parte, e talvez as da primeira reputação. Quantos escandalosos vedes sobre a scena? Innumereis. Quantas vos causão aquelle riso discreto fundado no desprezo dos vicios? Poucas: pois assentai em que ha muito poucas Comedias. Nada importa , que o Poeta vos queira prevenir , pondo no principio da sua composição *Comedia*: que digão os Carteis, que vedes nas esquinas , *Comedia*: que leais na boca dos Theatros, *Castigat ridendo mores*; capacitar-vos-heis vendo a figura de hum Satyro , que he a estatua de huma Deosa, porque ledes no pedestal , *Venus*?

Se vissemos unicamente nos defeitos da Arte a falta da conformidade , cahiria toda a desgraça sobre a reputação do Poeta , não assistiriam ás representações os sabios, mas não seriam prejudiciaes aos que discorressem com

menos delicadeza ; não se iria apprender aos Theatros , não veríamos Comedias ; mas seria hum divertimento honesto , innocente.

Porém que vedes nesse Drama em que se deve ler a correcção do vicio ? Eu vo-lo digo , vedes perdida a veneração ás Leis , hum temerario filho faltar ao respeito dos pais , estes por hum amor indiscreto , complices de suas maldades. Vedes hum criado corromper hum moço virtuoso , huma donzella abandonar a modestia , hum amigo commetter huma aleivosia. Vedes a lascivia da meretriz , os enredos da alcoviteira , pervertidos os sentimentos da honra , em fim huma escola do vicio : pois aquelle horror , que estas maldades encontrão no fundo de justiça , que se acha nos mais barbaros espiritos , se perde inteiramente pela feliz conclusão , que lhe dá o Poeta ; e até parece que se deixa de ver aquella Providencia , que premeia a virtude , e que atropela a maldade.

Desterrem-se semelhantes composições dos olhos do mundo , clamem os virtuosos , prohiba-os a Religião ; mas não caião as censu-

ras sobre a Comedia. Vejam-se na scena unicamente aquellos objectos , que pede a sua mesma definição ; examine-os o Poeta como Filosofo , não castigue com o ridiculo aquella maldade , que merece o patibulo ; não queira tirar o riso da impiedade , pondo-nos como objecto ridiculo hum defeito , que nos devêra incitar a compaixão ; por exemplo não nos queira fazer rir de hum tartamudo , não nos pinte os vicios , que não temos , não nos critique os defeitos das outras Nações , não nos faça digna a profanidade dos amores , e mostre por conclusão a virtude triunfante do vicio.

Esta Comedia , a quem não parecerá digna ? Que pai de familias mais austero não conduzirá o filho aos Theatros ? Que mãe virtuosa deixará de acompanhar a donzella a estes espectaculos ? Que zeloso temerá , que a mulher encontre nesta fabula idéas para zombar de suas cautelas ? Que Filosofo deixará de honrar estas representações ? Que Magistrado não animará aquellos genios , que desempenhem semelhantes designios ? Que Padre da

Igreja deixará de ver nestas composições aquella moralidade santa, que a austeridade muitas vezes nos não deixa gostar? Em fim que proveito não tirarião os Espectadores? Que agradável não fora huma sociedade de homens sem preocupações?

Não vos pareça, Senhores, que esta Comedia seria unicamente boa para ser vista por Filósofos: não imagineis, que dormirião as damas não vendo nellas satisfeita a idéa dos seus amores: não presumais, que se lembraria o rapaz dos seus divertimentos pueris, que o moço alegre estaria melancolico, e que fugirião os viciosos, porque a nossa constituição he de sorte, que não ha ninguem que não conheça o merecimento da virtude, que não discorra entre si alguma razão para o que obra: o avaro teme a miseria, o prodigo presume-se generoso. O vaidoso engana-se com o desejo da perfeição, o soberbo com a distincção da qualidade, o zeloso com a honra, o affectado com a polidez, o impertinente com a efficaçia, os namorados com a formosura, os pedantes com a sciencia. Descoberto este segre-

do, que he no que consiste a Comedia, já os vereis estranhar reciprocamente os excessos; já os vereis querer occultar os defeitos para poderem lograr aquella satisfação, com que os homens se rim dos outros, quando os vêm confundir a virtude com a ridicularia.

Supposto que este assumpto fará a Comedia util, e agradavel; e conhecido, que o seu primeiro intento he a emenda dos costumes; que estranha fica sendo a fabula tirada mais da imaginação do Poeta, que dos originaes, que estamos vendo continuamente, sendo ella huma imitação do que passa, para que havemos de fingir hu na cousa quasi inverisimil, ou que nos refere a historia como admiravel? Nellas vejo a cada passo hum, que naufragou em huma Ilha deserta, outro, que foi achado nas mantilhas em huma praia, outro, que estava para casar com a irmã, que não conhecia, outro, que se fingio marido de huma mulher, que tinha o esposo na America; outra dama caprichosa, que foi correr o mundo para vencer a inconstancia de hum homem, e outro, que se namora de hum retra-

to a perder o juizo ; e muitas semelhantes idéas romanescas, ainda insupportaveis para sustentar huma novella.

Entrão nos Episodios, por exemplo, em hum Paiz, em que o pai he o primeiro, que vem saber quem bate á porta ; dá hum criado desconhecido cartas ás filhas da casa a toda a hora, tem longas conversações ; ha jardins em qualquer casinha para os amantes se fallarem de noite ; encontrão-se no passeios, que não ha ; acompanhão as damas sempre que as encontrão, quando parece mal até tirarlhes o chapéo : os criados dos namorados he da tarifa tratarem-se com a maior familiaridade, quando os da mesma casa de differente sexo não costumão ver-se : em fim põe-nos diante dos olhos o contrario do que passa.

Quanto mais confuso he o enredo, melhores lances tem a Comedia, amontoão-nos mil circumstancias em huma penosa relação do passado, de que he impossivel, que nos lembrem aquellas cousas precisas para a intelligencia do Drama, e trazem-nos de repente huma carta, ou hum parente que nos desfaz toda aquella historia.

Parece-me que a fabula deve ser tirada dos successos mais triviaes, que vendo os homens a sua cegueira nas cousas, que lhes estão succedendo a cada passo, se confundem com mais facilidade; que os episodios sejam acompanhados da mais exacta verisemelhança, que se occulte a arte inteiramente, que o Poeta não pareça mais que hum Copista moral da natureza, que se lhe não conheça, que a pobreza da sua idéa lhe occultou o que os mais estão vendo claramente.

O aperto dos lances, ou o enredo muito empenhado he arriscadissimo nas sahidas; cargar a memoria dos espectadores nas obras Dramaticas, em que os successos he que devem produzir effeito, e não as palavras, he falta de artificio. A Comedia he para todas as idades, para toda a qualidade de gentes; quanto menos confusão, melhor; quanto mais simples a fabula, mais interessante. Não está o seu effeito em que o Poeta mostre a sua invenção, mas em que satisfaça os caracteres dos que põe na scena.

Duas cousas examino, quanto ao exito da

fabula, que me parecem totalmente incompatíveis com o fim da Comedia; ainda que não só as vejo praticadas na maior parte, mas dadas como regra por antigos Commentadores de Aristoteles, e por alguns modernos, que se lisonjeão de ter adiantado a perfeição destas composições: quaes são o exito feliz, e a propensão, que desde o prologo devemos ter ao primeiro papel. O primeiro papel he o vicioso; pois como deve o Poeta fazer, que os espectadores desejem, que triunfe o vicio sem perverter o fim da Comedia? Este he reprehender o defeito, pois como póde o Poeta satisfazer o primeiro Actor sem approvar este defeito, sem animar os espectadores á sua imitação?

Por exemplo, o namorado he o primeiro papel da Comedia deste character, faz quantas ridicularias cabem na violencia daquella paixão para merecer a boa acceitação da dama, consegue-a por fim: estou certo, que todos os namorados, que virem tal exemplo, darão por bem empregados todos os tristes papeis, que fizerem na esperança, que se lhes dá, de conseguir a dama.

Que importa que pintem ao ambicioso os perigos do mar, os riscos dos sertões, as penosas enfermidades, os máos tratamentos, que experimentão os que buscão o ouro na America, se por fim lhe mostrão os thesouros, que trouxerão outros? Se lhe fizessem ver impossivel a satisfação do affecto, ou se o fizessem mais ridiculo, conseguindo-a, seria proveitoso o exemplo. Se este víra o fim, que regularmente tem esse ouro, certamente não trocaria a tranquillidade da vida por huma cousa, que lhe apressa a morte: por onde assento, que a aversão do primeiro papel, que o exito infeliz são precisos á Comedia: fallo daquella aversão, e daquella infelicidade, que são proprias do assumpto. Bem me occorre, que o primeiro papel póde ver-se convencido da sua preocupação, mas não deve lograr a nossa propensão antes: bem me occorre que póde ser virtuoso o primeiro papel, mas deste não devem fallar os Commentadores, porque não he preciso na Comedia.

Os caracteres devem ser ridiculos, e naturaes; porém como tenho dito, que a Comedia he huma cópia do que passa, e que o seu

fim he a emenda dos costumes, ha huma séria reflexão a fazer sobre elles: se eu pinto as acções dos viciosos como ellas são fielmente, elles em lugar de corrigir-se se lisonjeião: se eu ponho sobre a scena todos os caracteres viciosos, falta o exemplo, e persuadidos a que não ha virtuosos no mundo assentão, que cada hum tem a sua mania, e ficão da mesma sorte o namorado rindo-se do jogador, o avaro do soberbo, o prodigo do affectado.

Por isso naquelle Actor, que representa o vicio, que intento criticar, acho preciso irritar o character, para que todos conheção o ridiculo, principalmente se o vicio he geral: por exemplo, em hum Paiz, em que todos se presumem illustres, mostrarei eu bem o ridiculo em referir o que todos dizem? Certamente não. Em hum Paiz, em que todos são zelosos, mostrarei eu bem o ridiculo em fazer o que todos fazem? Certamente não. He logo indispensavel mostrar na scena hum excesso tirado destes caracteres, que deixe considerar aos viciosos, que são bem capazes de chegar áquelle extremo, de que conhecem o ridiculo,

com a proporção devida, que não approvo, por exemplo, na scena para mostrar a distracção de hum homem fazer que elle, cuidando que se mette na barca de Charonte, se ponha sobre as espadoas de outro.

Acho tambem por esta mesma razão que fará bom effeito pôr na scena algum virtuoso, ou menos ridiculo, para que este, não com aquella pezada moralidade, que vejo em alguns modernos, mas com certos golpes críticos, que parecem ridiculos aos viciosos, vá dispondo os espectadores de sorte, que pela solução, ou fim da Comedia fiquem inteiramente desenganados; porque como disse, que esta composição he para todas as idades, e capacidades, he necessario que o Poeta pelo pueril interesse de fazer o seu Drama com mais artificio, não deixe algum equivoco entre a virtude, e o vicio.



DISCURSO II.

SENHORES.

Continuando as reflexões sobre a Comedia, direi neste segundo Discurso as que me occorrêrão sobre as Personagens, a Unidade, e a Decencia; e sem outro argumento mais que o da definição, julgo bem refutada a introdução de grandes personagens sobre a scena; dou este nome não só a Reis, aos Principes, mas a toda a Grandeza, a toda a Communi-
dade.

Que cousa he a Comedia senão mostrar o ridiculo das acções dos homens? Será licito pôr sobre o Theatro para o objecto do desprezo a sagrada imagem de hum Soberano? Não discorro como Politico, sim como Filosofo, que conhece, que a dignidade do Thro-

(*) 30 de Setembro de 1758.

no, que a elevação do nascimento, que o desenvolvimento da educação os não isentão das paixões da natureza; mas se com todos esses defeitos deve estar a nossa veneração, como pede a Sociedade Civil; se ella se perturba, atacando-se qualquer corpo de Communidade em particular; he contra o mesmo fim da Comedia, que se dirige a melhorar os costumes, principiar por hum desacato, ou por huma imprudencia: nem as Comedias se permittirião; e que fim terião os Poetas?

Não me digão, que o vicio he reprehensivel em qualquer sujeito, e que dos de semelhantes personagens resulta não só a alteração dos bons costumes, mas a corrupção dos Reinos; pois assim como da Tragedia, em que se empregão as pessoas da primeira qualidade, em que se tratão assumptos interessantes a toda a Republica, a igualdade das paixões faz que as pessoas mais ordinarias conheção os effeitos, e tirem documentos; assim tambem na Comedia, em que figurão as mais inferiores, em que os assumptos são familiares; por essa mesma igualdade, tirão as pessoas

da primeira qualidade a correcção do vicio, os effeitos da moralidade. E se vimos bannida pelos maiores Sabios do mundo a Comedia, que atacava hum particular; que outra cousa he pôr hum Rei sobre a Scena Comica? Com a escandalosa differença porém que áquelle o fazia compativel a equidade, e a este o faz veneravel a Justiça.

Fallo diante de vós, e por isso me não detenho em mostrar os erros do Theatro, em que semelhante extravagancia fez cahir a muitos Comicos, não dos de inferior nota imitando por capricho aos primeiros, (a quem ou a ignorancia das regras, ou a falta de reflexão, ou talvez algum motivo satyrico, obrigirão a pôr semelhantes personagens sobre o Theatro) fiados em conseguir pela sua autoridade aquella reputação, que tem os erros dos homens grandes, não só tolerados em contemplação das suas bellezas, mas obstinadamente seguidos pelos ignorantes, que achão facil o caminho, não só para igualallos, mas para excedellos, quando se empenhão em melhorar aquelles lugares, em que elles se esquecerão do preceito, e da natureza.

Não posso dar-vos maior prova, que a de veres por muitos Críticos estimado este monstruoso Drama, como hum feliz descobrimento, que fizerão os modernos, e como hum testemunho do quanto elles devem desabusar-nos da veneração, que temos aos preciosos modélos, que nos deixou a antiguidade: ella foi sujeita, como todos os seculos, áquelles erros inseparaveis da humanidade, e por isso me não servirei de seus exemplos, senão quando a razão não chegar a decidir, como evidentemente o faz pelo que toca ás unidades da acção, do tempo, e do lugar.

A demais desta infallivel demonstração fallão tanto, e tão claramente os primeiros Mestres sobre a unidade da acção, que nenhuma bellezas do Drama serão bastantes a fazer supportavel aquelle, em que ella se não guarda escrupulosamente; digo escrupulosamente, considerada a differença, que ha entre os que se dirigem a moderar as paixões, e os que se destinão a melhorar os costumes, que nestes, sem que se torne a fabula episodica, he supportavel a digressão, que faria languir

aquelles; porque a moralidade dos costumes não he tão prompta, como a vehemencia das paixões, e por isso se não arrisca o effeito, que deve fazer o primeiro objecto dos Poetas.

Quanto á do tempo, como estas observações são outras tantas regras, que me prescrevo; estou bem longe de admittir as vinte e quatro horas, nem ainda quaesquer minutos, que excedão a representação; porque nunca este arbitrio seria proferido, se os preceitos do Theatro, que hoje temos, não fossem posteriores aos Poetas Dramaticos; nem tolerada nelles semelhante liberdade, se não tivesse a Apologia das bellezas, com que nos distrahem, que eu não devo presumir do meu talento; ou este geral defeito não desse huma idéa quasi impossivel de poder achar no tempo da representação aquella variedade de incidentes precisa a fazer deleitavel a correcção das nossas paixões, e dos nossos vicios.

Sem ir contra a liberdade, que nos dão os primeiros Mestres do Theatro, e sem argumentar-lhes com algum dos Dramas, em que se acha nesta parte, quanto he preciso para

mostrarmos a natureza sujeita á arte tão venturosamente, que não as podemos distinguir; he indesculpavel ao Poeta Comico o uso daquella licença, porque ninguem he mais senhor da acção, que quer representar, nem tem historia que seguir, nem character que guardar, nem incidente, que conserve, nem scena precisa; da sua imaginação depende toda a economia da Fabula, toda a invenção dos caracteres, toda a grandeza da acção, e estou para dizer, que observando bem a natureza, pouco mais terá que fazer, que copiar: ella he tão admiravel no ridiculo, que com huma penetração regular, quem não encontrará em duas horas de tempo em qualquer de seus originaes, não digo eu hum argumento comico, mas huma Comedia com todas as suas partes. E quando a preguiça obrigue aos Poetas a atropellar por algumas das regras, julgo menos culpavel o que por salvar a unidade de tempo se valha, com prudencia, do necessario; que aquelle, que por conservar o verisimil se autorize com a liberdade das vinte e quatro horas.

A unidade do lugar, senão houvera exemplos, parecia bem incompativel com o juizo dos homens, que lhes viesse á imaginação questionar sobre se era indispensavel no Theatro. Confesso, que nem as transformações da Eneida, os hyperboles de Botelho, as visões de Milton, me derão idéa tão bizarra do atrevimento poetico, como a falta da unidade de lugar, que vejo nos Dramas. Que sonho póde ter comparação com a quimera de nos quererem os Comicos sem nos movermos de hum lugar, fazer ver no mesmo terreno agora huma casa, agora hum jardim, agora huma Praça, agora huma prizão, agora hum bosque, agora hum rio? Que metamorfose mais admiravel? Que conto de velhos, que divertimento de rapaz? Não estranheis se me não admiro mais de ver, por exemplo, Roma, Peckin, e Constantinopla na representação de huma Comedia. Tão magico me parece figurarem-me nesta casa o Rocio, como a Praça de Madrid; transformarem-na naquelle gabinete immediato, como na casa do vizinho defronte. Não discorro com os olhos no

Theatro Hespanhol , que de humas cortinas de fulié me faz ora admiraveis quadros , ora luzidos crystaes , e de quatro taboas mal unidas hum delicioso passeio , hum caudaloso rio de hum pedaço de velilho ; que de passarem por detrás de dous palmos de cortina já fizerão o dilatado caminho do quartel de huma Cidade : fallo dos Poetas , não dos Theatros.

Grande crítica me formarão com tudo aquelles , que lembrados de alguns Autores que escrevêrão sobre as maquinas , que não forão os que entendêrão menos a economia das Fabulas , dizerem , que elles se detiverão mais em dar arbitrios para se figurarem em differentes partes do Theatro as diversas vistas , de que depende o Drama ; do que em refutar a prática de os fazer dependentes da incommodidade , e inverisemelhança das mutações : bella razão de differença me occorria , se eu me não ríra daquelles , que fazendo os Poetas infalliveis , são tão escrupulosos do juizo , e intelligencia propria , que em quanto não achão em Virgilio o pensamento , que

lhes occorreo, se não atrevem a fiallo do papel; se he que se não livrão melhor desse trabalho copiando-o, não fazendo reflexão em que repetirmos o que disserão outros, nos não dá mais credito que o de applicados, e deixando de ver o quanto tem sido prejudicial ás Sciencias a obstinação de procurar-lhes o fim debaixo dos mesmos principios, ainda inenos abstractos.

A scena deve ser immovel; fora mais escrupuloso em proferir absoluta esta proposição se forão em todas as mais partes regulares as Comedias, em que falta a observação deste preceito; e se não tiverão tanto que desculpar, e que supprir, que me não pareça que nada perdêrão os Espectadores na falta daquellas bellezas, considerando a verdade da imitação; que quando não fora mais que pela facilidade da representação, e pela que dá a intelligencia do Drama, era summamente consideravel para a utilidade pública. Digão o que quizerem os que vão ao Theatro para se deleitarem em Pintura.

Diverte-nos a vista de hum jardim, hum

e outro dia ; entretém-nos huma e outra noite a uniformidade de hum baile ; a habilidade de hum dançador de corda nos leva muitas tardes ; e até as peloticas de hum Andaluz encham as Praças de gentes ; e não ha de poder hum homem com toda a sua imaginação , com toda a força da elegancia , com toda a propensão que temos á critica , com o soccorro dos figurões , que põe no Theatro fazer-nos passar agradavelmente duas , ou tres horas de tempo , sem obrigar-nos a huma cegueira tão repugnante , a huma inverisemelhança tão grosseira ?

Se os Comicos lessem mais pela natureza , que pelos livros ; se compuzessem os Dramas , não nos seus gabinetes , mas nas casas de intriga , que eu conheci , ou talvez na minha ; se conhecessem o fino do ridiculo , como não cahirião nestes erros ? Como por si mesmos verião não só inutil , mas prejudicial ao interesse dos Espectadores pôr diante dos olhos muitas cousas , que nos lisonjearião mais com aquella natural satisfação , que temos quando se justifica a nossa presumpção. E quanto esta

unidade concorra para se guardarem a da acção, e a do tempo, he tão evidente, que offenderia a vossa comprehensão, se me detivesse na menor ponderação.

Inutil parecerá talvez fallar na decencia, porque se não deve presumir, que falte a ella aquelle, que se propõe corrigir o vicio, e emendar costumes; mas a differença dos tempos, a que ha entre as Nações, conservando humas quaesquer singellezas dos primeiros seculos, usando-as outras, como liberdades; sendo algumas menos Estoicas do que outras no uso das linguas, e autorizando a preocupação, ainda em Reinos polidos, certos costumes, que lhes deixarão os barbaros; he certamente a decencia o que ha de mais importante na Comedia, principalmente entre nós, que temos refinado a modestia de sorte que offende a Sociedade; purificado a lingua de maneira que nos não entendemos; e puxado os cumprimentos a tal extremo, que mettemos hum homem por cima de hum monte de lama só por lhe não dar a esquerda.

Se escrevesscmos naquelle tempo, em que

os Filósofos, os Oradores, a Religião, e os Politicos apprendião dos Poetas, mais culpavel seria o descuido, que elles tem geralmente, em se não lembrarem do prejuizo, que fazem á Republica na liberdade com que tratão os olhos, e os ouvidos dos Espectadores; mas sem questionar, se aquella falta de veneração veio da corrupção dos seculos, ou dos Poetas, e se a idéa, que hoje se faz da Poesia, nos póde lisonjear de que alguém se não envergonhe de tirar documentos das lições de hum Poeta, não póde deixar de culpar-se-lhe a falta de circumspecção na indecencia das scenas e das palavras.

O que em París he civilidade, he desaforo em Portugal; o que alli he cumprimento, aqui he namoração; o que lá he obsequio, aqui fora insulto; o que lá parecia escandaloso, aqui he de ceremonial; o que tratão os Francezes de bagatella, fazem os Portugezes ponto de honra. Não he proprio Legislador o Poeta para decidir nestas circumstancias de character de huma Nação, ainda que a Filosofia lhe forneça admiraveis argumentos; porque a

demais de chocar com todos, quando a razão necessita de estímulos, querendo evitar hum mal cahimos em outro peor; como eu tenho visto em algumas casas honestas Portuguezas, que querendo viver á Franceza escandalizão os mesmos amantes da liberdade.

O costume he tão poderoso, que atropella a razão; e a virtude está tão perto do vicio, que se deve temer o excesso, por isso tudo o que for em beneficio da modestia será conforme aos bons costumes; evite o Poeta as scenas patheticas de mão a mão entre os amantes, e quando sejam precisas trate-as com a mais escrupulosa decencia: quanto á honestidade dos géstos, como á molleza das palavras, aqui he que eu lhe louvarei que não consulte, quero dizer, que melhore a natureza. Se huma pintura impudica, se hum escrito livre he bastante estímulo á nossa fragilidade, que serão as imagens vivas? Se a brutalidade de hum rustico sabe evitar na educação dos filhos semelhantes prejuizos, ha de fazello patentes hum Mestre de costumes? Se a nossa Nação se escandaliza mais das palavras, que

dos conceitos, seria huma indecencia usar de termos, que ella julga mal soantes, não fallo dos que nos dão idéas impudicas, mas ainda daquelles, que o uso tem reputado grosseiros, supposto que nisso haja preocupação ignorante.

A decencia, em quanto diz respeito ao vicio, deve fazer o primeiro cuidado do Poeta, pois della depende tanto a instrucção dos Espectadores, e o fim da Comedia, que em qualquer de seus Actores que se falte a ella se perverteo inteiramente a moralidade. Não devemos reprehender hum vicio com a approvação de outro; não devemos autorizar hum prodigo para fazer odioso hum miseravel; todas as provas, que trouxermos para refutar o vicio, devem ser virtuosas, tiradas da Justiça, e da razão.

O character do avaro he, e justamente, o mais odioso a todo o mundo, porque semelhante vicio aparta os homens de todos os virtuosos effeitos da humanidade; elle abandona os filhos, elle maltrata a esposa, elle foge da sociedade, elle se não enternece com as maiores

afflicções do proximo; mas se nós para castigarmos este defeito approvarmos o furto, approvarmos a aleivosia, não seremos reprehensíveis, e mesmo prejudiciaes?

Pois que outra cousa he pôr na scena, por exemplo, hum filho conluiado com o criado de hum velho, ministrando-lhe no vinho, ou nas iguarias aquella porção de ópio para o metter em hum lethargo, prescindindo de que possa tirar-lhe a vida, mas sim que lhe dê bastante tempo para lhe roubarem os thesouros, e fugirem com o dinheiro? O gosto, que semelhante maldade causa aos Espectadores, e o riso, com que celebramos a desesperação do avaro, nos faz reputar aquelle insulto do filho, e do servo, como hum gracioso chasco, e desperta nos que se achão no mesmo caso a idéa, que ou o respeito, ou o temor lhe não suggerião, ou lha não deixavão pôr em prática. Não sei se deste, e semelhantes exemplos se seguirá refinar mais os avaros do que extinguillos; e não sei se fora melhor que os houvesse, do que facilitar os outros vícios: assim discorro de todos os que podem ser assumpto Comico.

Na mesma Providencia temos mil modos de castigar estes aborrecidos homens, ou com a fraqueza da paixão amante, ou com o desejo de augmentar os cabedaes, etc. porque não tendo elles contra quem clamar mais do que contra si, pondo os olhos na Providencia, attribuem unicamente a castigo da sua maldade aquellas infelicidades. E por estes decentes modos he que o Poeta deve reprehender o vicio, porque lhe não succeda, que querendo evitar hum, nos faça cahir em outros peiores.



DISCURSO III.

SENHORES.

TRatarei neste Discurso do riso, e da tristeza; porque ouvidas as reflexões, que fiz nos dous antecedentes, sobre o Assumpto, Fabula, Caracteres, Personagens, Unidades, e Decencia, parecerá talvez, que a severidade dellas he tiada de hum moral tão summamente austero, que faria dominar a melancolia em semelhantes composições de sorte, que não só entristeceria os Espectadores, mas que chocaria inteiramente com o preceito, que nos diz que o bom Drama he o que agrada debaixo do seu character, e que o Poeta Comico deve fazer rir os circunstantes, quando eu tão escrupulosamente os desejo satisfazer, que não admittirei na Comedia huma scena triste.

(*) 30 de Outubro de 1758.

Esta he huma das differenças mais notaveis , e mais sensiveis , que se conhecem entre a Tragedia , e a Comedia : aquella de tirar-nos lagrimas , esta riso : aquella não deve ter huma scena alegre , como já ouvistes em hum admiravel discurso pronunciado nesta Assembléa ; esta com huma scena triste perverte a satisfação dos Espectadores.

Já vos vejo olhar para as Comedias , em que notais assassinos , naufragios , desafios , e toda a sorte de desgraças ; não , Senhores , sou bastante discreto para não fallar de erros tão grosseiros a homens tão instruidos ; conheço perfeitamente a vossa crítica para não admittir na minha imaginação a mais leve suspeita , de que approveis semelhantes absurdos nestas composições : entendo por scena triste na Comedia aquella , que atemoriza os Espectadores , e que pela condição da natureza não póde deixar de introduzir-lhes compaixão sem horror da humanidade , ainda que esta se não destrua , ainda que conheçamos a fraqueza , que conduzio o motor a semelhante afflicção ; bem sei que o effeito , que se tira desta dou-

trina, he summamente proveitoso, porque os homens vendo as consequencias, são mais discretos em regular as paixões no seu principio; vendo, por exemplo, hum amante o perigo, a que expõe huma virtuosa donzella pela sua desordenada paixão, sabiamente considera, que he melhor passar por ingrato no seu conceito, que por indigno entre as gentes: mas deixemos esta reprehensão á Historia, e conheçamos, que o que mais tem pervertido as composições he querermos tirar de cada huma dellas os effeitos, que devem produzir todas.

Sois mais versados do que eu na lição dos primeiros Comicos para nie escusares a impertinencia de apontar-vos exemplos; e conheceis admiravelmente o Paiz em que escrevo para vos persuadires, que se perderia o fructo do meu trabalho, bastando a illudir a força da razão ouvirem-me notar algum destes defeitos em Plauto, ou em Terencio; ainda aquelles, que conhecem estes Autores por tradição, e os instruidos a quem terião persuadido as minhas reflexões.

Não vos pareça , que procedo incoherente em desterrar a afflicção do Theatro Comico , quando admitto contra a geral opinião o exito infeliz da Comedia , e que não deixo vicioso sem castigo : humna cousa he a afflicção dos Actores , que nos faz rir , outra a que não podemos negar a compaixão ; desta he que fallo , porque a primeira deve reinar sempre na Comedia , como o mais proprio incentivo a tirar-nos o riso.

Que cousa mais galante , que hum vaidoso transportado na maior agonia despedindo o Guarda-roupa , que mandou vir de París a peso de dinheiro , e a quem soffre as maiores insolencias , porque lhe faz mais grossos os bucles do cabello ; despedindo-o , digo , pelo ter negado a hum Grande , que o vinha buscar para ver hum Couteau au pied de biche ; depois de lhe ter dado a ordem de que não queria fallar a pessoa alguma. Que mais engraçadas lagrimas que as de humna mulher ordinaria , que pelo seu dinheiro comprava a sua Senhoria , quando vê a lei dos Tratamentos. Que cousa em fim mais comica do que ver enfiar hum

casquilho quando lhe fallão por mercê. Estas, e semelhantes afflicções são as que me parecem proprias deste Drama, porque, supposta a fraqueza dos homens, ainda que lhes sejam mais violentas, que as que lhes causariam a morte dos pais, a perda dos bens, a falta do credito; por isso mesmo se fazem mais ridiculos objectos á nossa consideração.

O riso, Senhores, todos sabem que he o primeiro distinctivo do homem, e ninguém ignora, que o excesso desta propriedade he a maior testemunha da sua ignorancia: agora discorrei vós o conceito, que merecem aquelles, que se rim de cousas, de que o não devem fazer, e de que desprezo se fazem dignos os Comicos, que se não sabem rir, quando querem introduzir este vicio nos seus Espectadores.

Não presumais, que me lisonjeio de ter achado a razão fundamental do riso. O grande Quinctiliano, depois de dizer-nos que muitos a tinham procurado indagar inutilmente antes d'elle, confessa tambem a sua ignorancia, contentando-se de dar o effeito pela causa: nelle

tereis visto os admiraveis exemplos dos modos de mover o riso, e como eu não quero ostentar de erudição, ou como conheço, que não he este o modo, acho impertinencia repetir-vos o que podeis ver a todo o instante: direi o que me parece sobre o que faz ao intento, que me propuz com a liberdade de Escritor, e de Escritor, que não pôde ser prejudicial, pois a falta de autoridade livrará o Público do prejuizo, que lhe fazem os Autores de reputação, quando indifferentemente nos expõe as suas idéas.

Sabeis que o riso tem lugar em quasi todos os Discursos, e sabeis que a Comedia he a composição, que admite toda a especie, ou todos os modos de mover o riso, e por isso fora inutil fazer alguma reflexão nesta parte, senão vissemos, que os homens são tão faceis ao riso, e tão geral a tentação de fazer rir huns aos outros, que sendo a graça humdom unicamente da natureza, e tão raro, queremos pôllo em parallelo com o juizo; todos queremos ter graça, assim como todos queremos ter juizo, com a differença porém, que

para justificar inais esta opinião , passa em proverbio o dizer-se , que a gente se não ri de descrições.

Agora lembrai-vos daquelles semsabores , que querem contrafazer os que tem graça , daquelles , que não deixão passar duas palavras sem dizer hum equivoco , dos que querem refinar quantos pensamentos ouvem. Podeis-vos rir ? Lembrai-vos dos que tornão todos os discursos em ridiculo , dos que não dizem palavra sem anexim , dos que por serem graciosos se não servem senão de termos grosseiros , porcos , e insolentes. Lede as nossas Comedias modernas ; vede no Theatro os géstos com que os Graciosos querem fazer rir as gentes ; ainda mal que a tantos fazem rir.

A consequencia , que tiro destas ponderações , he que o Poeta Comico , que estudar muito em fazer rir os Espectadores , ou que os quizer ver sempre rindo , degenerará em Bufão ; mais que do que dizem os Actores nos fará rir delles : nas Comedias , que deixo apontadas , he o riso , que me tirão os Poetas. E para confirmares esta opinião basta reflectires

em que os homens de estudos , e de juizo são regularmente os mais frios quando querem dizer huma graça ; em vós mesmos tendes a melhor prova se tiveres observado , que as idéas , e os ditos agudos vem de repente , sem saber como , e os homens mais vivos são os mais felices nos apothegmas ; Portugal os teve admiraveis , e ainda hoje eu vos apontára alguns , que justificação bem a minha opinião , se a modestia o premitisse. Em fim , Senhores , a graça he toda natureza.

Ha tontos , que basta que abram a boca para fazer-nos morrer de riso : e ha discretos que nos põe em tormento , quando nos querem fazer rir. Não quero dizer por isto , que se mettão os tontos a fazer Comedias ; nem que os discretos , que conhecem o Theatro , não comprehendão estas composições , quero que apprendão a conhecer o ridiculo , e que elle seja o estímulo do riso : *Hoc opus , hic labor est* . . . quem não he Filosofo , ou quem o he tão austero , que não distingue dos tempos , e dos lugares ; quem não conhece o grande mundo ; a quem falta o trato frequen-

te das gentes, indispensavel para conhecer a natureza; quem não estuda o character da Nação, e da Lingua, em que escreve; quem não distingue judiciosamente, sem paixão diggo, os costumes da sua Nação, dos defeitos, que a differença lhe faz notar á primeira vista nas estrangeiras; quem não escreve Comedias mais para instruir os preocupados, que para divertir os ociosos: como ha de conseguir o fim? Como ha de mover o riso? Do discreto fallo, que mais que em qualquer outro Reino deve no nosso ser o primeiro objecto do Comico; porque a falta de Theatro nos obriga a instruir lendo, e deste modo se conhecem melhor os defeitos quanto a esta parte, que a bondade dos Actores póde supprir, e se diffulta o aproveitamento. Aos Theatros vão todos, e só os applicados he que lêem.

Adquirido este conhecimento, e feita humma prudente, e escrupulosa reflexão para não estendermos a crítica a cousas, que não a merecem, passe o Poeta a fazer os seus apontamentos sobre aquelles incidentes, que lhe fizerem mais especie, quero dizer, daquellas

cousas, que lhe tiverem excitado vivamente a paixão do riso: este era o systema do primeiro conhecedor do ridiculo Mr. de Moliere, a quem os seus apaixonados vinhão para este effeito contar as historias galantes, que lhes succedião em todos os assumptos ridiculos; e esta opinião de outro judicioso Francez, que diz que para acharmos graça nos caracteres, que vemos na scena, he preciso, que nos lembrem algumas pessoas, em quem os tenhamos observado; e se isto não só he certo, mas evidente, quanta maior precisão terá o Poeta de copiar estes originaes, sabendo não só, que a Poesia he imitação, mas que a ficção em semelhantes composições não póde descobrir tanto como a verdade; não póde a imaginação fornecer tantos, e tão bons incidentes, como o acaso; e deste modo leva já seguro o effeito pelo que sentio em si, e pelo que presenciou nos outros.

Não me façais o reparo, de que deste modo tornariamos a Comedia em Satyra, porque o incidente e o character descobririão o sujeito. Procedendo o Poeta com este conhecimen-

to, já sabe quanto lhe he preciso disfarçar humma, e outra cousa: no que não só não se perderá nada, mas se augmentará o incentivo; pois o mesmo Aristoteles nos prescreve como regra isto que parece violento, e necessario; imitando os que referem ainda successos verdadeiros, e sérios, que os enriquecem, ornão, e alterão com circumstancias, que os fazem mais interessantes: sendo o assumpto ridiculo, e não havendo precisão de conservar senão o que faz ao intento do Poeta, he bem facil que se possão substituir as circumstancias, e que occurão innumeraveis modos de fazer mais engraçado o lance: a demais desta facilidade, ha tambem a razão de serem as pessoas, que figurão, as mais ordinarias, e os incidentes familiares, o que tudo concorre para occultar o sujeito; e sobre tudo a vaidade dos homens, que os faz tão cegos em conhecer os seus defeitos, ainda quando lhos pintão com as cores mais vivas, e tão perspicazes para os attribuirem aos outros com a mais leve semelhança.

Supposto que disse, que a Comedia he o

discurso, que admitte todos os meios de mover o riso; não he o meu parecer, que os Graciosos fação por offício escarneo dos amos, que nos queirão fazer rir com as contorsões do arlequim, que se vistão de Cruz-diabo; que fallem pelo nariz, etc. antes a minha opinião fora tirar semelhantes bufões do Theatro: são tão sabidas as suas graças, tantas as suas impertinencias, que a mim não só me parecem insupportaveis, mas me tem feito pasmar vêr, como os põe no Theatro as Nações mais sábias, e polidas; mas acho-lhe a mesma razão, que houve para estragar o bom gosto das Sciencias.

Os grandes genios são quasi sempre os que introduzem a corrupção no gosto, como, por exemplo Ovidio, Seneca, porque, tendo espirito para sustentar, e mesmo fazer sobresahir os falsos brilhantes, os deixão visiveis depois nos que querem imitallos sem talento; que exemplos poderia apontar-vos? Isto se faz bem sensivel nas modas. Apparece-nos, por exemplo, hum bello Inglez com a sua cabelleira côr de castanha, hum grande chapéo, hums

punhos compridos, baixas as prégas da casaca, gravata farta de cambraia, e a entrada curta nos çapatos. Que fazemos nós? Entramos a refinar, se o chapéo tem hum palmo de aba, damos-lhe palmo e meio, se a cabelleira he castanha, mandamo-la fazer loura; a gravata ha de levar tres varas de caça, os punhos chegão ás unhas, a casaca tem quatro dedos de claro, a vestia deixa a barriga á mostra, e os çapatos apertão-se nas pernas. E apparece-nos naquella equipagem hum Portuguez de huma vara de alto, negro como hum carvão, e myrrhado como hum esqueleto. Que vos parece? Nós não podemos dizer; não podemos conhecer bem o ridiculo de semelhante figura: aqui ha duas cousas de notar; a primeira, em que hum bello homem sempre nos parece bem; e a segunda, em que os Ingleses necessitão de dever tanto á natureza para supportarem os seus trages. Vede o que diz delles o Barão de Polinits.

E quando vos não mova o bom gosto, o veres, graças ao tempo, desterrada do nosso Reino a paixão, que houve nas Hespanhas pe-

los Bufões , que foi o que deo causa aos pô-
rem os Poetas sobre a scena ; como na Latina
as detestaveis manhas dos escravos ; mova-vos ,
digo , a desterrar estes chamados Graciosos o
credito da vossa Patria : o leres em letra re-
donda no principio de huma traducção : Dra-
ma de Metastasio accommodado ao gosto do
Theatro Portuguez : que idéa farão os Estran-
geiros do nosso Theatro , não vendo de mais
nestas composições , que os semsabores gracio-
sos ? Como ficarão os desgraçados Autores ,
que pela traducção das suas obras he que pro-
vão o merecimento dellas ? Lembrai-vos dis-
to , vós , que culpais os Estrangeiros quando
nos criticão.

Já vedes em que degenera o riso quando
se trabalha imprudentemente pelo excitar ; e se
quereis saber o quanto he facil rirem-se os ho-
mens , basta que façais reflexão , em que nem
necessitão de abrir a boca para nos mover o
riso , como diz o mesmo Quinctiliano. Hum
gésto , huma acção , huma admiração , hum
apontar com o dedo , hum arquear as sobran-
celhas , piscar hum olho , abaixar a cabeça

basta para fazer rir aquelle, que sabe distinguir do ridiculo, e que se não ri senão de alguma cousa.

Notai tambem a differença, que ha entre o riso, e as outras paixões, ou entre os preceitos, que nos dão os Mestres para movellas: he certo que para mover a colera, he necessario enfurecer-se; para mover a compaixão, compadecer-se; para fazer sahir as lagrimas, chorar; mas para mover o riso he bem pelo contrario: não só não he preciso rir, mas he melhor dizer as graças com sisudesa; e esta seriedade muitas vezes nos faz rir mais do que a graça, que se diz.

Escuso dizer, que não devemos fazer rir os homens dos infelices, dos desgraçados, dos mal vestidos, dos bons homens, etc. Perdoai-me esta impertinencia, deixaria de fallar nella, como deixo de fallar no mais, que adverte Aristoteles aos Dramaticos, porque não escrevo para os que não tem lido as Poeticas; deixaria de fallar, digo, se não visse tão valida na nossa terra a graça, a que chamão metter a bulha; em que sem saber o que fazem mui-

tos, que não passam por tontos, em vendo hum homem, que não traz a cabelleira penteada por Gabilhon, ou o espadim a mamar, já saltão nelle com as suas bonitas graças: escuso dizer-vos qual he o ridiculo neste caso.

Não he o meu projecto desterrar do Theatro esta especie de chocarrice, e mallograr as graças, que consistem na jovialidade, com que os amigos fazem mais agradavel a meza, o jogo, a sociedade, dando-se huns aos outros golpes graciosos sobre cousas indifferentes, e que não ridiculizão; mas sim que as digão com este animo; e que quando quizerem sobre semelhantes assumptos dar a entender o ridiculo, distingão; rião-se muito embora de ver huma cabelleira mal penteada, mas seja em hum homem, que se préza de andar sempre n'hum ponto; rião-se do que se apresenta nas companhias mal vestido, roto, etc. mas seja porque sabem que gasta o seu dinheiro em buscar a pedra filosofal, etc.

Não he tambem o meu intento desterrar da Comedia o equivoco; o hyperbole; o proverbio, e semelhantes bellezas; de tudo temos

exemplos em Plauto , em Terencio , e em Cícero : a este , e a Moliere se lhes culpa a paixão , que tinham por mover o riso ; e para conheceres a razão desta crítica , basta leres as suas obras , algumas frialdades acharcis em Cicero , e vereis em Moliere muitos caracteres mal seguidos , por esta tão natural tentação dos homens , principalmente depois de saberem que lhes achão graça ; isto não obstante facil me fora fazer-lhes a apologia , áquelle com o que diz Quinctiliano , e a este com o gosto da Nação para quem escrevia.

O equivoco , e o hyperbole , que ha tempo são o escandalo das pessoas de bom gosto , e talvez o em que muitos fundão a delicadeza delle , (perdoem-me os que tão graciosamente os tem refutado) estão para mim nos termos dos mais tropos , que ornão , e fortificão os discursos : o equivoco no meu parecer póde empregar-se não só nas Comedias , mas em composições mais sérias ; porém sómente quando quizermos dar algum golpe crítico , ou que lhe convenha o ridiculo. O hyperbole he admiravel em todas : se o equivoco he máo

por alguma razão de desconveniencia; se o hyperbole he fóra das regras, se se repetem a cada instante, não se podem soffrer, da mesma sorte que tudo o mais, que fornece a Rhetorica para dar força ao conceito, e á locução. Devo com tudo advertir, que os que tiverem tão pouca graça, como eu, será bom que deixem semelhantes composições sem estas bellezas, que são também das que se não conseguem por estudo.

He, Senhores, quanto me occorreo sobre o riso: assentando que o que o Poeta deve excitar na Comedia, não he o com que nos divertem os chocarreiros, mas sim aquelle com que Democrito nos instrue.



DISCURSO IV.

SENDO a materia a que deve prescrever o estylo, e sendo o modo, por que se tratão os assumptos o que regule a metrificacão, e o interesse guiado pelo juizo quem decida sobre a distribuição das partes de quantidade dos Poemas; claro parece que fica do que dissemos nos Discursos precedentes, o estylo, a metrificacão, e a divisão dos Actos da Comedia.

Nella se devem tratar assumptos familiares, nella figurão pessoas ordinarias; que cousa mais impropria que pôr na boca de semelhantes gentes palavras escolhidas; que cousa mais impertinente, que encher de figuras os seus discursos? Se o Poeta nos Dramas de Cothurno, em que se tratão accões grandes, em que fallão pessoas illustres, e eruditas, deve não perder de vista a imitação, considerar, digo, que ellas fallão de repente, e deixar o uso de semelhante frase para as composições,

em que o Orador, em que o Poeta falla, e em que fallão de estudo ou para mover, ou para instruir; como não será fugir da natureza empregar na Comedia aquelle estylo?

A quem não deve parecer ridiculo que humma pobre mulher, que humma rapariga, que apenas sabe ler, e que não tem mais noticia da eloquencia do que os discursos do pai, ou do marido quando as reprehende, e murmura das filhas do vizinho; a quem não parecerá, digo, ridiculo que se expliquem com as subtilezas de Seneca, com os conceitos de Cicero, que seriam improprios na mais bem educada Princeza!

Assim discorro dos simples criados, que humas vezes parece que nem tem racionalidade, e outras moralizão como Filósofos. Se o fim do Poeta não deve ser outro mais do que enganar-nos, distrahir-nos de sorte com a verdade, que julguemos que não he representação, mas sim realidade o que se passa no Theatro; he presumir nos Espectadores ou humma total estupidez, ou depravado gosto para conseguir por semelhante modo a acceitação

das suas composições , sem jámais esperarem aquelle feliz engano , em que consiste a bondade do Drama ; que abandonarão os máos Poetas , lançando mão com indesculpavel pedantaria das bellezas do estylo sublime , ou das galantarias do médio ; sem lhes importar se fallão elles , ou se fallão os Actores , sem attenderem ás conveniencias , ou desconveniencias do assumpto.

He tão geral este defeito , e temos tanta parte nesta crítica , que nem a prudencia , nem a modestia permite que vos aponte exemplos bem conhecidos , e bem justificada está a censura por muitos eruditos , que picados de hum verdadeiro amor da Patria não forão tão escrupulosos em apontar com o dedo , e chamar a juizo aquelles lugares , que por mais admiraveis poz a depravação do gosto na memoria de todos : direi sómente que o estylo , que deve dominar em semelhantes composições , he o natural , e simples , porque neste não só he o em que fallão semelhantes pessoas , mas o de que se servem todas as que sabem explicar-se , quando tratão semelhantes assumptos.

Muitas vezes he preciso , que hum ou outro Actor levante a voz ; e aqui a maior parte dos que escrevêrão da Comedia lhes permittem de passagem o uso daquelles estylos , que deixo refutados ; mas deve fiar-se tão pouco da moderação dos Poetas , que julgarei advertidos aquelles , que ainda em semelhantes casos , que será bom que raras vezes appareção nestes Dramas , se contentem com o sublime , que se acha no estylo simples , que talvez será não só o mais proprio , mas o mais grande , e o mais difficil.

Sabeis perfeitamente , que os defeitos se não devem pôr na scena sem huma grande discrição , ainda com o fim de corrigillos ; que o Theatro deve ser não só hum censor de costumes , mas hum mestre da lingua ; e isto basta para não ser attendivel o argumento de que se buscamos a imitação , devemos na Comedia usar da frase baixa , em que se explicão as pessoas daquella esfera , que , segundo o meu juizo , devem figurar em semelhantes composições : a frase baixa está nos mesmos termos , que a inchada , e a demais

de por ellas se não caracterizar estylo , que he o que basta para se não admittirem , quando o seu fim não he o castigo da má locução , seriam summamente prejudiciaes , e sobre esta parte da imitação discorro com aquelles , que tem decidido da frase , em que devem explicar-se os Poetas Bucolicos , que são os que admittem maior liberdade no estylo , quero dizer , menos pureza na dicção.

Não são de pouco momento as difficuldades , que se offerecem sobre a metrificacão na Comedia. A natureza parece que a repugna ; e que força não tem o argumento da solida Filosofia dos Inglezes , que olhão a Comedia em verso como hum verdadeiro monstro ; que resposta se lhe dará depois de tantos homens da primeira erudição , nascidos em outros climas terem querido provar , que a metrificacão he tão indifferente á Poesia , que ella póde subsistir em prosa. A autoridade do famoso Moliere , a prática dos Italianos , a veneração , que merecem os nossos Antonio Ferreira , e Sá de Miranda , todos favorecem aquelle partido. A paridade da Tragedia tem tantas respos-

tas, como a prática dos Gregos, e Latinos; e nestas difficuldades inseparaveis pelo meu pouco talento, que não chega a descobrir circumstancia essencial depois de reflectir nos admiraveis exemplares, que ha de humas, e outras, direi que o mais prudente me parece escrevellas em verso curto, solto, conciliando estas duas opiniões, respondendo aos que estão da parte da prosa, que os que melhor a fallão, insensivelmente repetem semelhantes versos; e aos que estão da parte da metrificacão, que a rima não he o que a constitue.

Assim, sem perder quasi nada da parte da natureza, não tiramos á Poesia o epitheto da voz dos Deoses, com que ella sempre se ennobreceo; e supposto que os versos curtos admittão interpolacão de outros de menos syllabas, com que certamente ficaria a Comedia mais prosaica, e mais natural a imitacão, será prudente que em quanto as solidas, patheticas, e admiraveis bellezas das vossas composições livres não põe no antigo estado a mimosa pelle do tambor dos ouvidos portuguezes, calejada pelos amudados golpes do

pezado, e agudo martello do consoante, que tem em actual ociosidade as paixões da alma, que unicamente se movem pelas vozes do coração, que nunca rima; será prudente, digo, deixar-lhe aquella harmonia, ou por me explicar, aquelle compasso, que tem a uniformidade do metro.

He ridiculo, quanto a mim, metter em semelhantes composições sonetos, glosas, e outras puerilidades, de que estão cheios os nossos máos Dramas, e a que eu não acho outro fundamento, nem para lembrar, mais do que o frenesi de Poesia, que houve nos tempos, em que escrevêrão aquelles, a quem os nossos imitárão sem mais razão; que era bastante na verdade para Poetas, que ignoravão totalmente o que fazião: esta falta de reflexão tambem faz ainda hoje pôr na boca dos Actores aquelle Sol, estrellas, mares, Vesuvios, e Mongibellos, de que rim as nossas Damas nos estrados, e que são admiraveis em immensidade de lugares, em que se achão tanto nas letras sagradas, como nas profanas: mas que tempos, e que gentes erão aquellas?

Quanto ás partes de quantidade do Drama he inutil, e mesmo redundancia assegurar que sem as essenciaes não póde subsistir a Comedia; e prova a advertencia dos Gregos, que por ellas fazião mais methodica, e sabiamente a divisão, que he indifferente, que a Comedia seja em tres, em dous, em cinco, ou em hum Acto sómente, todas as vezes que o Poeta guarde aquella divisão de Prologo, e Episodio, etc.

Confirma-se isto pelos admiraveis exemplos dos Comicos modernos, que entendendo os preceitos de Horacio olhárão para as regras de Aristoteles, e para a differença do gosto, e do tempo, e conseguírão venturosamente o fim sem a sujeição aos cinco Actos. Eu sem decidir direi o que me parece mais a proposito.

As composições, que deixão o Theatro vazio, parece que he melhor que se dividão em tres, ou menos Actos, porque se não distrahem tanto os Espectadores, e se não fatigão com intermedios ridiculos, e estrangeiros ás pessoas, que tomão verdadeiro inte-

resse no Drama. Se as peças são más, melhor he que sejam duas, que quatro; se forem boas, também são bastantes duas no pequeno espaço de tres horas, que he o mais que póde durar a representação: e como a Comedia deve excitar o riso, nem ha a necessidade, que muitos Autores considerão para approvar a divisão dos cinco Actos na Tragedia. Quem gosta de ver a destreza de hum toureiro, que impaciencia não tem em quanto não sahem da Praça as impertinentes danças? Que afflicção quando vê collocar os odres, e outros bonifrates? E jámais espera pelo touro dos rapazes.

O melhor certamente fora, que estas composições ou se não dividissem, ou tivessem os intermedios segundo a idéa, que Moliere nos deo no seu *Fâcheux*; mas tudo tem difficuldades insuperaveis: o primeiro modo, por que atava os Poetas, e cançaria os Espectadores; o segundo, porque nas acções particulares poucas vezes não seriam inverisimeis. He quanto me occorreo, regulando-me não sómente pelas reflexões, que me suggerio a

leitura , mas pelo que observei em mim , quando vi humas , e outras composições no Theatro.



DISCURSO V.

A Falta de attenção, que algum Dramatico teve com o Theatro, já deo lugar a que Aristoteles a recommendasse na Poetica; e supposto que os modernos em muitas cousas, que dizem respeito a esta importante consideração, melhorassem as suas composições, quero dizer, as livrassem de alguns defeitos dos antigos, muito facil me fora mostrar em composições ainda deste seculo absurdos, em que elles não cahirão.

Destes, huns são por estenderem os Poetas a ficção nos Dramas além dos limites, que lhes permite hum juizo prudente. Outros por se atarem grammaticalmente aos preceitos da Arte; e muitos por considerarem mais em detalhe, que no todo as partes de que deve compôr-se o Drama.

Dos primeiros defeitos da inverisemelhança da ficção, he vermos, por exemplo, no

Theatro darem principio a huma scena (em que tenho observado deleitarem-se muito os Espectadores) darem-lhe principio , digo , duas figuras , que sahẽm por differentes partes do Theatro , e muitas vezes oppostas , não em escuras noites , mas em alto dia ; e começam a fallar de sorte , que se deixão ouvir no fim da Platéa , e a fallar alternadamente de modo que até para fazerem incoherente a inverisemelhança , acaba hum a quintilha , a decima , ou quadra , que o outro principia , e não se ouvirem , nem verem na distancia muitas vezes de dous pés ; caso este , que ainda que o observasse o Poeta realmente pela distracção de duas pessoas de huma viva imaginação , e nos termos , em que elle podia succeder , o não devia pôr no Theatro , em que todos sabem , que a verisemelhança he , e deve ser preferida á verdade.

Ninguém que tenha uso de razão deixará de reputar indesculpavel semelhante absurdo , de rir do Poeta , e de scandalizar-se da zombaria , que elle verdadeiramente faz dos Espectadores : sei eu até aonde se póde estender a

ficção no Poema Epico, e quanto elle se anima do admiravel, onde ou a magica, ou a mythologia admitte a invisibilidade; mas reparo em que Homero, e o nosso Camões, que certamente não ignorarão quanto era mais sublime, que os Deoses sem algum véo occultassem aos nossos olhos as acções, que não querião que lhes observassemos, reparo o quanto forão circunspectos em servir-se desta ficção, pois as mais das vezes ou se cobrirão com hum espessa nuvem, ou se moderarão: e nós em hum Drama sem magica, e sem milagre queremos autorizar o invisivel: he copiar bem a natureza; he grande artificio comico; he forte subtileza de engenho: verdadeiramente não póde chegar a mais o atrevimento dos Poetas, ou a corrupção do Gosto.

Dos segundos defeitos, ou descuidos por falta de intelligencia, ou por servidão escolastica, que tem aos preceitos da Arte aquelles, a quem a pobreza de espirito não deixa perder os resabios do Collegio: são, por exemplo, os que lendo a passagem de Horacio, em que diz, que não falle quarta pessoa na scena,

ou fazem mudas as mais, se alguma vez as põe no Theatro, ou nunca deixão ver nelle mais de tres, ou as introduzem duas a duas, deixando o Theatro vazio, ou se põe huma, ou todas, quando o Poeta quer, a fallar só: e o mais galante he, que suppondo, ou devendo suppôr o Comico, que nos monologos não falla o Actor, mas que por necessidade da intelligencia do Drama percebem os Espectadores o que elle está imaginando; vem outro repetindo-lhe as palavras, que elle acabou de dizer.

Destes defeitos são tambem os daquelles Poetas, que por dispõem geometricamente as entradas, e sahidas das figuras, ainda que o Drama fique inverisimil, e monstruoso, não farão sahir duas vezes em hum Acto a mesma figura; só porque lêrão em alguma Poetica, que fundada em razões bem naturaes manda, que no mesmo Acto se não exponha duas vezes hum Actor; e os de outros Poetas, que sem attenderem áquellas razões conservão com impertinencia no Theatro a primeira figura.

Longe estou de atrever-me a condemnar

os preceitos de tão sabios Mestres, mas quizera que onde não chega a intelligencia do Poeta, fosse a natureza o expositor; e que se considerasse primeiro que tudo a necessidade, e o fim do Drama: todas as regras tem a sua excepção, e a sua modificação todos os preceitos, e o apartar-se da Arte he Arte muitas vezes, como ninguem ignora. Se nós temos presente o Legislador, para que havemos de estar pela interpretação dos Commentadores. Não he melhor beber na fonte, que no charco; se temos o original, para que havemos de imitar as cópias.

A terceira especie de defeitos, a que deo causa o attender-se menos ao todo, que ás partes, são, por exemplo, aquelles, que deitão a perder hum character, só porque o Actor não perca hum bom dito: são aquelles, que pela galantaria de hum á parte fazem parar o discurso de hum apaixonado; e muitas vezes com tanta falta de arte, que fica o Theatro em silencio. Lede as Comedias, que hoje tem a primeira estimação, e achareis a cada pagina innumeraveis defeitos pertencentes a este Capitulo.

Como estou certo que não poderei descobrir cousa alguma, que a vossa penetração não tenha muito antes advertido, e cada dia me vou desenganando mais do quanto vãmente se lisonjeião os homens de descobrirem novidades, mostrando mais que a sua agudeza a falta de leitura, quando assim o crêm, como a mim me succedeo em alguns pontos, que trato nestes Discursos, que com bastante desconsolação li depois, e quasi pelas mesmas palavras; não quero abusar da vossa modestia, esperando que os pessimos exemplares, que derão para a imitação muitos Autores, depois de escreverem os preceitos com felicidade, vos suspendão a admiração, quando os vires reproduzidos na Comedia, que vos presento; pedindo que queirais attribuir os seus defeitos mais á falta de genio, que á ignorancia das regras, que nada póde supprir; e que sendo feliz escurece as mais faltas de sorte, que protestão judiciosos Criticos, que os Dramas mais insipidos são os em que se achão mais bem observados os preceitos da Arte. Não vos opprimais, Espiritos grandes, com a

multiplicidade de regras, buscai o fim, movei as paixões; mais estimo huma scena dos monstruosos Dramas de Shakespear, do que os regulares Poemas de... mais fogo tem huma atrevida pincelada de Jordão, do que os correctos contornos de... Mas eu, e os mediocres Poetas se huma vez largamos o prumo, se nos deixamos levar dos caprichos extraordinarios da fantasia, atrevidos Icaros nos fazemos ridiculos despojos da temeridade.

F I M.



D. A. Siqueira.

CARTA A HUM AMIGO.

MEU amigo do meu coração. Nunca foram menos officiosas as obrigações da amizade, do que as razões do sangue; e em consequência della deixei de estimular a consideração de V. M. com o que me suggerio o bom desejo da sua completa felicidade, em quanto não tornava a respirar o seu contentamento suffocado immediatamente lhe chegou a noticia do benigno, honrado, e generoso acolhimento de sua Tia, com as admoestações dos Pais, conselhos dos Parentes... em que se misturariam a felicitação com os ameaços, as alegrias com as exhortações, e se trariam á memoria descuidos, e inadvertencias passadas, que nem permittião que o seu espirito se entregasse todo áquelle alvoroço, nem que elles o celebrassem com menos susto, do que os justissimos receios

de que V. M. viesse a mallograr, e vergonhosamente aquella inesperada fortuna.

Agora porém que sem as indispensaveis noticias, que não dependem tanto do acordo, como do conhecimento do coração humano, tão precisas para viver no mundo, e muito mais em communidade, e dependente: até achará menos no socego dessa casa os soccorros da advertencia dos seus maiores, e a bondade da Dona della certamente lhe faltará antes com as reprehensões de superior, que não com as atengões de hospede: aproveitando-me daquella docilidade, com que V. M. ouviu sempre as minhas zelosas advertencias, e interessando-me pela consolação de seus bons e honrados Pais, por hum justo reconhecimento do desvelo, que elles tem na educação de V. M. direi o que estimaria me advertissem, figurando-me na idade, no tempo, e no caso em que V. M. se acha presentemente.

Não se assuste, não receie que eu caia na impertinencia de repetir-lhe o que V. M. estará cansado de ouvir, e tão continuamente em tão poucos dias, pois ainda que eu tivera

por qualquer titulo huma autoridade superior na sua educação , huma inspecção ampla sobre os seus estudos , ou em fim huma obrigação de collocallo decentemente no mundo , eu não poria em prática os argumentos , que lembrão aos Pais de familias , ou áquelles , a quem fazemos algum pezo , porque estes como regularmente tomão o que não podem suportar , e o amor proprio os não deixa conhecer a sua indiscrição ; o meio termo , de que se servem , não distinguindo de idade , de tempo , e de capacidade , foi sempre a molesta indigencia.

Eu faço demasiada justiça aos seus conhecimentos ; para servir-me de hum tal estimulo , desejaria eu excitar-lhe maximas , com que V. M. não temesse a pobreza , com que V. M. desprezasse os castigos : huma só ha , nenhuma mais do que a virtude : todos os outros caminhos são errados , todos os outros meios são falliveis : atemorizem-se as crianças , porque não são capazes de conhecer maior mal que a dôr. Lembre-se a pobreza a hum animo pequeno , e inerte , que faz as suas de-

licias da meza, da ostentação, e dos ornatos: mas a hum homem ponha-se-lhe unicamente diante dos olhos o vergonhoso pejo, com que appareceria culpado; o desprezo, com que os honrados o bannirão da sociedade: a triste figura, que faria no mundo inhabilitado de servir a Patria, de ser util á Republica.

A idade, a conjunctura, a falta de experiencia devem desculpar não só descuidos, mas grandes faltas, e V. M. não deixou de lograr estes indultos a primeira vez que sahio da companhia de seus Pais, em que o aproveitamento não pôde contrapezar as distracções e ainda que fôra maior se não devia expôr a ruina dos costumes por todas as sciencias do mundo: esta religiosa, e prudente consideração foi a que augmentou os paternaes cuidados, quando se vião constrangidos a separallo segunda vez da sua presença, e quaes não seriam elles, se a Providencia não influisse no coração daquella Senhora huma magnanimidade tão rara que nem confundem as ingratidões, nem dos desconhecimentos escarmenta.

A felicidade, com que V. M. póde adiantar-se nos estudos, a decencia, e recolhimento, com que V. M. está nessa casa, e o inestimavel modo, com que nella foi recebido, são as cousas, que V. M. ha de trazer sempre diante dos olhos; e póde conseguir imitando com juizo o instincto de huma criança de seis annos, sobrinho de Cicero; conhecia tanto este Filosofo, que a veneração, que se tem ás pessoas, de quem dependemos, he o mais seguro penhor do nosso aproveitamento, recommendando a Attico, Irmão da Mãi daquelle menino a sua educação, lhe diz immediatamente, como para estimular o Tio, e em presagio do que havia de utilizar-se della o sobrinho, que este os considerava como huns Semideoses: assim deve V. M. respeitar sua Tia. Logo os seus costumes serão irreprehensíveis, as suas applicações proveitosas, e o seu reconhecimento digno.

Veja V. M. agora se ha cousa mais natural do que amar huma pessoa amavel; do que respeitar huma pessoa autorizada; do que venerar huma pessoa virtuosa; do que adorar

humã pessoa benevola. E será possível que mereça aquella Senhora aos indifferentes estas considerações, e que os conjuntos mais favorecidos, e dependentes não as respeitem? Será; porém eu o não espero de V. M.: a sua criação, as suas inclinações, e o seu juízo assim mo persuadem: e só na parte, em que á sua idade faltarem os soccorros da experiencia, he que desejára eu supprissem os conselhos dos meus annos.

Tanto não repetirei eu a V. M. o que lhe terão ponderado os seus superiores, que lhe farei ver pelo contrario, que os imminentes perigos, a que está sujeito nessa casa (que elles lhe pintão com socego dos campos Elysios) são os maiores, a que se pôde expôr hum moço, e de que poucos homens saberião livrar-se com discrição; devendo ser o fim de qualquer pessoa sahir da hospedagem na confiança de tornar a ser admittido com a mesma benevolencia, e alvoroço, e com maior liberdade.

A casa, em que V. M. está, he de humã Senhora, que o reconhece por parente;

aqui tem V. M. já huma sujeição na familia : V. M. entra como dependente , já lhe falta o movel das attenções dos criados , que he a esperança do reconhecimento do hospede : nessa casa ha mais parentes , eis-aqui a emulação das distincções , que se fazem a V. M. Tem essa Senhora domesticos , que distingue , eilos já de má fé com V. M. Essa Senhora he humma bemfeitora universal , todos os favorecidos entendem que o que V. M. desfruta se lhes rouba , que a isto estão sujeitos os bens dos virtuosos : essa Senhora he rica , eis-aqui o grande numero dos parentes , que tem os olhos no thesouro , amedrentados com o susto de que V. M. lhe venha a desfalcara herança.

Veja V. M. os inimigos , que tem , que contrastar , e meça as forças , com que se apresenta para os combater : fazem-lhe guerra as paixões mais violentas , soberba , interesse , vaidade , altiveza , miseria , e ambição ; e quaes são as armas , que V. M. tem para resistir-lhes ? Humildade ; e se ella parecer abatimento ? Desinteresse ; como , se V. M. necessita ?

Modestia, ella o fará mais estimado? Soffrimento, e quem o póde ter? Quem tapará a bocca á necessidade? E quem poderá saciar a ambição?

Eu sinto dar-lhe tão fataes idéas dos homens, e do mundo apenas V. M. vai abrindo os olhos para o conhecer; porém este he o estado da corrupta natureza, em cujo seculo nascemos! Não cuide V. M. que eu procedo com conhecimento particular, pois bem sabe que de toda essa casa a unica idéa, que tenho, he do character, e virtudes da Dona della: parentes, familia e dependentes são no seu particular tão estranhos para mim que a maior parte delles nem de vista os conheço; e livre-me Deos de formar tal conceito ainda dos meus maiores inimigos.

Porém assim como aquelle, que se entrega á cobiça, e se lhe faz tão agradável o ouro, que o seu amigo dêo ao registo á volta da America; se lhe deve representar não a bonança da viagem, a segurança dos sertões, a fertilidade das minas, o amor dos criados, e a fidelidade dos escravos; mas sim o risco dos

mares, os incendios, e contagios das náos, o perigo dos Cabos, o horror das tormentas, a pouca fortuna das colheitas, os enganos dos amigos, e as traições dos escravos; para que huma vez exposto no meio dos trabalhos leve anticipadamente a constancia; ainda que a fortuna lhe deixe inutil toda aquella anticipada prevenção.

Assim eu vendo a V. M. nessa bonança, e o longo caminho, que lhe resta, ponho diante dos seus olhos os contratempos, que podem sobrevir-lhe, para que o achem acautelado, para que os suporte, como homem, e como sabio, quando tenha a desgraça de contrallos, o que não espero.

Mas V. M. tem huma grande vantagem, qual he o desarmar senão todos, a maior parte dos males, que podem acontecer-lhe; porém esta differença, que parece a favor de V. M., e na realidade o he, tambem exige mais artificio, mais discrição, e mais prudencia: aquelle com o desafogo, e a constancia póde satisfazer aos maiores trabalhos; a trabalhos, que elle não póde evitar; V. M.

póde evitar todos, mas não lhe basta aquella virtude para o conseguir.

V. M. sabe que as virtudes se achão tão contiguas aos vícios, que o excesso daquellas degenera nestes; só as que não podem abundar, são a honra, e a modestia: oh, se eu soubera dar-lhe a verdadeira idéa dellas, que pouco me restava que dizer-lhe?

A modestia, Senhor, he aquella virtude, que nos impede dar a entender aos outros, que lhes somos superiores nas mesmas cousas em que o somos na realidade; porém como ella pugna tanto com o amor proprio, paixão, que até aos Filósofos, e mesmo aos justos he indomavel, nem todos os homens tem aquella humildade santa, nem a sinceridade de animo, que ella exige: e sendo o unico fundamento da sociedade, he indispensavelmente necessario praticar esta virtude para viver no mundo; os que naturalmente são modestos não necessitão de mais advertencia, os outros se devem esforçar para o serem, com tal artificio porém que nem a julguem affectação, nem pareça abatimento.

Os homens, como V. M. sabe, todos são filhos de Deos, todos nascêrão livres, todos do mesmo Pai, e todos nus; aqui tem V. M. a razão, por que não obstante as diferentes graduações, e gerarquias, que fez precisa a sociedade civil, que inventou o poder, e a soberba, elles não podem accommodar-se com a superioridade; supportão-se huns aos outros depois de tantos seculos, e este costume tem como adormecido aquelle jus; mas apenas são estimulados pela soberba, ou pela altiveza, desperta-se-lhes aquella acção á igualdade fundada no Direito natural tão superior a todas as invectivas, e artificio dos homens, que nenhuma razão podem abater, nem domar a maior força; daqui as desordens particulares, a falta de sociedade, as guerras civís, e os levantamentos contra os Magistrados, e finalmente contra os Soberanos: e quando não produza alguma destas cousas he certa huma indisposição contra os immodestos, que nos animos pequenos chega a odio, e nos grandes produz escarneo, e desprezo.

Discorra V. M. nos seus poucos annos de experiencia que effeito lhe causa hum homem, que lhe não falla senão do valimento, que tem com a primeira Grandeza; outro que lhe assegura que vem de insultar o Ministro, o Poderoso? Aquelle, que não diz duas palavras sem ponderar a grande despeza, que faz a sua generosidade, a riqueza das suas equipagens, e ornatos: este, que não come senão vitella de leite, que não admite na sua meza senão huma, ou duas qualidades de peixe.

A primeira idéa, que nos occorre, he duvidar da verdade destes factos, e se V. M. se persuade, tem estas gentes por fantasticas, e grosseiras não obstante tantas delicadezas, pois dizem semelhantes cousas diante de pessoas, que se não vestem, não fazem figura, nem se regalão como elles: e se senão persuade, não tem estes homens por huns ridiculos, não celebra estas historias com os que sabem a penuria, e o máo tratamento destes miseraveis; e na realidade esses são os que mais fallão, os que mais ostentão.

Estes effeitos, que nos causão a falta de modestia, são tão naturaes, e tão criticos, que não só os origina a presumpção da bazo-fia em cousas vãs; mas a mesma realidade, e ainda na prática das obras religiosas, e santas. Vemos hum homem limpo, riquissimo, que não deve hum vintem, com huma carruagem mais magnifica, que as de pessoas de qualidade; já estas se assombrão, já os prudentes se escandalizão; vemos hum homem virtuoso, que ajunta nas quartas feiras á sua porta tantos pobres, como o Patriarca ao sabbado, já lhe interpretamos esta acção, que na realidade he util; vemos hum Ministro mais luzido que os seus companheiros, e mais asseado do que pede a seriedade do Magistrado, não desculpamos nada; vemos hum moço, que não tem outro defeito mais do que ser hum severo observador, e refinador das modas, já o apontamos com o dedo.

Nenhuma destas cousas he má, quero dizer, não pecca nem na honra, nem nos costumes, mas além deste escandalo, que

causa , se a qualquer destas pessoas acontece huma desgraça , a que estão expostos ainda os mais modestos , em lugar da compaixão ; que todos tem destes , attribuem aos defeitos , que notão naquelles , a causa da sua infelicidade ; e o que mais he , a estimão : e assim como os prudentes , que se medicação , devem sujeitar-se ao mais escrupuloso , e extravagante regimento , que lhes prescreve hum duro Fysico , para que depois não attribua este a recalhida da doença , que não soube curar , á liberdade , que o enfermo tomou , de ficar mais meia hora na cama : assim devemos regular-nos tanto pelos severos dictames da modestia , que o Público inexoravel censor nos não faça culpa dos erros do acaso. Isto supposto , achando V. M. nessa casa , e devendo tratar nella inferiores , iguaes , e superiores , depois de praticar com os primeiros o que acabo de dizer , isto he , esconder os grãos , em que elles estão abaixo da condição de V. M. seja por nascimento , seja por graduação ; deve guardar além disto huma particular attenção á idade , que sup-

posto não nascemos em Esparta, cuja Republica excedia nos costumes a todas as do mundo, e em que a velhice por este unico titulo tinha toda a autoridade para reprehender, e mesmo castigar publicamente a mocidade sem distincção de pessoa; as cãs, e as rugas são acreedoras a respeito em todo o paiz civilizado, e este será sempre hum argumento da boa creação: ainda tudo isto não basta para socegar os receios da infeliz condição dos que servem, que como o seu estabelecimento he dependencia, sempre assentão em que os desprezão, e por isso estamos mais obrigados a favorecellos: V. M. deve ser quem os desculpe na presença de sua Tia, quem medeie a seu favor, quem se interesse por elles; empregando porém a discricção em todos estes actos, oppondo á razão da Senhora a sua bondade, e virtude, e fazendo valer para as desculpas a ignorancia delles, as distracções da mocidade, os esquecimentos da velhice, e a falta da creação de todos, proporcionando-se ao caso, que occorrer; lembrando-se com tudo sempre de que

o zelo da casa de sua Tia deve ser superior á compaixão, que lhe faz a ruina de hum criado, que perde a conveniencia de servilla.

Aquelles, que a Ama estimar, he escusado dizer a V. M. que são os que deve attender mais; não porque a politica assim o pede em casos semelhantes; mas porque o juizo dessa Senhora faz com que V. M. conheça por essa distincção o merecimento delles, com os quaes fica inutil a protecção de V. M. e serão menos os casos de advogar a seu favor, e nos que occorrerem seja sempre o lugar commum essa mesma honra, que lhes dispensava.

Quanto á familia feminina já V. M. conhece que admite a mesmã applicação; e eu não fizera reparo particular, se ellas não desvessem ser consideradas senão como criadas, e como da especie humana; porém como este nome de mulher se faz tão recommendavel ou pela sua modestia, ou pela sua fraqueza, he preciso dizer a V. M. que de qualquer condição, que sejam merecem respeito, hum tratamento mais docil, huma compaixão

maior: V. M. deve fugir da familiaridade dos domesticos, muito mais da conversação das criadas; o pensamento, que ellas podem ter de que seja em V. M. soberba aquelle retiro, se desfaz pelo agrado, que lhes mostra quando lhe he preciso tratallas; como tambem aos criados pela urbanidade, com que V. M. os corteja, pelo que se interessa por todos na presença de sua Tia: o seu commedimento, pejo, e compostura diante dellas assim nas palavras, como nas acções, e gestos ha de corresponder ao que ellas devem ter diante dos homens, porque assim até desarma os cuidados de sua Tia, que deve responder a Deos, e ao mundo da honestidade de orfãs, e donzellas. Eu neste assumpto fallo com quem entendo que não ignora o quanto a natureza he fragil, e que isso não obstante as maiores ingratições, os mais horrorosos desacatos, que V. M. póde fazer no mundo contra os homens, e contra as mesmas Leis, são menores que o mais pequeno descuido, ou esquecimento a respeito do decóro neste deli-

cadissimo assumpto ; de que ainda mal na sua curta idade terá repetidos exemplos.

Tem V. M. nessa casa iguaes , e he obrigado a tratar com os que nella concorrem : acha V. M. nos inferiores a violencia á sujeição , a suspeita do desprezo , que deve prevenir como lhe referi : porém nestes inveja , e emulação , paixões igualmente difficeis de rebater ; e o modo de as contrastar não he outro mais do que a modestia , e as officiosas diligencias de os igualar nas distincções possiveis ; aquellas , em que V. M. fica superior , seja todo o seu estudo em occultar-lhas : estas no coração de V. M. hão-de produzir dous contrarios effeitos ; pelo que toca a sua Tia , huma viva lembrança para se fazer digno dellas ; pelo que diz respeito aos que se presumem igualmente acredores , hum mortal esquecimento para sepultallas : estime-as sem ostentação : dissimule-as com reconhecimento : á proporção que em V. M. falta a vangloria , enfraquece nelles a inveja , e livres desta preocupação ficão dispostos

para conhecer melhor a semrazão de o aborrecerem por huma distincção , que nem desvanece , nem altera.

Pelos superiores entendo eu aquelles ; que em qualidade , grãos de parentesco , autoridades de empregos , ou idade , exigem como obrigação as atenções de V. M. proporcionadas ao character de cada hum : a sua boa criação lhas terá ensinado , e como eu lhe não pretendo dar huma instrucção absoluta , mas sim particular a respeito do modo de haver-se nessa hospedagem , lembro unicamente a V. M. que se haja de modo que não podendo alcançar mais a favor destes do que as demonstraões , que elles experimentarão sempre nessa casa , faça com que não saião della presumindo que V. M. os podia fazer mais bem despachados , ou recebidos.

Isto he o que julguei preciso dizer-lhe quanto á modestia , base da sociedade , primeira virtude para os homens serem estimados , e bemquistos não só dos bons , dos Sabios , e dos Grandes , porém dos máos , dos ignorantes , e dos infimos. Quanto porém á

honra, que he aquella elevação da alma, que nos faz superiores não só a todas as cousas, que mais se estimão no mundo, como são a vida, a saude, e os bens, mas que he o brilhante de todas as acções dos homens, he indispensavel dizer alguma cousa; porém taes são os erros, as preocupações, e ainda os systemas, que ha sobre a verdadeira intelligencia della, fundando-a huns no valor, outros na continencia, aquelle na prática de todas as virtudes; estes em huma qualidade, que as anima, e imita as operações da virtude onde a não ha; que eu seria indesculpavelmente vaidoso, se pretendesse definilla, se me capacitasse de que em tanta confusão poderia dar huma idéa clara aos homens de huma cousa, em que o mais humilde não quer ceder ao que conhece mais poderoso; o mais ignorante ao que conhece mais sabio: de sorte que assentando-se em que ninguem se atreveria a comprar o juizo, ainda que se vendesse pelo preço mais insignificante (tão satisfeito se acha cada hum do seu talento) refina de tal modo a vaidade da honra sobre o enten-

dimento , que virão a ceder da capacidade em algum caso , porém da honra em nenhum.

Que maior argumento para provar a necessidade , que tem os homens , de ser honrados ! Nos mais vís , nos mais convencidos de infamia se excitão nobres sentimentos ao ouvir-se injuriados de falta de honra : toda a Filosofia he pouca para soffrer com indifferença a mais leve , transitoria , e quimerica ficção das que inventou o arbitrio , ou o capricho , e muitas vezes a inhumanidade , e a ignorancia contra a honra. Este mesmo conhecimento da precisão , que temos de ser honrados , e a nobreza desta qualidade da alma , he a origem da má intelligencia da honra ; porque o escrupulo de que debaixo de huma condição inferior não parecemos taes aos olhos do mundo corrupto , e sabendo que o juizo dos homens se estende unicamente ao que parecem as acções , e não ao que ellas são na realidade , a nossa primeira pretensão he procurar os sinaes , as devisas , e as equipagens da honra : daqui os traficos indignos , usuras escandalosas para comprar com os fur-

tos públicos , com as simonias os cargos , e as dignidades. Veja V. M. agora se estes sobrescriptos são da honra , ou da infamia : esta digressão se faria arriscada pelos frequentes exemplos , e se eu me demorasse nella não deixaria de ter applicações particulares , a que o meu animo se não adianta , e este escrupulo me faz diminuto talvez na parte mais util desta instrucção ; mas discorra V. M. por toda a sorte de adiantamentos , e considerando-os não deixará de ver que estes premios da honra se achão prostituidos á mentira , á cavillação , á torpeza , á lisonja , e ao serviço infame.

Esta mesma precisão de ser honrados , e a difficuldade de obrar dignamente quando não ha virtudes , he de modo ordinario a razão por que vemos tantos systemas , tanto equivoco a respeito da honra ; pois não se atrevendo os homens a apparecer descaradamente sem ella , nem sendo capazes de vencer os seus appetites , genio , e paixões , primeira origem dos nossos desacertos , a querem atrevida , e descaradamente sujeitar a elles ; o que teve hum nascimento distincto eis-aqui por onde conhece os homens

de honra : o que he jogador conhece os honrados , porque pagão ás vinte quatro horas o dinheiro , que lhe furtárão : o turbulento funda a honra em andar sempre com a espada na mão : o casto na sisudeza : o magnifico no asseio : o abastado na riqueza : o condecorado nos primeiros lugares da Republica.

Sem profundar mais este assumpto verá V. M. claramente não só que estas são as opiniões dos homens , mas tambem o quanto elles vão errados ; em humas , porque são effeitos do vicio , da cólera , da ambição , do desvanecimento ; em outras , porque ainda que são boas em si , e parecem honradas , custão infinitas vezes indignos , e criminosos excessos. Que honra he pagar ás vinte quatro horas o dinheiro do jogo , o Official , que furtou o pré dos Soldados para aquella satisfação ? O poderoso , que se dispoz , pelo empenho , que fez para aquelle pagamento a ver morrer nos ferros o miseravel Lavrador , que lhe matou a fome , e a seus filhos , e a arruinar a casa do pobre Mercador , que lhos vestio ? E o que he mais , a buscar subterfugios indignos

para illudir a escritura , e a palavra , com que roubou os bens dos pobres.

Estas , e infinitas outras são as preocupações da honra , e como ella he tão dependente dos temperamentos , das Religiões , dos Governos , e dos estados , e condições de cada hum , he difficultosissimo dizer alguma cousa positiva a seu respeito ; porém algumas ha , e a primeira he não ter a maior Personagem do mundo jus algum para ser superior nella ao mais ínfimo , donde se segue que todos os mortaes podem ser igualmente honrados , sem que lhes obstem as differenças das condições , e dos exercicios desde o mais autorizado ao desprezível , ou para me explicar na vulgar , e tyranna frase dos soberbos , ao mais vil : que com estes epíthetos pagão o serviço util , e pezado aos indigentes , que cobertos de miseria , e cheios de desprezos são mais acredores á Republica , do que o fantastico ambicioso cidadão , que para sustentar com magnificencia as vãs exterioridades do Magistrado vende a justiça , rouba a fazenda , e prostitue a honra.

Daqui virá V. M. no conhecimento da fatuidade, com que a maior parte das gentes quando querem descompôr os inferiores se servem, como de nomes injuriosos, dos das suas occupações; e he tão poderoso este erro commum, que elles se dão por insultados: menos sente o çapateiro, (geralmente fallando,) que lhe chamem velhaco do que çapateiro. Daqui verá V. M. a injustiça, com que os homens intentão regular as acções dos outros homens pela graduação dos seus ministerios, ou officios: e ultimamente a admiração, e muitas vezes o riso, que excita em qualquer companhia dizer em caso occorrente que hum pasteleiro, por exemplo, he homem honrado.

A honra, Senhor, está tão identificada com a Religião, com as obrigações naturaes, civís, e particulares do ministerio de cada hum, que não póde o homem ser honrado sem primeiro ser homem bom; homem, que cumpra com todas aquellas pensões, a que estão sujeitos quantos nascem: este encargo he grande; muito estudo, muito experiencia, e muita meditação se faz precisa; e por isso

devemos ser escrupulosos, e timoratos em julgar da honra do proximo; affectadamente indulgentes com os que nos parece que se esquecerão de alguma das suas obrigações, quando não estamos na precisão de os julgar; e muito principalmente quando se trata do ponto de honra de cada hum, que he a maior obrigação, que elle tem segundo a sua graduação, ou ministerio, como são por exemplo o valor nos Militares, a piedade no Religioso, a fé pública no Negociante, etc. porque sendo todo o nosso cuidado não dar motivo a que pessoa alguma tenha razão para queixar-se de nós, como o conseguiremos se os insultarmos, se os ferirmos na parte mais delicada, isto he, na honra, e no coração della?

Estas reflexões dão a V. M. bastantes idéas para fazer o seu juizo sobre o assumpto mais importante da vida humana, accommodando-o ao seu genio, e regulando as suas inclinações; porém eu sempre quizera abrir-lhe hum novo canal por onde V. M. atalhasse a maior parte do caminho: descobrir-lhe hum ponto fixo donde partissem todas as li-

nhas : reduzir a principio certo o modo de resolver todas as questões sobre a honra : e como este papel he huma carta particular farei a minha tentativa , sem faltar ao pejo , que devo ter , de expôlla em público sem autoridade de algum dos que escrevêrão , e eu tenho lido sobre a materia ; e supposto que não consiga inteiramente o fim , que desejo , sempre me avizinharei mais a elle , unica obrigação , que tem os homens , como escreve Homero , não recebendo todos da mão de Deos iguaes talentos.

A *Independencia* , Senhor , he o que constitue o homem de honra ; eu me explico , no homem independente he que se conserva a honra mais segura. Quem não julgará paradoxo huma proposição semelhante , principalmente dizendo eu que todos os homens podem ser igualmente honrados ; e sendo tão facil de provar , e eu o confesso , que não ha homem no mundo independente de outro homem ? Grande força teria este argumento se eu o não suppuzesse antes da minha proposição ; a dependencia , que tem os homens ,

huns dos outros pela disposição , em que nós achamos o mundo , he o que me obriga a dizer com reflexão que tão honrado póde ser o çapateiro , como o Principe , e esta infinita deducção de superioridades , que medeião entre huns , e outros , e dahi para baixo , são outras tantas dependencias ; porém como estas entrão na constituição do Governo , seria arruinalla pretender sacudillas , como principio de deshonor , quando ellas são a base , e fundamento da ordem do Universo.

Estas dependencias são as que encontramos estabelecidas no mundo , são muitas as com que nascem todos os homens , e são muitas mais as com que se achão alguns : as que vem da Mão de Deos , as que determina o Governo , as que produz a ordem da natureza , se cunprimos com ellas , como devemos , nos honrão , nos fazem estimados , dignos de attenção ; em fim são como huma enfermidade , que não tem cura , que devemos supportar com valor , com resignação , e com conformidade ; ou para me explicar melhor como as papadas em alguns paizes , queixa,

que como todos as padecem, e os não mata; nem a tem por molestia: assim passam aquellas dependencias no mundo para com a maior parte das gentes.

Já disse que são muitas as pensões, com que nascemos, muitas as que não podemos, nem devemos evitar: e fôra não só tyranno, mas ignorante quem quizesse macular-nos a honra, com o que nos he impossivel prevenir, ou com o que a perderiamos se o intentassemos; a dependencia, de que fallo, he aquella, que nos abate o espirito pelas cousas, que valem menos do que a grandeza da alma; he aquella, que nos mancha a consciencia para ornar a figura, a que nos emprega em exercicios indecentes por fugir do trabalho; aquella, que nos obriga a pedir por não querer accommodar-nos com o que nos he sufficiente; aquella, que nos melhora de fortuna á custa da reputação; aquella, que nos tem sempre descontentes da distribuição, com que a Providencia repartio connosco ou as dignidades, ou as riquezas.

Bemaventurado aquelle, a quem Deos

com parca mão distribuo o que lhe he sufficiente, diz Horacio: nisto consiste a felicidade do homem, pois até está independente do arriscado uso das riquezas; em cuja distribuição, para se fazer com honra, ha mais trabalho do que em adquirir os bens; isto são verdades filosoficas, e santas; mas quanto custão ellas a entrar no coração da mocidade? e ainda na cabeça dos homens sem principios, sem systema, como são a maior parte dos que vemos, dos com que tratamos?

Assentando neste principio, que he infalível, como V. M. irá conhecendo pela lição, e pela experiencia; pois não permite a brevidade de huma carta a ostentação de provas necessarias para huma dissertação: he tambem certo que nesta mediocridade temos a honra mais segura; que senão onde estava a felicidade? agora, que he necessario para conservalla? nada mais do que a independencia. Para mostrar a V. M. que ella não consiste nas riquezas, nem nas dignidades, como parece, basta que deite os olhos pelos mais autorizados, e mais ricos, que conhece: até

estão dependentes de hum criado, que os serve, pois lhe não pagão: de hum Tendeiro, a quem se abatem, que aliás morrerião de fome; de hum Mercador, que lhes fia, e os insulta, que senão os veríamos nós. O mais, que se póde allegar a favor delles, he que a decencia precisa á sua graduação os obriga áquelles abatimentos, seja; mas eis-ahi porque aquelle, que tem apenas o que lhe he sufficiente he mais feliz, mais honrado, e por consequencia mais independente, porque essa fantasma da decencia precisa ao seu character, á sua graduação os não atemoriza. Geralmente os mais ricos são os que mais devem; os que não podem pagar; e se podem, os que não querem satisfazer.

Se reflectirmos no pouco, que he necessario para vivermos, apenas haverá hum homem entre hum milhão delles, que não possa sustentar-se honradamente com o que lhe distribuiu a Providencia; o caso he ser elle independente: olhamos para hum Clerigo, que não tem mais que os seis vintens da sua Missa, não deve, e vive honradamente: vemos

hum Soldado, que não tem liberdade, nem officio, sustenta-se, e vive honradamente com hum pão, e 40. rs. por dia: e porque? porque são independentes. Porque não vivem assim os ricos, os que não só tem mil, e cem mil vezes mais? porque não são independentes.

V. M. olha para o mundo, acha que a ninguém chega o que tem, huns carregados de familia, outros cheios de obrigações; luzidos igualmente os grandes, e os pequenos; desprezados os mal vestidos; ridiculizados os pataratas; rotos os bem nascidos, admittidos os mal morigerados, os honestos tratados de pobres homens, os desenvoltos de galantes; e o proverbio de que quem mais tem mais val; mas ainda encontra a pezar de tanta confusão algum homem, que se ri de tudo isso, e vive honradamente; algum que discorrendo pelo que acha nos thesouros da antiguidade anatomizando este cadaver nojento do mundo, vê que a dependencia he quem o reduzio a tanta desordem; a dependencia, em que está cada hum de si, não considerando no principio da sua vida que o viver independente he o a que

se chama viver , e he o que nos faz viver honrados.

Ponho o exemplo em V. M. ; que está no principio da sua carreira , que não tem nada de seu , que quer viver honradamente ; seus Pais o destinão ao Estudo ; a primeira independência , que V. M. deve ter , he da sua obrigação : e qual he ella ? O applicar-se de sorte que elles não tenham de que o arguir , de que o culpar ; como apparece V. M. satisfeito diante delles , como he V. M. estimado dos seus Mestres , festejado dos seus amigos , e bemquisto de todos ; pois cumpre com a maior obrigação da honra , que tem presentemente. Vestem-no seus Pais , segundo a decencia , com que elles vivem ; ou segundo a sua possibilidade ; ou conforme o seu systema , pois hum Estudante não tem aquellas occasiões públicas , que a lisonja , ou a politica dizem que faz indispensaveis ; ou as que caracterizão o lugar , ou a graduação : quer V. M. cumprir com o que deve á honra neste particular , seja independente do fausto , vista o que lhe dão ; ande limpo , que he o

que está da sua parte. Não lhe pareça que não he assumpto, que entre na constituição da honra, pois ainda que, absolutamente falando, o não pareça andar com humas meias de seda, ou hum chapéo fino; o pedir quando a necessidade não he extrema he huma baixeza: o embarçar-se de trazer, ou não hums punhos lisos, ou bordados, hum lenço com cercadura, ou sem ella, he dar a entender hum espirito muito humilde, pois desce a semelhantes ninharias proprias de meninas mal criadas: deixo á parte as desordens intestinas, que estas cousas trazem consigo, pois seus Pais se enfadão, V. M. responde; trazem á memoria o pouco, que cuida no seu adiantamento, entregue só a estas ridicularias, e de excesso em excesso as palavras, e os gestos são de pouco respeito, que he a maior falta de honra, que póde ter hum filho, exceptuando a impiedade.

Os Touros, as Operas, o jogo, e todos os mais divertimentos, que dependem do gasto, e da liberdade, são origem das mesmas desordens: quer V. M. evitallas? Seja

independente ; não só porque isto he o que pede a honra , e nenhum Pai deixa de levar a estes honestos passatempos huma , ou outra vez ao filho , que cuida na sua obrigação ; mas porque não sendo repetidos he que nos dão o gosto , que se póde tirar dos divertimentos do mundo ; que aliás perdem o sabor pela continuação , e degenerão em vicio.

Assistem a V. M. nessa casa criados a quem não paga , costumados até a chamar insoffríveis aos amos , a quem servem ; quer V. M. ser honrado delles , seja independente ; não os occupe ; muito poucas são as cousas para que hum Estudante os necessita ; pois assim escusará nunca de ouvir que elles se queixão de que o aturão ; de que os não desaccommodão seus amos , e os hospedes lhes tirão o descanso : assim não só se livra de ouvir estas impertinencias , que o affligem , mas tambem se faz independente de tudo o que he molleza : os que fazem alguma reflexão neste assumpto , até dos seus proprios criados se não servem mais que nas cousas , em que não podem deixar de occupallos , desen-

ganados de que são melhor, e mais promptamente servidos.

V. M. tem huma meza abundante, e delicada; a primeira cousa, que se prescreve aos Pais de familias para a criação dos filhos he costumallos á frugalidade; a fazer-lhes comer as cousas mais grosseiras, porque como os homens nascem para servir o Principe, e a Patria se não exponhão a indigestões, e a doenças por estranhar os mantimentos, que encontrão na campanha, na estalagem, ou no sertão; porque não pareção gulosos, ou mal criados na meza delicada, onde não deve comer dos pratos finos, das frutas raras sem servir os mais: e hum hospede deve ter muito cuidado neste particular, e fazer caso de comer passa no mundo por vileza.

O excesso em todas as cousas, e ainda nas mais innocentes he ridiculo, por exemplo, não calçar meias que não fiquem estalando nas pernas, çapatos, que não faça tal çapateiro; cabelleira, que não seja deste Mestre; camizas, que não engomme tal mu-

lher; vestido, que não faça tal alfaiate; e a demais desta circunstancia se expõe a gente a soffrellos; a descompôllos por mentirosos, a andar mal vestido, e mal calçado; e por fim a não cumprir com as suas obrigações; como succedeo muitos annos a hum moço nesta Cidade, que mandando vir differentes córtes de Inglaterra, os vendia successivamente por assentar, que não tinha Lisboa hum alfaiate, que soubesse fazer-lhe huma casaca; elle não tinha nenhum defeito no corpo, antes era de boa figura.

Isto he o que me occorreo dizer-lhe a respeito da independencia, durante a vida escholastica, e essa hospedagem, mas para continuar na prova do que avancei a respeito da honra, e segundo a opinião, que estabeleci: *Bene est cui Deus obtulit parca quod satis est manu.* Segue-se que para V. M. ser feliz he preciso ter pouco, e a V. M. se lhe accommodará isto melhor, porque não tem nada, e he muito facil alcançar qualquer cousa do que muito: mas se V. M. não fôr independente da sensualidade, por exemplo,

nem póde viver com pouco , e consequentemente não póde ser honrado ; agrada-se do bello sexo , vê-se sem estabelecimento , occorre-lhe a lição de Horacio ; discorre que hum beneficio o póde sustentar sendo só ; que os primeiros lugares de letras com economia o conservaráõ sem empenho , que a banca lhe dará de comer , e ao seu criado ; mas não he independente daquella paixão : eis-ahi todo o systema arruinado , eis-ahi V. M. abandonado á cegueira da fortuna ; e posto na carreira de quasi todos os miseraveis , e infelices , que vê ; casa em fim ou por força , ou por gosto ; e de que se não faz V. M. dependente ? Aqui parão todas as idéas nobres , aqui se acabou a felicidade ; aqui já a *parca manu* he dissonante : os filhos , e a mulher são a allegação de serviços mais forte para os adiamentos ; os filhos , e a mulher são a desculpa da falta de honra ; porque se elles não forão , bem sei como me havia de haver neste caso ; não tenho liberdade de fallar , porque tenho filhos ; sujeito-me , porque vejo aquelles innocentes morrer de fome ; soffro

porque quero ver aquelle rapaz amparado. Esta he a frase, por que V. M. ouve explicar-se todos os Pais de familias prudentes, e honrados do modo que elles o podem ser, pois esta honra, como V. M. sabe, he subalterna, he humra honra filha do abatimento. Deixo á parte as desordens dos extravagantes, que para conservar a dos independentes, abandonão as casas, e as familias, acabando huns, e outros com a desconsolação de deixarem a sua posteridade já no caminho de maiores misérias.

Aqui trago a V. M. á memória o que digo no principio desta carta, quando noto, que os Pais de familias esquecidos da sua indiscrição, a primeira cousa, com que estimulam os filhos he o medo da pobreza; quando ella está mais perto da felicidade do homem Christão, e honrado, que não a abundancia; quando este horror he o que o excita mais á ambição, e aos vicios para adquirir os bens, e as dignidades: quando elles regularmente passam do estado da felicidade, isto he, do sufficiente para o da indigencia por culpa, e

inadvertencia sua ; e quando a constancia de soffrer a pobreza deve ser os primeiros rudimentos da mocidade pelo pouco , que as riquezas valem ; e pela contingencia , a que se achão expostos os bens do mundo , vendo frequentemente nelle ainda pela desgraça perdendo de porta em porta os que conhecemos mais abundantes.

Passou V. M. esta perigosa ribeira , e a sua modestia , e continencia não só o livraráo do pégo , mas ainda dos sustos , dos ciumes , dos remorsos da consciencia , e da honra , trabalhos , que ainda que soffridos em idade de pouca reflexão , costumão ser os que chegam mais á alma , e os que nos deixão perder o melhor tempo da vida , e muitas vezes concorrem para huma lembrança desagradavel em toda ella. Deve V. M. assentar , que o pão mais honrado he o que se ganha com o suor do rosto ; e em quanto puder trabalhar para conseguir hum pão , que o sustente , e huma çaragoça , que o cubra , deve fazello , seja qual fôr o ministerio ; sem que lhe obste o escandaloso exemplo de tantos ociosos , que

conhecemos , dizendo que não trabalham por não deshonrar os ossos de seus progenitores ; por não desauthorizar os Lugares , que servirão ; por não ridiculizar a figura , que fizerão ; quando aquella , em que os vemos , he tal que a ociosidade he o menos , que tem de vergonhosa.

Collocado V. M. em qualquer estabelecimento , o seu unico desejo será de obrigar , e de perdoar ; mas como o poderá V. M. conseguir se não for independente ? Como poderá V. M. obrigar , sendo devedor ? Como poderá perdoar , sendo culpado ? A ambição , Senhor , he huma das paixões , que nos deve ter á lerta mais que nenhuma outra , pois unida ao amor proprio se disfarça algumas vezes com as côres da virtude ; e que prodígios não tem feito no mundo hum nobre desejo de honras , hum insaciavel appetite de superioridade ; mas desta ambição quantas mais ruinas não tem resultado ao genero humano ?

Se fallamos da ambição humilde , o homem , que estima , que o lisonjeem , que o

regalem, que o admittão, não está arriscadissimo a faltar á sua obrigação por não perder aquelles interesses, ou obsequios, que satisfazem a sua paixão? Se tratamos da ambição nobre, o que quer adiantar-se, o que deseja enriquecer, o que aspira a huma figura brilhante, em muito perigo está de não atropellar a honra por servir o que protege, por não faltar áquelle unico de que depende a sua fortuna.

Se consegue o fim, he á custa da honra; se fallha, o que regularmente succede, nem honra, nem proveito. Se o homem porém, ainda que com aquellas fraquezas, tem huma tal inteireza de alma, que resiste á vileza de faltar á honra: fica totalmente perdido, porque os obsequios, as esperanças erão hum deposito já feito para este infame contrato; e elles se queixão, de que a falta da observancia esteve da parte do que recebeu adiantado o pagamento; e ou de corridos, ou de ridiculizados não respirão senão vingança. Por isso, como digo, o viver independente he o modo de viver honrado; e

sendo hum homem independente de si (o que está na mão de cada hum, como se diz vulgarmente,) he independente de todos, e de tudo.

Ainda que a honra seja huma nobreza, de que acompanhamos todas as nossas acções, a maior parte dos casos, que figuro á V. M., são aquelles, que a deixarião sensivelmente magoada: porém como estes são raros na vida do homem, he preciso fazer memoria dos que lhe deixarião a mais pequena pizadura, ou mancha, diarios, e frequentes no commercio civil, os quaes ponho sujeitos á mesma independencia: o que me corteja, o que me visita, o que se interessou por mim, o que teve huma lembrança a meu favor, o que me fez hum offerecimento, o que me servio, o que me honra, o que estabelece a minha reputação, etc. exige de mim huma correspondencia não só identica, porém maior para igualar o merecimento da liberdade, sendo voluntarios da parte delles semelhantes obsequios, e da minha reconhecimento, e obrigação; e em quanto eu não sa-

satisfazer a elles sem distincção de pessoa , não sou independente , e por consequencia não cumpro como honrado : os que nos faltão porém a ella , se se desculpão , não sejamos mesquinhos , demos-nos por satisfeitos ; se se não desculpão , he o que basta para os conhecermos ; se nos offendem , perdoemos-lhes , fuja-mos de mostrar sentimento pelas culpas dos outros a nosso respeito , pois destruimos todo o merecimento de quem desconhece a offensa ; attribuamos sempre aquella falta a qualquer defeito delles , sem injúria nossa ; pois creia-me que á ignorancia , e má criação se reduzem todos os embarços , que encontramos geralmente na sociedade.

Aqui vem naturalmente a Amizade , dom do Céu , unico desafogo dos trabalhos do mundo ; unico reparo das desgraças dos homens ; consolação unica nas infelicidades. Ella acompanhada da familiaridade , e confiança he quem dá o sabor aos gostos do mundo , aos bens terrenos ; ella nos faz trocar por huma pobre panella as mais delicadas , e bem servidas mezas ; ellas nos faz

mais savoroso hum jarro de agoa , que o mais fino liquor em vasos de ouro: ella muda inteiramente o systema de huma contínua sujeição , e dependencia , com que vivemos constrangidos huns com os outros nos gestos , nas acções , e nas palavras.

Pelo contrario porém a familiaridade perverte de tal sorte aquellas sujeições , que ellas se fazem tão estranhas á amizade , como seriam escandalosas onde a não ha : a lembrança aguda , o pensamento crítico , a soltura de lingua , o vexame , em fim todas aquellas cousas , de que deveriamos sentir-nos , faltando a confiança , são a prova da amizade , são estimadas como huma confirmação da reciproca sinceridade , são inalteravelmente lançadas á boa parte.

Mas onde se acha hum coração com aquella sinceridade , hum genio tão independente , que passe pelo estímulo da palavra , porque reflectio no animo , com que foi proferida ; que se lembre da semrazão , com que o insultão , para attribuir a brinco , e não a rompimento huma liberdade , que o assom-

bra; que distinga a indiscrição do amigo da do indifferente? Onde se acha o homem tão forte, que conserva o segredo, que encobre a fragilidade, que sepulta o defeito do amigo, depois que entre elles houve qualquer incidente, que os desunio; principalmente se delles póde resultar vingança, ou interesse?

Que cólera, que paixão, que ira não excita no coração humano a má correspondencia do amigo? He maior que a mais vil ingratição dos favorecidos: o bem, que fizemos a estes, nos satisfaz de sorte que ficamos independentes do seu reconhecimento; o que esperamos porém daquelles he toda a satisfação da amizade: o fazer bem he obrigação precisa da humanidade; o ser amigo he eleição livre do entendimento: e como o amor proprio faz que nos seja tão odiosa a ignorancia, daqui nasce a falta da conformidade para supportar o esquecimento das obrigações do amigo; pois fizemos hum conceito errado das qualidades do homem, que elegemos; e como refina tanto a nossa vaidade, que não só julgamos que não podemos enga-

nar-nos com os outros , mas que nem elles podem enganar-nos a nós ; eis-aqui o motivo de toda a desesperação , e agonia , pois nos vemos precisados a confessar , que fomos fa-
ceis , que fomos ignorantes.

Ponderados os bens da verdadeira amizade , e os males , que della vem a resultar pela fragilidade dos homens ; não posso deixar de aconselhar a V. M. , segundo as desgraçadas experiencias , que desde os meus primeiros annos successivamente encontrei até ao dia de hoje , e dizem que não sou malquistado , não posso deixar de aconselhar-lhe , que se faça até independente de semelhantes obrigações : he certo que o principio da amizade vem de huma inclinação natural , ou já porque nos agradão as qualidades de hum homem , ou por hum certo não sei que mais interessante , que achamos na sua companhia ; e com tal excesso muitas vezes , que entramos em familiaridade com muitos poucos dias de conhecimento ; da criação dos primeiros annos , da frequencia das aulas , ou já de Seminaristas em Collegio , de companhei-

ros em Universidades, de Camaradas em qualquer Tribunal, ou meza se origina huma obrigação de amizade, cujas provas são regularmente os tratamentos de tú, e as mais familiaridades, que correspondem a esta lhaneza.

Seria ridiculo qualquer, que se negasse a esta confiança; mas o que eu digo a V. M. he que não seja o primeiro, que caia nesta facilidade. Confia-lhe hum qualquer particular, qualquer segredo, guarde-o religiosamente, mas nunca lhe entregue o seu; tem com V. M. toda a liberdade de amigo, todas as graças da jovialidade, celebre-as sem desconfiar; nunca lhas diga senão persuadido de que não as interpreta mal: nenhuma estimação do que lhe confião; porque o risco, a que se expõe quem sabe hum segredo, não deixa nenhuma satisfação.

Este modo de viver he penoso, he triste, e he de reserva, o que basta para não ser agradavel; mas V. M., que me conhece, e que vê quanto o meu genio he opposito a semelhante sujeição, pois não vivo senão com quem vivo com familiaridade, tem mais

esta razão para persuadir-se de que lhe fallo sincero , pois conheço o meu defeito neste particular ; e escarmentado tantas vezes das más correspondencias de amigos , sempre estudado em obrigallos ; mas isso não obstante juro a V. M. que no meu coração entendo que não tenho nenhum ; como também assento na minha consciencia que sou digno de os ter.

Póde ser que a minha melancolia me faça excessivo neste ponto ; e como a idade de V. M. ainda o não expõe a consequencias graves pela opinião , que seguir nelle , o tempo , e a lição queira Deos que lhe descubra algum meio de conseguir a unica felicidade da vida , por que eu trabalho inutilmente ha tantos annos.

Os homens , que tem obrigação de guardar os preceitos de Deos , sob pena da sua honra , e da mesma sorte os da Religião , do Principe , das Leis , e da humanidade , em que entram as obrigações , em que estamos á Patria , e a quem nos deo o ser , são a cada instante convencidos de descuidos , de faltas , e de crimes tão horrorosos , que perdem os dons celestiaes , e com a morte affrontosa os bens

do mundo ; porém tal he o systema , em que o achámos , que os homens querem antes morrer , e morrer injuriados , do que serem ridiculos , ou passarem por taes entre as gentes : hum aváro , que he descomposto pelo criado , que mata de fome , que o insulta , sente menos a bofetada , que lhe deo , do que ver que se rim delle , que o escarnecem , e tratão de ridiculo.

Ora que Filosofia nos não he necessaria para contermos o riso a todo o instante ? Que advertencia para não sermos objecto delle ? Os homens são ridiculos aos olhos dos ignorantes pelos defeitos , que não podem evitar , pela falta das circumstancias , que podião ter ; porém aos olhos de todos pela vaidade das qualidades , que não tem ; pela satisfação das que possuem. Os homens lisonjeão-se mais do que não tem conhecimento , que não regularmente do que sabem : o que he da sua profissão , como assentão em que tem obrigação de o saber , não o julgão assumpto de vaidade ; o que não estudárão he argumento de capacidade superior , e por isso he do que ostentão : o que tudo nasce daquelle

principio de que o admiravel nos agrada mais do que o natural : o que he raro he mais notavel do que o commum , e ainda do que o bom.

Eu sei muito bem que *risu inepto res ineptior nulla est* ; porém quem o póde conter , quando ouve hum Religioso gabar-se de que péga bem na espada : o peor dançador , que tem Lisboa , e desconfia senão dança , scandalizar-se de que hum Cavalheiro de Provincia , que levou ao baile , se atrevesse a dançar não sabendo : hum homem com officio público gabar-se de que ninguem serve melhor do que elle , e falla diante dos companheiros , que assistem , e quasi nunca o vêm no Tribunal : hum Ministro de que he o maior despachador da sua repartição , e não se lhe póde arrancar feito : hum Letrado de que não admitte senão causas justas , e he o que não buscão senão os velhacos : hum Soldado de que servio com mais honra do que ninguem na campanha ; e ou não passou de Santarém , ou se retirou da guarda avançada para a sua Quinta ; e falla diante dos Camaradas : hum , que attesta connosco as mentiras que conta , e que presenciámos pelo

contrario : o que nos jura , que fallára hontem com Pedro , que morreo ha quinze dias : o que despio ha oito dias a loba , e já faz hum plano para defender Portugal das Armas Hespanholas : o rapaz , que tem genio para compôr , e já insulta a reputação dos primeiros Mestres : o que foi creatura de hum desgraçado , e apenas o vio cahir , já se não lembra mais que da sujeição , com que vivia : o que sahio hontem da escola , e vai pelos serviços de seu Pai presidir a homens doutos , já diz que nenhum sabe nada ; e o que mais he , que o discipulo delles , que chega a commandallos , atreve-se muitas vezes sem cólera a tratallos de ignorantes.

Deixo á parte os que gabão nos homens as qualidades , que não caracterizão ; que decidem do seu merecimento sem os conhecerem ; que nunca abríão hum livro , e argumentão com os doutos na sua profissão : deixo á parte huma especie de insensatos , que ha p elo mundo contrafazendo outros , ignorando quanto a imitação he desgraçada , os gestos , o tom de voz , a frase , os vestidos , tudo repugnante , a figura do sujeito , que

aliás não seria ridícula ; não me embaraço com os tátaros , que são os que nunca se callão nas conversações ; com os mal geitosos , que são sempre os que querem servir nas mezas , e atizar as luzes ; com os semsabores , que são os que dizem sempre as graças , e rim muito dellas : e que taes são os curiosos de ensinar o seu machinho , que fallão em todas as conversações , como se estivessem na feira com Luiz da Horta , e sabem a genealogia , os annos , e os donos , que teve o macho tal : o moço agradável , e curioso , que compõe a sua instrucção das intrigas de galantaria das Senhoras de merecimento da Corte ; e he bem vindo em toda a parte pela emulação , que tem humas ás outras , e aborrecido de todas : o que decide das modas , dos toucados , e com tal miudeza , que até sabe com quantos alfinetes se deve pregar hum vestido : que notaveis não são os fysonomistas , que olhando para as caras dizem que immediatamente conhecem a modestia das pessoas , e consentem-nas em sua casa bem desenvoltas : que célebres os que interpretão todas as palavras , e acções ; e apenas entrão em qualquer companhia fazem o seu juizo

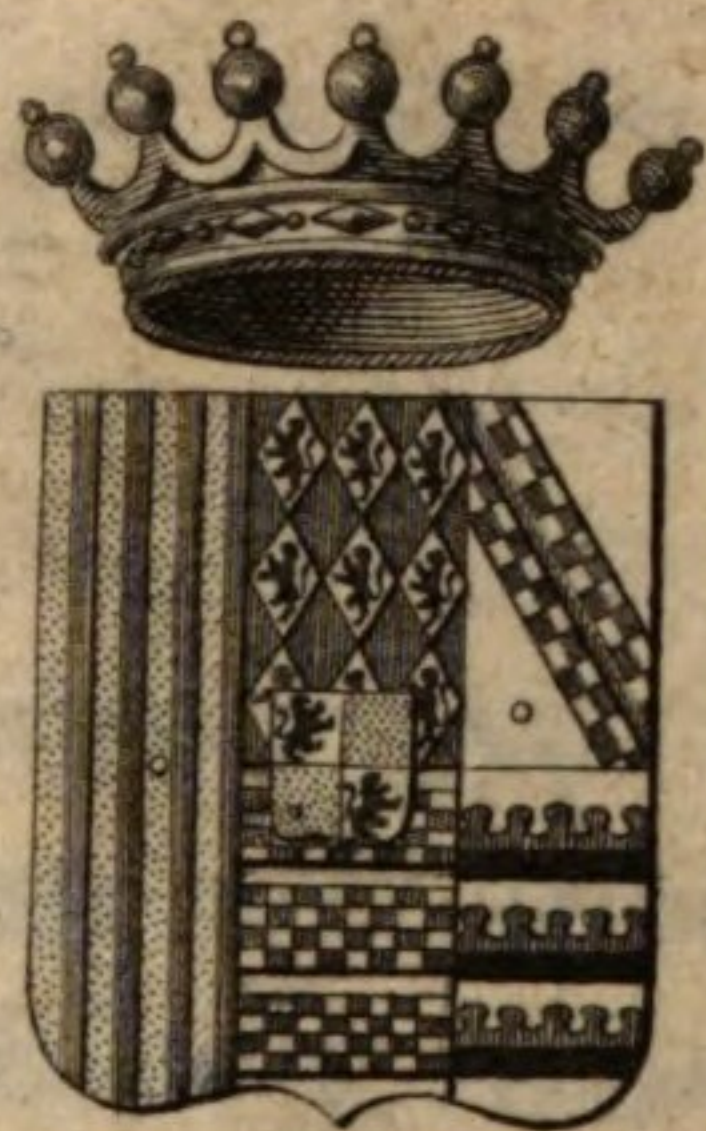
regularmente máo , e proferem-no sem discrição.

Assim são estes homens , e não só querem , que lhes não chamemos ridiculos , mas que sejamos seus amigos , que estejamos por tudo , e que os celebremos com o mesmo enfase , com que elles se applaudem ; e a maior desgraça he que todos tem o seu partido , e que somos obrigados a viver com elles ; mas o que eu tenho tomado he viver o menos , que posso , com semelhante gente , e rir-me só.

Esta carta , Senhor , he tão longa , como fastidiosa , e por outras muitas razões me não dará credito algum se passar da sua mão ; á capacidade de V. M. bastava huma razão filosofica , e não erão precisos exemplos , eu me pouparia trabalho , e V. M. ficaria igualmente instruido ; porém o desejo de não ser diminuto , me obrigou talvez a ser prolixo ; e humas cousas precisas me fizeram entrar em outras desnecessarias ; como eu estimaria que lhe fossem todas pelo sincero interesse , que tenho , em que V. M. cumpra com as obrigações de agradecido , e igualmente com todas as mais de homem de bem , e civil.

F I M.

ELOGIO
DO
SENHOR
D. FERNANDO ANTONIO
DE LIMA TELLES DA SILVA,
ESCRITO
POR
MANOEL DE FIGUEIREDO,
OFFICIAL DA SECRETARIA DE ESTADO DOS
NEGOCIOS ESTRANGEIROS E DA GUERRA,
ENTRE OS ARCADES DE LISBOA
LYCIDAS CYNTHIO.



LISBOA
NA IMPRESSÃO IMPERIAL E REAL.

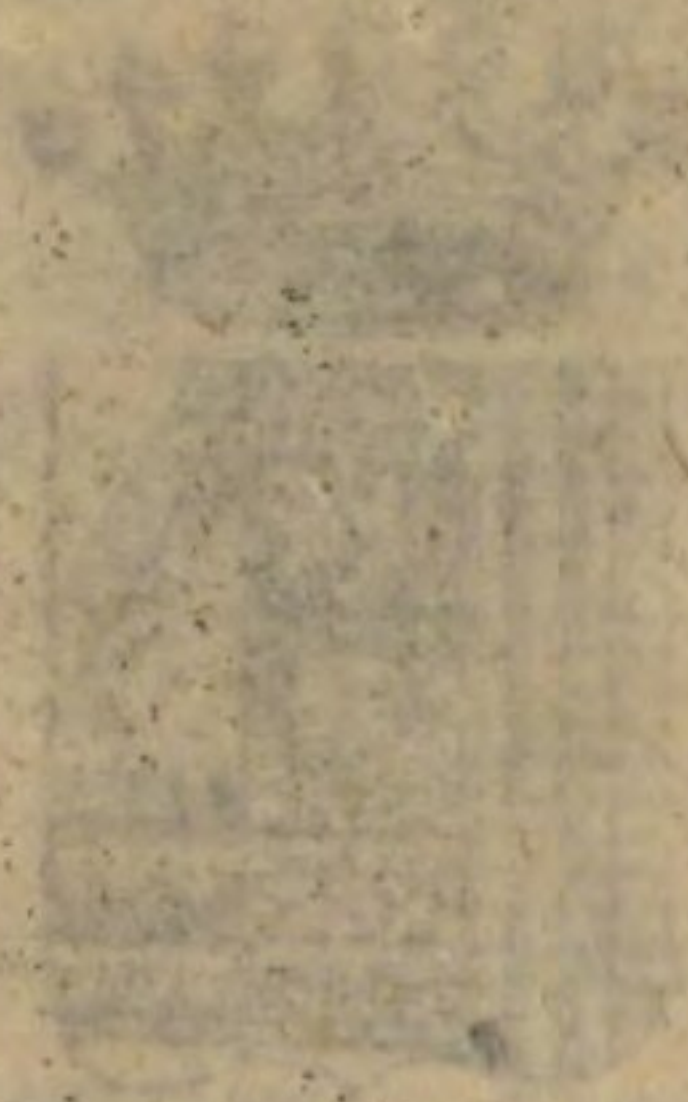
M. DCCC. XIII.

ELOGIO

D. FERNANDO ANTONIO
DE LIMA TELLES DA SILVA

MANOEL DE FIGUEIREDO

OFFICIAL DA SECRETARIA DE ESTADO DOS
NEGOCIOS ESTRANGEIROS E DA GUERRA
ENTRE O GOVERNADOR DE LISBOA
LYCIDAS CYNTHIO



LISBOA

NA IMPRESSÃO IMPERIAL E REAL

M. DECEMBER

A'
ILLUSTRÍSSIMA E EXCELENTÍSSIMA
SENHORA
D. HELENA XAVIER DE LIMA
E HOHENLÓE,
DAMA
DA
RAINHA
NOSSA SENHORA.

ILL.^{MA} E EX.^{MA} SENHORA,

*S*E eu não soubera pela experiencia de successivos e penetrantes golpes, que a grande Alma de V. E., e o Amor, com que distingue as pessoas, que lhe são igualmente conjunctas no sangue, e nas virtudes, não admittem consolação destituida de conhecimento; não sou tão inadvertido que quizesse

A
ILUSTRÍSSIMA E EXCELENTÍSSIMA
SENHORA
D. HELENA XAVIER DE LIMA
E HOHENLOE,
DAMA
DA
REAL
NOSSA SENHORA.

mallograr os vulgares , mas prodigiosos effeitos do tempo com este Epítome das Acções do Senhor D. Fernando Antonio de Lima , renovando a saudade de hum Irmão tão digno de ser sentido , como a discreta mágoa de V. E. o justifica : porém a fortaleza do seu espirito superior a todos os contratempos do Mundo , não por hum filosofica indifferença , mas por hum conformidade Christã , me persuade a que se póde ter algum allivio o sentimento de V. E. , ainda que adquirido com duplicadas lagrimas , he a

contemplação da vida, e a lembrança da morte deste Bemaventurado.

Perdem muito, Senhora, as grandes acções referidas por Escritores mediocres, mas fôra em mim já escandaloso este respeito devido áquellas cinzas, olhando para as razões mais forçosas talvez do que as do sangue, que me arrancão do peito as expressões da dôr, e da afflicção.

Outras pennas dirão com toda a energia as circumstancias, com que o Senbor D. Fernando illustrou huma Casa tão fecunda

em Heróes dignos da immortalidade ; em quanto eu menos eloquente que sentido fielmente choro , não a falta dos exemplos de Religião , e de Piedade , que assim como se admirão em V. E. duraráõ em quanto houverem descendentes da sua Familia ; mas a perda de huma pessoa , a quem eu amava , a quem devia tanto , e a irreparavel do commun beneficio , que da sua vida resultou á Humanidade.

Assim como a Divina Providencia , pondo termo ás infelicidades do Mundo , coroou

*na Bemaventurança os gloriosos trabalhos do
Senhor D. Fernando, espero que premiará a
virtude , com que V. E. soffreo tão funesto
acontecimento , com aquellas felicidades , e
consolações proprias da sua Misericordia.*

Aos pés de V. E.

Manoel de Figueiredo:

ELOGIO.

A Justiça, e a razão nos obrigão a louvar aquelles homens, que vivendo segundo as maximas da honra, e da Religião, acabárão, ficando o seu merecimento ou duvidoso, ou encoberto, qual foi D. FERNANDO ANTONIO DE LIMA: não porque deixasse de mostrar em todas as suas acções huma alma nobre, hum espirito catholico, e hum conhecimento superior; mas porque a fortuna, e a sua prematurada morte não quizerão que o Mundo o visse collocado naquelles Lugares, que farião pública a extensão de seus admiraveis talentos; que farião dispensavel este meu, aindaque voluntario, devido obsequio, andando na bocca de todos (e com quanto proveito da humanidade!) a rectidão da sua justiça, a pureza da

sua consciencia , o ardor da sua caridade , a prudencia dos seus conselhos , a constancia do seu espirito , a modestia de seus costumes , a nobreza de seus pensamentos , a igualdade das suas acções , o fundo da sua capacidade , a vastidão de seus estudos , a agudeza de seu entendimento , a estimação dos benemeritos , a indignação contra o vicio , o amor da Patria , e o zelo do serviço do Principe.

Mas he possivel que observando eu desde o berço , ou desde o principio da razão o aproveitamento das suas applicações , o progresso das suas virtudes , tão dignas de louvor , levante a voz pela primeira vez para dar o ultimo culto á memoria deste Illustre , e Religioso Varão ? E que a fortuna me permitisse a honra de ser tão íntima testemunha da sua vida para duplicar-me os motivos de chorar a sua morte ? Para dispôr-me de tão longe para hum tão triste , e fúnebre ministerio ? Porém nem a sua modestia se vio mais perturbada , que nas indispensaveis occasiões de ouvir o seu panegyrico , nem eu poderia trans-

mittir aos futuros seculos com menos suspeita da verdade as raras circumstancias da sua vida , senão quando já não podem ter motivo os apparatus da lisonja.

E havendo eu de fallar deste Illustre Homem , deixaria de confundir com o merecimento das sólidas virtudes os pródigos dons da Natureza , e da Fortuna , vansglorias do Mundo , senão quando o susto de huma inesperada morte totalmente me preoccupa o entendimento com a Eternidade?

Referiremos pois alguma parte das acções , e virtudes de D. FERNANDO ANTONIO DE LIMA , das que podem servir de exemplo , uteis á humanidade , dignas do Céu.

No Catalogo dos Grandes se lê a sua Ascendencia , em que pela série de dilatados e successivos annos se communica a virtude com o sangue , e em que os descendentes trazem mais na memoria as acções , que a antiguidade dos Avós ; e os exemplos de piedade tão vivos no coração , como presentes no animo os documentos da honra , e do valor ; sen-

do a probidade dos filhos infallivel argumento da virtude dos Pais: fazendo-se tão communs com aquelles domesticos estimulos a benevolencia, a paz, e o temor de Deos em toda esta Familia, que seria hum escandalo faltarem em algum dos descendentes; antes parece que perdem o merecimento, quando se observão em todos. O que nas mais fôra admiravel, nesta parece natureza.

Triste presagio da educação deste Fidalgo foi a morte de sua Illustre Mãi apenas o acabava de dar á luz do dia; e sendo o fiador da Casa, não custou menos lagrimas o seu nascimento que a sua morte. Se esta he hum fatal documento para o desengano, aquelle foi huma prodigiosa instrucção para a conformidade; e não menos o breve espaço, que mediou entre hum, e outro accidente: successivos exemplos, que igualmente se devem perpetuar na memoria dos homens!

Triste presagio, digo, porque nas graças de oito filhos, que deixava, se via desempenhado venturosamente o desvelo, com que

aquella Heroína desde os braços da ama lhes assistia não menos com a doutrina, que com o castigo, ficando a maior dellas (a Senhora D. Marianna) em huma tal idade, que não só não podia apropriar-se o respeito de Mãi, mas ainda se lhe devia recear a falta dos temores de filha.

E qual não era a confusão do afflicto Pai, obrigado pelo conhecimento das virtudes da Consorte a ajuntar ás lagrimas da ternura as da orfandade, em que via a educação de tantos innocentes. Não ignorava que pelo cuidado, com que examinou sempre as pessoas, que admittia no seu serviço, tinha em sua casa muitas, que vigiassem na saude, que puramente lhes ensinassem o Cathecismo, e que os apartassem de perniciosos exemplos; mas sabia tambem que só huma Mãi, e huma Mãi discreta conhece que desde as mantilhas são as crianças capazes de instrucção, e não de qualquer instrucção, mas daquella cuja falta nos primeiros annos poucos são os homens, que a chegam a encobrir depois de adultos e

sabios. A lástima, a que naturalmente move a innocencia, a afflicção, que nos causa o desagradavel chôro de huma criança, e a geral ignorancia deste importante principio da educação, fazem que indiscretamente compassivos e indulgentes lhes arruinemos os mal seguros fundamentos das virtudes, e anticipadamente lhes ensinemos as maximas de perniciosas paixões.

Encarregou-se em fim o cuidado daquella criação a huma matrona de nascimento distincto, exemplar na vida, e innocente nos costumes; mas nem as advertencias do Pai, nem a estranheza dos Irmãos pudérão reduzir a bondade da Aia a deixar de satisfazer algum dos confusos acenos, com que a vontade principiava a explicar-se no menino.

Quem duvida, que com aquella natural complacencia cresceria cada dia o amor do innocente para huma pessoa, que adivinhava para satisfazello; e quem não vê que com a lisonja deste precioso agradecimento se augmentaria já como huma especie de obrigação

o desejo de o comprazer , duplicando-se os embaraços para a disciplina ao mesmo passo que se adiantava o conhecimento , ficando impraticavel a doutrina , quando já se fazia indispensavel?

Ainda não sabendo explicar-se , mas costumado a ser obedecido , principiou D. FERNANDO a ouvir as lições , que dava a seus Irmãos o R. João Baptista de Abreu , Abbade de Sabadim , que á virtude de exemplares costumes unia as de huma paciencia , respeito , e affabilidade proprias de Mestre ; tudo lhe foi necessario para desfazer naquella idade hum hábito perigosissimo em todos , porém muito mais prejudicial nos que nascem grandes.

Não eram os annos capazes de castigo : debil o conhecimento para bastarem os exemplos , e a indole indisposta para aproveitar a docilidade ; mas conheceo aquelle digno Mestre , que entre as imagens , que sabia fazer adequadas á intelligencia do discipulo , era a da fealdade da ignorancia , e dos defeitos nas pessoas da sua qualidade , a que o sugeitava , a que o continha.

Esta foi a vereda, por que caminhou aquelle discreto homem para chegar ao fim, que desejava, e esta a maxima, de que usou o erudito Bernardo Bulhões de Araujo, actual Prior da Igreja de S. Lourenço, quando aquelle Fidalgo passou aos rudimentos da Latini-
dade; achando este segundo Mestre no novo discipulo já capaz o entendimento para receber o estímulo dos espantosos progressos, que debaixo da sua disciplina havia feito o Visconde seu Irmão.

Notavel foi com tudo a differença, que desde logo se observou no genio destes Fidalgos: em ambos o mesmo amor da virtude; a mesma inclinação para o bem; os mesmos habitos de piedade; mas que desigual propensão para os estudos? Para a percepção do Primogenito bastava a simples explicação; necessitava o Segundo de mais sensiveis demonstrações; na memoria daquelle ficava indelevel a primeira advertencia; na deste erão indispensaveis as repetições: D. Thomás buscava os livros como divertimento; D. FERNANDO como doutri-

na; a hum era necessario escondellos, a outro deixallos abertos.

O inalteravel destino, que pela ordem do nascimento costumão ter os filhos dos Grandes, fazia inclinar D. FERNANDO a maiores estudos, e a inadvertida preocupação de buscar a Sciencia, como supplemento da Fazenda, reputar como inutil a applicação do Morgado. Daqui nasceo o errado prognostico do aproveitamento litterario deste Fidalgo; porque tanto mais luzião os talentos no Irmão, quanto se julgavão menos necessarios; e quanto mais precisos se imaginavão no Segundo, tanto se reputavão menos avantajados: accrescendo tambem para a fallibilidade do juizo a differença da idade. Tinha D. Thomás huma percepção superior, memoria de Anjo, e huma inclinação natural á Sciencia: D. FERNANDO boa percepção, memoria feliz, e não aborrecia os estudos; mas como no segundo, não sei com que razão, se julgavão mais precisos os talentos do primeiro, não caracterizavão aquelles pelo que erão em si, senão pela differença, que fa-

R

zião destes, admiravão a esféra de hum, e lamentavão a rudeza do outro.

Tão evidente se vio depois a falsidade desta fatal profecia, como são constantes as preocupações da sua origem. Consultar antes os costumes das Casas, que a inclinação dos filhos, he difficultar-lhes a immortalidade; e persuadir-se que com a felicidade da successão se perpetúa a gloria da Familia, he concorrer para a sua decadencia; antes fôra injustiça que não cahisse a virtude sustentada em tão debeis fundamentos: applicuem-se os Segundos senão áquellas faculdades, a que propende o seu genio, ás que os prudentes Pais achão mais uteis para os preservar da dependencia dos Irmãos; mas empenhe-se o desvelo da educação nos primogenitos, em quem com a utilidade das riquezas, premio de heroicos trabalhos, recahirão mais forçosas as obrigações do reconhecimento, e da imitação.

A ignorancia dos Segundos ou se sepulta em hum Claustro, ou se esconde na falta das occasiões de fazer-se patente, ou se disfarça

com o retiro ; mas a pouca instrucção dos primogenitos , a quem poderá encobrir-se ? Obrigados a apparecer no Theatro do Mundo , ainda com os olhos fechados para o conhecerem ; chamados á presença do Principe , muitas vezes apenas sabem explicar-se ; e succedendo nos empregos dos Pais ainda sem experiencia para occupallos ; mais aptos pelo character da Grandeza para infundir respeito nos primeiros cargos da Republica ; e mais proprios para desempenhar as funções , em que representam a Pessoa do Soberano.

Conforme a hum tão natural e infallivel argumento , regulou a Natureza o genio destes Irmãos , dando ao primogenito huns talentos rarissimos , e ao immediato huma capacidade grande ; de sorte que para se igualarem havia a Providencia supprido no primeiro com o excesso da propensão a regularidade dos estudos , que lhe não permittia a administração da sua casa ; e não fazia dependente o segundo mais que daquella applicação , que lhe não podia ser interrompida por cuidados maiores.

Convencido finalmente aquelle abuso com
tão prudentes reflexões, o que devia esperar-se
destes dous Fidalgos era o que vimos, ambos
sabios, ambos admiraveis: hum com mais for-
tuna, porque com menos custo; outro com mais
merecimento, porque com mais trabalho: o
primeiro com huma natural inclinação aos es-
tudos, porque sem ella não ficaria instruido:
o segundo com a que bastava, porque o obri-
garião a applicar-se.

Se o exemplo do antigo era util ao novo
discipulo, a habilidade do Mestre fazia que
não fosse menos importante ao primeiro a com-
panhia do segundo; se os louvores, que da-
va a hum, servião de estimulo ao outro, as
correcções, que fazia a este, augmentavão a
diligencia daquelle; quando estranhava as faltas
do maior acautelava o menor; quando repre-
hendia o menor prevenia o maior; e se nas li-
ções do primeiro facilitava ao segundo o que
havia de ensinar-lhe depois, nas do segundo
fortificava o primeiro no que havia apprendido
antes: fazendo-se por este modo o castigo des-

necessario , e vendo-se cada dia o admiravel progresso tanto no adiantamento da Sciencia , e conhecimento da Historia , como na civilidade dos costumes , e prática das virtudes.

Muito concorria para o aproveitamento deste sabio methodo , e para animar o desvelo do prudente Mestre a assistencia , que o Pai destes Fidalgos fazia a algumas das suas lições ; os premios , que lhes distribuia , quando presenciava os seus exames , e o cuidado , que tinha em ver as suas composições ; e mais que tudo a efficacia de dar-lhes com o seu exemplo as importantes lições de Piedade , e de Religião , em que teve muito pouco que advertir , informando-se , se devotamente cumprião com as obrigações de bons Catholicos , e não deixando passar festividade , em que os não visse na companhia de suas Irmãs á Meza do Pão Celestial com aquella humildade e compunção , que lhes inspirava com a doutrina , e com o exemplo.

Passavão-se os dias , e parecião instantes , olhando para a innocencia dos costumes deste

Fidalgo ; passavão-se os mezes , e parecião annos , olhando para o seu adiantamento na Sciencia ; passavão-se os annos , e parecião seculos , olhando para a advertencia , com que obrava.

Tendo cumprido o decimo sexto anno da sua idade já com principios da verdadeira e sã Filosofia , se esperava pelo mez de Outubro para passar á Universidade ; mas sendo seu Pai mandado residir na Corte de Madrid , para que estava nomeado Embaixador , determinou levalllo em sua companhia ; sabendo que o pouco tempo , que o separava da Escola das Letras , lhe não seria menos util empregado na Escola do Mundo ; e que nem a lição dos livros , nem as relações das viagens , ou por suspeitosas , ou por diminutas são bastantes a desfazer as preocupações , que desterra a vista de huma Corte estrangeira.

A conjunctura dos tempos , e as virtudes do Pai concorrião para a geral estimação dos filhos não menos que o seu proprio merecimento : não havia divertimento , para que não fossem convidados ; não havia concurso , em que

os não desejassem ; não havia função , em que não concorressem : tão discreto D. FERNANDO no ajuntamento dos Ministros , como amavel na companhia das Damas ; tão concertado na presença dos Reis , como igual nas assembléas dos Grandes ; tão alegre com os moços , como sério com os velhos. Se era politico em calar a estranheza , que lhe fazia a differença dos costumes , era austero em não praticar os que estranhava ; e se era arguido por não imitar o uso , que achava estabelecido , era desculpado quando explicava as razões , por que o não fazia.

Aqui foi o Theatro aonde principiou a luzir em D. FERNANDO aquella virtude , que com tanto assombro corou as innumeraveis , de que foi dotado : não disse bem. Aqui foi aonde se provou a continencia , com que vimos sahir deste Mundo aquella alma justa , e com que viveo aquelle homem os trinta e dous annos da sua idade , e aonde se acabou de conhecer , que tinha as boas qualidades sem os vicios da mocidade.

Quem entrou na averiguação das paixões

da natureza humana , e particularmente daquellas , a que estão mais sujeitos os moços , que não tivesse a sensualidade pela primeira , e com tão notavel circumstancia , que sendo mudaveis em todas as mais , esta he a unica , que os sujeita , a unica , a que se entregão com excesso : e quem conhece a Corte de Madrid , em que he civilidade hum trato familiar com as Damas ; como deve esperar que hum moço de dezesete annos , gentil , e illustre as trate , as obsequie , e as sirva com innocencia de menino , com agrados de homem , e com estoicidade de Filosofo ?

Este prodigio se vio em D. FERNANDO ANTONIO DE LIMA , em quem nunca se conheceo outro amor mais que o da virtude , e aquella Platonica idéa , que negão os viciosos , desconhecendo hum hábito de sinceridade interno , com os exteriores de huma attenção cortezã : nada parece , que concorre tanto para formar em hum e outro sexo estes admiraveis costumes , como a liberdade prudente , que desde os innocentes annos se lhes permite ; pois quan-

do chegão áquelles, em que he precisa a virtude para vencer o perigo, tem a familiaridade transformado com venturosa ignorancia os primeiros estímulos do vicio em puras demonstrações de hum affecto simples; e as maximas da honra, e da Religião achão em lugar do estímulo, que costuma causar a privação, a indifferença, que produz a familiaridade.

E se os moços, que tiverão todas aquellas prevenções na creação, já porque as autorizava o costume do Paiz, já porque as conhecião uteis os instruidos Aios, mallogrão os primeiros innocentes hábitos, não só porque vêm na corrupção do seculo quasi inculpaveis as leviandades de moço, mas desculpadas as fraquezas de homem: que espanto não deve causar-nos, que gloria não conseguiu este casto e innocente Moço, educado com huma separação quasi barbara do outro sexo; com humas impressões do perigo, que havia no seu trato, que lhe fazião odioso o nome de mulher? que espanto, digo, não deve causar-nos, quando se vio obrigado a tratallas no periodo

mais crítico da sua idade , obsequiando-as , como se tivesse vivido sempre com ellas ; respeitando-as , como se estivessem fóra do commercio da humanidade ? nem as amou , nem as temeo ; nem as buscava , nem lhes fugia ; ninguém foi mais continente que elle , e ninguém parecia tão attento.

Prodigiosamente se fortificavão , e se hião melhorando os hábitos da educação pela força do juizo , e pela verdadeira intelligencia da honra : não fez acção alguma na sua vida , que se apartasse de tão nobres principios ; e por isso não só lhe fazião pouco effeito as paixões , mas parece que nem tinha aquelles innocentes e quasi inseparaveis appetites da mocidade.

He certo que D. FERNANDO foi educado para a vida Ecclesiastica ; mas isto , ainda mal , parece que bastára para elle o desmentir ; menos culpavel com tudo , não o levando a sua devoção a receber ainda as Ordens Sacras. Tal era a sua humildade , ou a idéa , que fazia da perfeição dos Sacerdotes ! Porém depois que se tonsorou , ninguém o viu em casa , no cam-

po, ou na Corte, que lhe não parecesse hum homem addicto á Igreja; nenhum cuidado na compostura da sua pessoa, que excedesse hum simples asseio; nenhum gosto em vestir aquelles ornatos mais ricos, que lhe permittia a Constituição.

Vio partir seu Irmão para a Corte de Paris, vio-se obrigado a deixar seu Pai na de Madrid, e a retirar-se á Universidade de Coimbra; desejava seguir hum, e acompanhar outro; tinha todas as idéas agradaveis daquella jornada; conhecia a differente figura, que faria, ou filho de hum Embaixador em Madrid, ou particular Estudante em Coimbra; porém como era justo preferir a tudo os seus estudos, não só levou com a maior constancia estas sábias determinações do Pai, mas até parece, que a razão lhe diminuiu a saudade: vio partir o Irmão como se se lhes trocasse a sorte, e voltou para Lisboa com o mesmo gosto, com que sahio para Madrid.

Quanto aproveitára naquelle anno, que esteve fóra da sua patria, só se acabou de per-

suadir depois que tornára a entrar nella; porque as discretas Irmãs, os sabios Parentes, e as pessoas do seu conhecimento e amizade juntavão o instante da sua partida com o da sua chegada; e por isso se lhes fazia mais notavel a differença, que não áquelles, que cada dia testemunhavão o successivo progresso das suas prendas e virtudes: assim o que dispõe a tenra planta, e cuidadoso a visita, como insensivelmente cresce, não chega a conhecer o seu extraordinario augmento senão depois que outro, admirado de a ver arvore corpulenta, o faz lembrar do tempo, em que mal se distinguia a verde folha na escavada planicie.

Mas que extraordinario era o modo, por que este Cavalheiro se fazia notavel depois daquella jornada, e que differente da maior parte dos que na mesma ou maior idade voltão das Cortes estrangeiras? Que affectação em todas as suas acções; que displicencia na melancolia de Lisboa; que desenvoltura nas conversações; que ar de desprezo para os que não sahirão; que impertinencia em fallar nas terras em que

estiverão ; que cançados em referir as cousas mais vulgares dellas ; que nescios em fallar a sua lingua com a frase de outra , que ignorão mais ; e que estudo em não parecerem do Paiz , onde nascêrão ?

D. FERNANDO porém não dava a conhecer a ausencia da sua Patria senão em fazer-se mais amavel aos seus naturaes : que rara vez , não sendo perguntado , se lhe ouviria dizer , que estivera fóra de Portugal ; e que pergunta se lhe fez sobre o governo , costumes , e estabelecimentos do Reino , que víra , talentos , e caracter das primeiras pessoas da Corte , a que não satisfizesse com hum judicioso conhecimento ? Com que advertencia justificava certos usos , que o descostume nos fazia extravagantes ? E com que modestia se sorria , quando não devia justificallos ? Talvez por estar continuamente observando entre nós alguns , que pelo tempo , em que os não vio praticar , se lhe fazião igualmente estranhos : qual he o Paiz , que com as raridades , que o fazem particularmente notavel , não tenha abusos , que o desacreditem ?

Em huma só cousa não podia este Fidalgo occultar que tinha sahido da sua Patria, e era na civilidade, com que tratava as gentes desde que voltou a ella até o ultimo instante da sua vida; adoptando hum costume sobre este delicado ponto mais livre que o que permite o Ceremonial Portuguez; concorrendo e tratando os Particulares benemeritos nos lugares mais publicos e mais distintos não só com a mesma igualdade, mas procurando sempre encobrir-lhes a superioridade, com que a fortuna o distinguio.

Com esta admiravel arte de viver com os homens, fundada no conhecimento delles, passou á Universidade de Coimbra, aonde a politica lhe não era menos necessaria, que em qualquer das Cortes, em que estivera; muito principalmente querendo fazer profissão das Letras, e sendo por isso obrigado a viver entre parcialidades e emulação, ainda que autorizadas, e não sei se proveitosas; encontrando outro novo embaraço em não seguir partido algum.

O seu estabelecimento o fez bemquisto pri-

meiro que o seu trato o fizesse amavel; porque não excedia na sua casa e familia a decencia indispensavel a hum distinto e sisudo Estudante; não só se sujeitava á reforma, que o bom Governo havia introduzido contra o fausto, para facilitar os estudos e a residencia naquella Cidade, mas deixava para os que nella fazião a primeira figura nas Letras o uso das maiores liberdades, que a Lei lhe permittia.

Era o mais attento com o seu Reitor em todas as funções, que o Estatuto o obrigava a acompanhallo, e em toda a occasião, que a civilidade pedia que o buscasse. Respeitava o Corpo da Universidade em qualquer dos seus Professores; as casas dos mais benemeritos erão as que mais frequentava; e subia a escada de qualquer Estudante, que huma vez o procurou, todas as que o pedia a boa criação.

Não devo passar em silencio o cuidado, que lhe devia o recolhimento da sua casa; porque mal se deve esperar de hum moço de dezesete annos, e de hum Estudante, a vigilancia do Pai de familias mais acautelado:

conhecia que as desordens dos criados não só desgostão, mas desacreditão os Amos; e que tanto mais a sua pessoa se distinguia, quanto mais se devia prevenir; porque a politica dos que governão, primeiro castiga o Senhor da casa com a attenção de participar-lhe o máo procedimento dos domesticos.

He certo que nem todo este desvelo seria bastante para evitar ou as queixas ou o escandalo da familia, mas era infallivel a resolução mais severa no minimo desacerto: aqui he aonde parece que faltava a este Fidalgo não só a prudencia, mas o conhecimento da humanidade; pois nem a fraqueza della, a occasião, ou os annos servirão nunca de desculpa, ou de dissimulação. Tanto zelava a honra do seu procedimento, que a julgava offendida com a mais leve mancha de falta de modestia, ou de desconcerto do ultimo criado: mais parecia Pai do que Amo na instrucção, que lhes deo, e no amor, com que os tratava; porém era mais inimigo, que Juiz apenas os via culpados: argumento infallivel da pureza

da sua consciencia, e da austeridade dos seus costumes.

Como o fim, que o levou a Coimbra, não era o de adquirir o gráo para gozar dos fructos de algum Beneficio, mas sim o de estudar, e vir a ser com as Letras util á Patria; em quanto os mais se acalentavão nas frias manhãs ao som do despertador da Universidade, elle, que velava a maior parte da noite sobre os livros, ao primeiro toque perdia o saboroso sono; e deixando precipitadamente o leito, era o primeiro, e talvez o unico Estudante, que apparecia nas desabridas ruas de Coimbra: da mesma sorte que o Soldado, que por força da disciplina sonha com o tom da caixa; e apenas fatigado busca o natural descanso, sobresaltado acorda ao mentiroso rufo, que lhe finge nos ouvidos o cuidado, com que se encostou; vaga, corre, e se apresenta no socegado campo.

Fazia-se mais notavel esta assistencia nos Geraes pela inutilidade, que communmente se considera em frequentallos: (tanto póde per-

suadir a preguiça!) Correm os sinos para chamar os Mestres, e não para desaccommodar os discipulos! Isto porém não obstante, inalteravelmente continuou por todo o tempo, que cursou a Universidade, em fazer aquelle obsequio aos Lentes, não perdendo tambem na Sala todas as occasiões, que tinha de ouvillos; honrando, e familiarizando-se com aquelles Estudantes, de quem testemunhára os Actos mais distintos; e buscando todas as occasiões de instruir-se com os que tinhamo merecimento. Tomava por descanso, e por desafogo, não a ociosidade, nem os passatempos inuteis; mas sim a variedade das applicações; ao mesmo passo que se adiantava na Jurisprudencia se fazia distincto no agradavel conhecimento das Bellas-Letras, e nas Lingoas, que o facilitão.

Conhecia tanto a preciosidade do tempo, que não só não perdia instante, mas o aproveitava no melhor estudo: quando se fechavão as Aulas, e cada hum queria ser o primeiro, que chegasse a sua casa, ou para matar a saudade, ou para convalescer da grosseria do tra-

tamento, que tivera, com o melindre da assistência de sua familia, elle ficava na Universidade até se acabarem os Actos; outras vezes sahia a ver as Provincias do Reino, que lhe erão desconhecidas; assim para se instruir, e saber dar huma verdadeira idéa delle, como para discorrer solidamente sobre o modo, por que se podião melhorar os seus interesses, evitar abusos, e prevenir misérias: tanto era mais louvavel esta applicação quanto he sem exemplo, seguindo-se da falta de semelhante instrucção não só a vergonha de ver qualquer estrangeiro mais presente em materia, que lhe deviamos ensinar; mas o erro de fallarmos em adoptar costumes estranhos sem o conhecimento do Paiz, preciso para nos lembrarmos das reflexões, que devem preceder ao seu estabelecimento; havendo nelles tão consideraveis differenças, que o que faz florescer huns arruinaria os outros.

Foi o Senhor D. FERNANDO creado com a delicadeza correspondente á sua qualidade, e supposto que sem molleza, nunca se lhe ins-

pirarão as conveniências de huma vida frugal e trabalhada; porém como o seu entendimento suppria as instrucções e a experiencia, nunca fez jornada em sege, quando não havia maior razão do que a sua commodidade para a fazer a cavallo; nunca o embarçou a noite, ou o deteve a manhã; marchou com todo o tempo, quando não era temeridade expôr-se; e satisfazia-se a toda a hora com qualquer sorte de sustento, que se lhe servia; tanto descansava na dura palha, como na molle penna. Tornando porém aos seus Estudos; o mesmo excesso da applicação fazia mais arriscada a felicidade dos seus Actos; que como não havia lembrança de sujeito tão estudioso lhe era necessario, para não passarem por mediocres, que escurecessem a memoria dos poucos, que se fizerão recommendaveis na Universidade: tão extravagante he o juizo dos homens, que nem avalia as cousas pelo que são na realidade, nem pela idéa, que dellas tem, bastando para diminuir-lhes o merecimento huma extraordinaria expectação, e hum conceito ridiculo para o augmentar!

em que chegou a Universidade: muito

Tanto mostrou porém nos menores, e nos grandes Actos o profundo conhecimento, que tinha adquirido de huma Sciencia tão vasta, que foi qualquer delles huma Ostentação; e não só conseguiu as graças, e as acclamações, com que a Universidade distingue os Sabios dos ignorantes, mas foi o unico, que no seu anno trouxe informações de *muito bom*: aquelles, que sem outra noticia dos seus estudos, e a quem ella se fizer suspeita, olhando para o titulo desta Oração, quizerem persuadir-se, que tão notavel distincção foi mais obsequio á sua qualidade, que justiga ao seu merecimento, examinem primeiro os Assentos dos seus iguaes; consultem antes, se entre elles os tiverão assim os que se ornavão das maiores circumstancias para o obsequio. Terrivel pensão da Grandeza, que para vingar a facilidade, com que nella brilhão os talentos, tem sempre contra si o argumento da lisonja!

Graduou-se D. FERNANDO, e no fim dos annos se achava tão imparcial, como no dia em que chegou á Universidade: muitos são os

que abração semelhante resolução, por ser na realidade a mais segura, mas poucos os que chegam a sustentalla: tomou o Capello, e ficou residindo naquella Cidade, como se ainda o obrigassem as matriculas; tal era o gosto com que amava as Letras, que estranhava a assistência em Lisboa, aonde se não dilataria se o não fizessem indispensavel outros motivos: porém apenas soube que havia Ostentações, tirou Provisão Regia para ser admittido nellas, não lhe podendo servir de nota deixar de entrar neste Concurso por ser em outra Faculdade. Deixo de ponderar aquelle Acto, que supposto o faz recommendavel esta circumstancia, a de ser o mais moderno Oppositor lhe tira o merecimento, de que eu costume fallar, por ser o ultimo, que subio á Cadeira; porém a memoria da sua Opposição será inextinguivel na Universidade, dando-lhe dilatado campo, assim para luzir a agudeza do seu entendimento, como a sua profunda erudição o sabio competidor, a quem igualmente desacreditaria outro contrario.

Apenas toquei nas qualidades independentes do espirito, que ornavaõ a grande alma deste admiravel Cavalheiro, assim porque não vivemos naquelles tempos heroicos, em que a força, a agilidade, e a corpulencia entravão no número das primeiras virtudes, como por ser melhor que os homens, e principalmente os Ecclesiasticos ignorem que são attendiveis, por não cahirem na fraqueza de as estimarem; tendo chegado a tanto a ignorancia, que até nos gloriamos da gentileza: porém como vivemos em hum Mundo cheio destas e outras preocupações, em que até se achão reprehensíveis os defeitos inculpaveis, nos he preciso emendar a Natureza, não com os artificios e delicadezas afeminadas, que se fazem mais irregulares que as mesmas faltas, que queremos supprir, mas de hum modo semelhante áquelle, com que D. FERNANDO prevenia os que o ouvião.

Tinha este Fidalgo tal embaraço nos órgãos da articulação, que fallava sem pronunciar trez ou quatro letras do Alfabeto; mas

possuia tão bem a sua lingua, que evitava o equívoco e a cacophonia, que podião resultar da combinação daquellas, de que usava em lugar das proprias; e o acerto, com que discorria, obrigava os sisudos a que perdessem de vista toda a estranheza das palavras pendentes totalmente do conceito dellas; e moderava os effeitos da novidade nos menos capazes de tão discreta inadvertencia.

Esta he huma daquellas verdades, que não devem entrar nas Composições por inverisimeis, e que eu calára, ainda olhando para a fidelidade da Historia, senão tivesse a incontrastavel prova da attenção, com que foi escutado as muitas vezes que fallou do Banco, dos Doutóraes, e das Cadeiras da Universidade. Que expectadores mais livres, que auditorio menos indulgente?

Agora he que eu necessitava de novas inspirações, que elevassem o meu entendimento, e a minha voz para louvar a Religião, e Piedade deste illustre Homem. O modo de adquirir os bens, e o modo de os distribuir igual-

mente combatião a consciencia deste perfeito Ecclesiastico; quando lhe offerecião algum Beneficio, e era seu Irmão quem os apresentava, sem o voto dos primeiros Theologos ficava inutil a persuasão, depois que a renda dos que tinha bastava para a sua moderada sustentação: e quando havia de despendella era tímido também, e circunspecto nas suas applicações. Erão bens de pobres, e não os queria distribuir como seus.

Aquellas despesas, a que vulgarmente chamão generosidade, e que consistem em dar muito onde bastaria dar menos, ou em despendar, quando não era preciso dar, em toda a idade, e em todo o estado forão engrandecidas, mas nunca imitadas por este sabio Homem. Conhecia quanto he digna esta virtude fundada no desprezo da vil ambição do ouro, mas olhava para as falsas luzes, com que ella regularmente brilha; faltando muitos para satisfazer a esta propriedade da Grandeza, ás obrigações da humanidade, e quantas vezes á honra; comprando com o sangue, e com a

ruína de infelices huma gloria tão futil e tão alheia do Evangelho.

Ninguém parece com tudo, que se achava em hum estado tão proprio para poder desempenhar esta qualidade do animo, que mais se costuma distinguir nos annos juvenis, porque as rendas erão avultadas, olhando para a sua despesa, supposto que não desfructava os bens da Casa, mais que naquillo, que a decencia della lhe não permittia evitar; porém as reflexões, que fazia sobre a qualidade das suas rendas, e sobre as obrigações da humanidade, nunca lhe pareceo que admittião o menor desperdicio na distribuição dellas. Olhava menos para si que para os pobres: olhava para Deos, e não para o mundo.

A sua equipagem era decente, mas vulgar; a sua familia diminuta; casa não a tinha; os ornatos da sua pessoa os indispensaveis, e de menos despesa; castos e irreprehensiveis os costumes; achando-se-lhe por sua morte setenta e tantos mil réis, que hum Rendeiro veio entregar depois da sua enfermidade, e já quando seria imprudencia deixar-lhos receber.

Parece que não he precisa maior ponderação? Mas olhemos para as terras, em que se achavão as rendas destes Benefícios, veremos a afflicção daquelles povos: as viúvas chorando a segunda orfandade dos filhos innocentes, e lastimando o risco, em que põe o desamparo as adultas donzellas: inconsolaveis os Rendeiros, lembrando-se agora das vexações, que padecerão com alguns de seus Predecessores. Os enfermos e necessitados já temem a anticipada morte, faltando-lhes os medicamentos e sustento, com que a piedade deste santo varão os soccorria: e os Parocos publicando as importantes esmolas, que occultamente despendião por sua ordem.

Ponhamos os olhos nas calamidades públicas deste Reino, em que lhe não era possível conservar aquelle segredo, com que a sua caridade costumava acudir ás particulares misérias, e veremos os Hospitaes, os campos, e as prizoës desfructando igualmente os effeitos da sua misericordia.

Passemos finalmente a esses carcerees, las-

timosos theatros de todos os accidentes e infelicidades da vida humana, em que as funestas imagens da morte, da afflicção, e da miseria entrando por todos os sentidos nos enchem o coração de huma horrorosa tristeza; e sabermos a frequencia e a constancia, com que supportava a vista destes espectaculos, depois que o fizerão Mordomo dos prezos, com tão evidente risco da sua vida: veremos o espirito, com que animava hums, e consolava outros; a grandeza com que os soccorria, elles a digão, que só então se fará crível, sendo superior ás faculdades, e talvez ao animo de hum particular; o fervor e a efficacia, com que os protegia, que Ministro d'ella, que a ignore? Que Secretario de Estado, que não a conhecesse pelos justos e repetidos recursos, que fazia a Sua Magestade?

Não deixarei de referir por credito desta, ainda que pública e tão authentica verdade, que passando este Fidalgo á Villa de Mafra a rogos dos Parentes, e repetidas persuasões dos Medicos em Outubro do anno de 1762,

para prevenir com o uso de alguns remedios, em clima menos ardente as consequencias de huma actual molestia de cabeça, talvez adquirida naquelles pios exercicios, e havendo dado as providencias em Lisboa, e as disposições em Mafra para aqui se dilatar até aos fins do anno: como estivesse pendente huma representação, que havia feito a Sua Magestade a favor dos seus prezos, e a occasião da jornada, que a Corte costuma fazer áquella Villa, lhe não permittisse deixar de sollicitar o seu expediente; apenas Sua Magestade lhe deferio, e eu lhe remettivo Aviso por ordem do Ministro de Estado D. Luís da Cunha; como se tivesse seguido a Corte para alcançar aquelle Despacho; como se fosse da ultima importancia, e não pudesse ter execução sem a sua assistencia; e finalmente como se aquelle lugar, aonde tinha ido buscar o remedio da sua molestia, estivesse inficionado de algum contagio; apenas, digo, recebo a ordem para allivio daquelles miseraveis, voltou para Lisboa, e nunca mais foi possível apartallo hum só dia

de tão penosas e cançadas applicações, para tratar do restabelecimento da sua saúde.

He verdade que não deve admirar nos tanto o desvelo, com que se empregava nestas obras catholicas e santas, faltando ao descanso, ao sustento, e á caridade com a sua pessoa por qualquer leve motivo, se se reflectir na efficacia, com que já dissemos que elle satisfazia as suas obrigações; e na actividade do seu ardente genio; quando sem tão solidos merecimentos e forçosos motivos lhe devião igual cuidado, e obrigavão ao mesmo descommodo os interesses dos amigos, e as pessoas, que buscavão a sua protecção, e valimento.

Mas como se trocou este ardor e impaciencia do seu espirito em resignação e conformidade, quando lhe sobreveio a molestia, que o separou dos mortaes? Conhecendo a gravidade della melhor que os Professores, pedio e recebeu os Sacramentos da Igreja; e desde aquelle instante se resignou tanto nas mãos de Deos, e se sujeitou de sorte á vontade dos homens, que estranhava lhe dessem parte dos vio-

lentos remedios , que querião applicar-lhe : repetidos tolerou os mais activos , e os mais pungentes , ainda que os conhecia inuteis , não só com humildade de Christão , mas com fortaleza de heróe. Lisonjeou-nos a enfermidade com alguns equívocos signaes de melhora , que degenerarão em mortaes symptomas ; e foi unicamente o enfermo , a quem não alvoroçou aquella esperança. Como ignorava as delicias do Mundo , lhe era indifferente a vida ; e como viveo sem paixões , acabou com o descanso dos justos.

Assim foi a morte do Senhor D. FERNANDO ANTONIO DE LIMA ; e se a verdadeira e unica felicidade dos homens se reduz á posse da Bemaventurança eterna , bemaventurado em não lograr as honras , as dignidades , e as acclamações de que era digno ; por não arriscar com a distracção do espirito , quasi indispensavel nos grandes empregos , a regularidade de huma vida sábia , religiosa , pia e casta.

F I M.

lentos trabalhos, que querião applicar-lhe: repetidos toltem os mais activos, e os mais pungentes, ainda que os conhecia inuéis, não se com humildade de Christo, mas com tor-tura de hôr. Lisonjeou-nos a enfermidade com alguns edulcoros signaes de melhora, que degeratou em mortas suppurmas; e foi uni-camente o enfermo, a quem não alivou aquel-la esperança. Como ignorava as delicias do Mundo, he era indifferente a vida, e como vivo sem paixões, achou com o descanso dos justos.

Assim foi a morte do Senhor D. FERNAN-DO ANTONIO DE LIMA; e se a verdadeira e unica felicidade dos homens se regula a posse da immortalidade eterna, bemaventurado em não lograr as honras, as dignidades, e as ac-clamações de que era digno; por não articular com a distracção do espirito, quasi indispen-savel nos grandes empregos, a regularidade de huma villa sãbia, religiosa, pia e casta.

ELOGIO
DA
SERENISSIMA SENHORA
D. MARIA BARBARA
DE PORTUGAL
RAINHA DE HESPAÑHA,

RECITADO NA ARCADIA LUSITANA

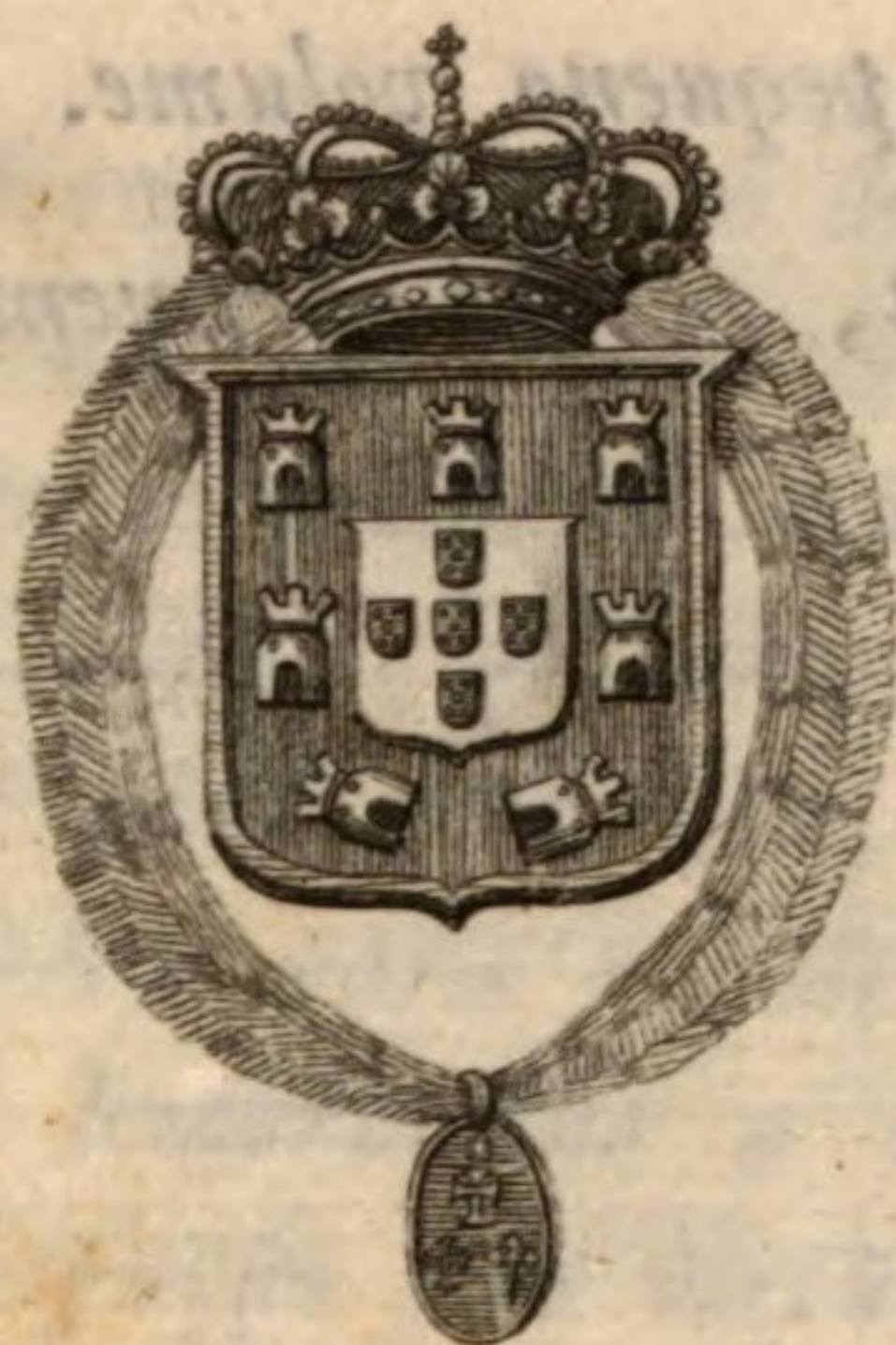
POR
MANOEL DE FIGUEIREDO,

CAVALLEIRO DA ORDEM DE CHRISTO, E OFFICIAL

DA SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGOCIOS

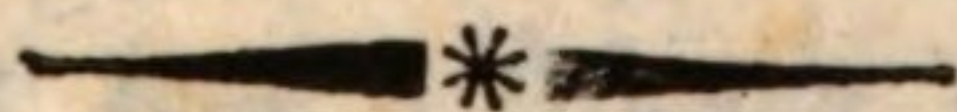
ESTRANGEIROS, E DA GUERRA.

CHAMADO ENTRE OS ARCADES LYCIDAS CYNTHIO.



LISBOA

NA IMPRESSÃO REGIA.



M. DCCC. IV.

*Este Elogio e a Ode Epodaica, que o accom-
panha, derão-se ao preço em 1758, e fo-
rão as duas primeiras Obras, que o Au-
tor publicou. O tempo as consumio por cau-
sa do seu pequeno volume. A fim de se
conservarem, se reimprimem agora com
as posthumas.*

A'

SERENISSIMA SENHORA
PRINCEZA DO BRAZIL,

SENHORA.

A V. Alteza, a quem destina a Providencia alguma das primeiras Coroas do Mundo, offereço o Elogio de huma das mais virtuosas Rainhas, que chorarão os seculos. Se ponho os olhos no Trono, tem V. A. tão perto os objectos para a imitação, que fora irreverencia lembrar-lhe a heroicidade; se para a satisfação das virtudes não fossem menos efficazes as acclamações, do que as lagrimas.

Satisfeita, mais que admirada, verá V. A. o que tem o Mundo suspenso; por-

que a semelhança, desde já lhe assegura,
no geral sentimento desta Heroína, o mes-
mo beneficio da immortalidade, a que a le-
varão aquellas virtudes, que melhor que na
eloquencia dos Historiadores, vê a admira-
ção escritas pela Natureza na Pessoa de
V. A.; e quando della dependa a felicidade
dos Póvos, terá aquella venturosa Rainha
o seu maior Elogio na lembrança, que nos
excitárão as Acções de tão prodigioso Gover-
no. Estas considerações me animão a espe-
rar da Protecção de V. A. a benigna, e ge-

*ral acceitação dos meus Escritos , que até
para augmentar a gloria do Patrocinio , não
quiz que com menos motivo sahisse den-
tre as sombras da modestia á luz da es-
tampa.*

Manoel de Figueiredo.

Manoel de Figueiredo.

ELOGIO.

SE a razão prevalecesse ao costume, se as Estatuas se erigissem pelo temor do esquecimento; inutil, e temerariamente emprehenderião os meus escritos assegurar na eternidade a memoria da Serenissima Senhora Rainha Catholica D. MARIA BARBARA. Quando se enxugarão as lagrimas? Quando vio o Mundo outra Princeza com tão altas qualidades?

Mas oh religiosa ignorancia! que suggerida pelo desengano de ver iguaes na morte as primeiras Personagens do Mundo lhes confundes as vidas. A mesma eloquencia, que zelosa do credito dos Heróes, devêra só ensinar-nos a narrar as solidas virtudes, se empenha mais em prescrever-nos regras, com que a lisonja até preserve do esquecimento acções indignas da Posteridade.

Não religiosa , e sábia Princeza , que tanto trabalhastes pela gloria ; não temais , que em quanto se cortão as pennas para recopilar as Acções da vossa illustre Vida , se diminua o sentimento nos Escretores ; e que as mal articuladas clausulas deste Discurso pareção mais reverente obsequio da Magestade , que generoso culto da Virtude.

O Nascimento , e a Dignidade , que conferio a Providencia á Serenissima Senhora Rainha Catholica nos seus Augustos Progenitores , no elevado Trono da Monarquia Hespanhola forão indifferentes á sua gloria ; porque aquelle Espirito grande brilhou tão independente dos favores da Ventura , que não só encheo de suspensões o Mundo pelo admiravel uso , que delles fez ; mas pelo conhecimento , que nos dava em todas as suas Acções , de que em qualquer estado , que a collocasse a cegueira do Destino , se faria igualmente prodigiosa. Não veria o Mundo os effeitos do seu admiravel Governo , porém veneraria nas suas Virtudes a primeira Heroína.

Digão-no quantos Ministros Estrangeiros tiverão a felicidade de residir na sua Corte; e confirme-o a admiração do prudente, e sabio Rei FERNANDO VI., digno Esposo de tão grande Consorte; que conhecendo as illustres Qualidades do Espirito de S. Magestade, não só a considerava attento para fazer inseparavel a sua assistencia das funções do Ministerio: mas a ouvia como Oraculo, vendo por experiencia segura a felicidade das deliberações na cega approvação do seu Juizo.

Não diminuiria eu, Justo Principe, nem a vossa Autoridade, nem a vossa Gloria em attribuir-lhe huma grande parte da que vos tem conseguido a igualdade dos acertos na differença das Negociações; a consideração dos merecimentos na distribuição dos premios; a conclusão de Tratados, que duraráõ Seculos; a circunspecção em revogar as leis; o desvelo em augmentar com outras a felicidade dos Vassallos; a promptidão em recompensar as acções illustres: mas olhai para o Coração daquella Princeza, vereis huma piedade digna do seu Espirito; não a que faz o Elogio de

tantas Rainhas, que, esquecidas do bem dos Povos, se sepultavão nos Santuarios; mas a de huma Catholica Heroína, que na compaixão dos Mortaes buscava o caminho da felicidade eterna. Não vedes as tristes Orfãs consoladas? Não vedes os Mendigos satisfeitos? Satisfeitos; não por aquella accidental liberalidade, que lhes consegue a vista dos Soberanos; mas por huma sólida Fundação, que augmentou a actividade desta Princeza; conhecendo, que o espectáculo de taes misérias não só he hum escandalo da magnificência do Trono; mas que aquella ou pia, ou precisa condolencia sustenta, e facilita os mais contagiosos vicios da Republica, ociosidade, e latrocínio. Não vedes os Hospitaes providos? Nem quero que os considereis com a imaginação. Cotejai, cotejai a Relação dos Enfermos que entrão com a dos que sahem; lede as do tempo, em que lhes não assistia a piedade desta Heroína; então conhecereis a sua administração; então filosofareis melhor sobre a Predestinação.

Como vos edificaria a compunção, que

à prostrava diante da Eucharistia? A frequência do Sacramento da Penitencia? A veneração á Igreja? A penosa assistencia dos Anniversarios dos Reis defuntos no Templo de São Lourenço do Escorial; a que nem o conhecimento daquelle Clima tão opposto á delicadeza de sua Constituição pôde suspender já mais a devoção; ainda que a molestia fizesse estremecer pelo risco da sua preciosa vida.

Olhai agora, Amantes da Sciencia, para o novo, e magnifico Estabelecimento da educação da bella Mocidade. Olhai para esta admiravel Rainha autorizando a Nobreza com a sua assistencia no Exame dos progressos litterarios. Vede-a decidindo do merecimento das obras na Academia de Pintura, Escultura, e Architectura. Regulai o seu conhecimento da Poesia pelos Dramas, que elegeo para se representarem na Corte. Que confuso não ficaria Aristoteles, vendo que huma Rainha conseguíra por genio no nosso seculo, aquella intelligencia, a que elle não chegára senão depois de muitos annos de meditação, em tempos mais felices! E que desvanecido, de

N

ver conformes com o seu entendimento os juízos de huma Princeza tão incontrastavelmente sábia! Oh admiraveis Genios Hespanhoes! Que pouca inveja terieis de Gregos, e Latinos! Se os Príncipes, que estimarão vossos Escritos, tivessem a Crítica desta sábia Heroína.

Não vos admireis. Olhai para esta Princeza na Assembléa da Corte, rodeada dos primeiros Politicos do Mundo, dos mais discretos Oradores, dos mais dignos Prelados, dos mais eruditos, dos mais prudentes, dos mais sabios Homens: vereis huns apprendendo Maximas, outros decorando Sentenças; estes admirados pela austeridade da virtude, aquelles confundidos pela antiguidade das noticias, e todos suspensos da Crítica, do Juizo. Perguntai-o, discretissimos Socios, perguntai-o.

Quereis saber como a Natureza, e a Arte adornarão aquelle Espirito? Imaginai a Figura mais bem proporcionada, hum semblante, em que se compadecem a Affabilidade, e a Soberania, huma Voz, cuja harmonia parece que chega primeiro á alma, que aos ou-

vidos. No modo de explicar-se havia humia escola da Oratoria. Tão acordes os movimentos da Figura, que todos parecião estudados; e tão livres, que ninguém podia attribuillos a preceito: tão observadas as regras da locução nos seus discursos, e tão armoniosa a collocação das palavras, que em qualquer das cinco linguas, que possuia, parecia hum dos mais perfectos Oradores dellas.

O grande conhecimento da Musica, a pezar da corrupção dos seculos, confirmava no extasi das Pessoas, que tinhão a honra de ouvir a S. Mag., os effeitos, que por admiraveis queria a ignorante vaidade dos nossos tempos negar á sábia Grecia; deixando de ver, que aquelles Homens, que tanto conhecerão a Natureza, e que tanto se distinguirão nas Sciencias, terião elevado aquella, que fazia a sua primeira paixão, ao sublime grão de tirar-nos da alma os mais prodigiosos sentimentos.

Agora sim, amabilissimos Socios, agora he que a vossa attenção acabará de suspender-vos. Escutai os effeitos da humanidade. Ve-

de-a chorando a morte de seu Augusto Pai como huma infeliz Orfã, que fica exposta ás inclemencias do Mundo; como huma desgraçada Viuva, que perdeu no defunto Esposo todo o amparo dos innocentes Filhos. Vede-lhe saltar as lagrimas dos olhos sempre, que se articulava o seu Augusto Nome. Necessitais de provas para conheceres o estremecimento por toda a sua Regia Familia, assim na mais leve incommodidade dos nossos Principes, como no susto, que elles experimentavão nas molestias de Sua Magestade?

Considerai-a entre as occupaões do Governo daquella Monarquia; entre a adoração dos seus Vassallos; entre as magnificencias, e delicias do Throno, conhecendo as divinas satisfações da Amizade: Oh desgraçados Principes! que poucos sois os que gostais esta unica felicidade do Mundo! Entretendo, depois de huma separação de quasi trinta annos, na distancia de cem legoas, entretendo huma regular correspondencia de proprio punho, de proprio punho até os mesmos sobrescritos, com huma das suas dignas Criadas, que sempre

foi o Ornato da nossa Corte. Não se desvanecem na imaginação as idéas que nella se imprimem nos primeiros annos ; mas tal he a soberba da dignidade , e tão dependente o coração dos olhos , que fazem virtude a mesma Natureza.

Oh como foi constante nas suas estimações , e patrocínios ; e quando erão menos poderosos , que a desgraça , fazia agradavel a mesma infelicidade pelos honrosos effeitos da sua compaixão ; que tanto devem prevalecer nos animos illustres , quanto as claras luzes daquelle entendimento erão superiores á cegueira do Destino.

Olhai quantas casas sepultadas no esquecimento , ou pelo orgulho de hum Ascendente , ou pela emulação do Valimento (que nem sempre foi testemunha da Virtude) conseguirão pela de seus benemeritos Successores o antigo lustre nos primeiros empregos. Oh admiravel Princeza ! Oh moral sentimento da humanidade tão poucas vezes praticado no Mundo ! Como se as almas dos Antepassados se transferissem aos Descendentes ! Como se

aquelle sangue de que se animão os nossos corações influisse nos movimentos da alma ! Como se herdasse o Throno as paixões particulares dos Principes !

Oh como a heroica Piedade de Sua Magestade sabia moderar os castigos sem escandalo da Justiça ; fazendo conhecer aos delinquentes a violencia que encontravão no Pio Coração d'ElRei Catholico os rigorosos , ainda que justos procedimentos , dando-lhes o estimulo para a emenda mais na razão , que no temor ; e como os amava tanto , judiciosamente ponderava , quantas mortes soffre qualquer Vassallo em hum instante , que vive no desgraço do Principe.

Mas para que nesciamente me detenho em descrever as suas Virtudes , que não só as desfigura a minha comprehensão ; mas até percebo nos ouvidos , inferiores á idéa que dellas faz o meu entendimento ; se a infelicidade daquella Monarquia , a desgraça lamentavel da Esterilidade desta Princeza he o seu maior Elogio.

Não vos espanteis , eruditissimos Socios.

Discorrei antes por todas as Monárquias, se quereis sahir da Hespanhola, e vede se não foi a falta das successões, a que mais tem animado o monstro da discordia; a que tem inundado a Terra de humano sangue; a que tem assolado os Reinos com guerras civís; a que tem prevertido a intelligencia dos Testamentos; a que inventou pretextos para illudir a fé dos Tratados; a que mais tem feito gemer a Natureza.

Discorrei mais. Quantas Rainhas não sofrerão por esta infelicidade a aversão dos Povos, o desprezo dos Consortes? A violencia do repudio? Quantas alcançarão, assim na adoração dos Vassallos, como na idolatria dos Esposos, o premio das suas virtudes, depois que o Céu as abençoou com a posteridade? Que de taes acasos da Natureza o faz dependente o barbaro, e ignorante Mundo.

Oh como vos não admirareis agora? vendo, que nem a vaga imaginação dos Politicos, nem o zelo temerario dos Circunspectos, o sentimento dos Virtuosos, e a barbaridade do Vulgo se lembrarão de exemplos tão las-

timosos. Que provada felicidade em que vivião ! Que argumento de que a attribuição á influencia desta incomparavel Rainha ! Conheceis as paixões , conheceis os juizos , conheceis os homens : a que haveis de attribuir esta conformidade com a disposição da Providencia ?

Oh como vos não admirareis agora ? vendo sem exemplo a ternura , com que foi idolatrada esta amavel Rainha por seu adorado Consorte ? O desvelo , que deve a este Principe a felicidade da Monarquia , persuade , que a sua religião encobriria o sentimento de não deixar-lhe hum successor herdeiro das virtudes daquella Heroína ; mas como conhecerieis o engano , vendo que fazia as suas delicias só da contemplação das perfeições de tão Soberana Princeza ; deixando sempre com sentimento a sua companhia ; sendo o primeiro admirador das suas regias , e virtuosas Qualidades ; como não attribuireis a ellas hum tal satisfação , que não deixava livre o espirito para considerar augmentos na felicidade ?

Mostrai-me , vós que sois tão versados na

sagrada, e profana erudição, mostrai-me hum exemplar: mostrai-me hum Rainha infecunda, não só que emmudecesse o sentimento, mas que o não deixasse entrar nos corações: mostrai-me hum mulher que não pudesse imaginar no bem da prole motivos para maior estimação do desvanecido Esposo: e mostrai-me hum Reino todo inconsolavel, quando a Providencia ainda lhe deixa algum caminho para a continuação de semelhante felicidade.

Olhai para a nossa Corte; não já para os Soberanos, ou para os Principes, que na igualdade, e na semelhança das virtudes está tão segura a estimação dellas, que nos suffoca a admiração pelo costume; mas sim para aquellas Pessoas, que tiverão a honra de estar aos pés de Sua Magestade; vereis a agonia dos corações na afflicção dos semblantes; não lhes distinguireis nas lagrimas os differentes caracteres do espirito; ouvireis repetir-lhe o que na sua vida nem podia calar o assombro, nem exaggerar depois da morte a eloquencia.

Mas aonde torna a conduzir-me o senti-

mento? Aonde me leva o amor da Patria, zeloso de que as fieis lagrimas Portuguezas se não confundão com os enternecidos clamores Hespanhoes? de que o theatro das Acções não mereça aos seus Vassallos, mais do que aos Portuguezes a origem das virtudes; de que não prevaleça a doutrina dos annos, aos milagres da Natureza, na formação dos Heróes, admiraveis apenas produzidos.

Chorai fieis, discretos, e gloriosos Portuguezes; chorai a morte da vossa Augusta Princeza, que a fama que vos faz tão espantosos pelas valerosas Acções, a que vos conduzio o amor dos vossos Principes, se augmentará na ternura com que distinguireis esta Heroína. Assim como eu me atrevo a esperar, que lograrei na Eternidade hum illustre nome pela observação, que fiz do Character de Sua Magestade naquella Corte, desde a infinita distancia, em que me poz a minha condição, e naquelles poucos annos, em que os mais venturosos talentos são menos judiciosos, que penetrantes. Deixando ao Mundo (em quanto o tempo de quem tanto depende a perfeita idéa

dos Soberanos, não facilita aos Historiadores a revelação dos segredos do Gabinete, e a ponderação sobre os differentes estados da Monarquia) deixando, digo eu, longe dos espantos da morte, hum bem justificado motivo a tantos lutos, na reflexão desta pequena parte das suas Acções públicas: e o mais solido fundamento para a nossa conformidade, se ella he possivel, na pia certeza, que devemos ter, de que este golpe, que faz inextinguivel a nossa mágoa, anticipou á Serenissima Heroína huma felicidade, a que em tão curta vida unicamente se dirigio a prática de tantas virtudes, de tantas, que farião eterna a saudade do Mundo, ainda que os Homens ignorassem, que durão as memorias menos nas tradições que nos Escritos,



A' A R C A D I A
O D E E P O D A I C A.

N ão fez mais celebrado ao grande Homero
 A colera de Achilles ;
 Que a ternura das lagrimas vertidas
 Na morte de Patroclo.
 Não fez , não , mais notavel ao Poéta ;
 Intrepido , e arrogante
 O valeroso Priamo ; que afflicto
 Aos pés desse guerreiro ,
 Inconsolavel Pai , chorando a morte
 Do generoso Filho :
 Oh Pastores do Ménalo ! altamente
 Cantastes as virtudes
 Do nosso Augusto Rei , de seus Ministros
 O famoso talento :
 Quantos Heróes venera o Reino Luso
 Tantos vossos Escritos

Tem preservado já do esquecimento
 Nos seculos futuros.
 Destemperaí a Lyra : ao verde Louro ,
 Que vos cinge as cabeças ,
 Substitua o Cipreste denegrado.
 Esses mesmos soluços ,
 Com que explicais a mágoa , vos ministrão
 Da voz no rouco accento
 As mais sublimes clausulas do Assumpto.
 Não fugirão de ver-vos
 As engraçadas Ninfas , c'os cabellos
 Cahidos sobre os olhos ;
 Se pelos alvos hombros já desfeitas
 Vedes as louras tranças ,
 Arrancadas as cãs do Patrio Tejo
 Nadando sobre as aguas ;
 Escandalo serão vossos cuidados
 Em tanto desconcerto.
 Se o sublime do Objecto , os grandes Genios
 C'os pequenos permite
 Comparar dignamente ; altos Assumptos
 Tereis neste Discurso ,
 E mais proprios talvez de vossos Versos ;
 Do que aquelles , que o Grego

Tem dado a tanto illustre, raro Engenho ;
 A quem a vossa Lyra
 Em tristes dissonancias mais acorde
 Excederá sentida.
 Porque não tenho, oh Ceos ! porque não tenho
 De Corydon as vozes !
 O dom de sentimento, com que move
 O decantado Elpino !
 Com que tu, Melibeo, tambem choraste
 O grande Benedicto !
 Mas descançai, Princeza, que a Virtude
 Que estas almas illustra,
 E que já nos semblantes manifesta
 Hum vivo sentimento ;
 Eterna adoração nos seus Escritos
 Promette ao vosso Nome.
 Assim como entre todas vos distingo
 Com lagrimas na vida,
 Assim, assim depois da minha morte
 Vivireis nos seus Versos.



OBRAS POSTHUMAS.

Pag.	linha.	Erratas.	Emendas.
44	14	A's suas letras	As suas letras
<i>Ibid.</i>	20	As minhas alegrias	A's minhas alegrias
47	19	eissoutra	essoutra
86	4	levantars-e	levantar-se
96	4	chegará	chegára
112	24	prohiba-os	prohiba-as
134	22	fazello	fazellos
161	2	insepuraveis	insuperaveis
197	23	muito	muita
199	11	Homero	Horacio
216	1	satisfazer	satisfizer
<i>Ibid.</i>	24	ellas	ella
217	1	jarro	barro
225	21	fysonomistas	fysionomistas



Figueiredo, Manuel de

Obras posthumas

Bd.: 1. 1804. - IV, 273 S.

Lisboa 1804

P.o.hisp. 745-1

urn:nbn:de:bvb:12-bsb10608476-7